

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA
LINGUAGEM

DARLENE RODRIGUES DE FREITAS

**DISCURSO, CORPO E SUJEITO:
A IMAGEM (IM)PERFEITA E A BUSCA (IN)CANSÁVEL**

POUSO ALEGRE

2019

DARLENE RODRIGUES DE FREITAS

**DISCURSO, CORPO E SUJEITO:
A IMAGEM (IM)PERFEITA E A BUSCA (IN)CANSÁVEL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Sapucaí como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem sob a orientação da Prof^a Dr^a Luiza Katia Castello Branco.

Área de Concentração: Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Linguagem, Conhecimento e suas Tecnologias.

Pouso Alegre

2019

Ficha catalográfica

Freitas, Darlene Rodrigues de.
Discurso, corpo e sujeito: a imagem (im)perfeita e a busca
(in)cansável / Darlene Rodrigues de Freitas. – Pouso Alegre, 2019.
112f. : il.


Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luiza Katia Castello Branco
Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) –
Universidade do Vale do Sapucaí.

1. Análise de Discurso. 2. Corpo. 3. Sujeito. 4. Imagem. I.
Universidade do Vale do Sapucaí. II. Título.


CDD: 410.1

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Certificamos que a dissertação intitulada “DISCURSO, CORPO E SUJEITO: A IMAGEM (IM)PERFEITA E A BUSCA (IN)CANSÁVEL” foi defendida em 7 de fevereiro de 2019, por **DARLENE RODRIGUES DE FREITAS**, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, nível Mestrado, sob o Registro Acadêmico nº98013176, e aprovada pela Banca Examinadora composta por:


Profa. Dra. Luiza Katia Andrade Castello Branco
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Orientadora


Profa. Dra. Greciely Cristina da Costa
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Examinadora


Profa. Dra. Juliana de Castro Santana
Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS
Examinadora

Dedicatória

Aos meus amados filhos, Daphne e Delthon,
parceria constante rumo ao “Porto Seguro”.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, Soberano, Onipresente e Todo-Poderoso em minha vida, sempre.

Aos meus filhos, Daphne e Delthon, por todo o incentivo e carinho, não apenas ao longo desta jornada, mas ao longo da vida.

À minha orientadora I, Profa. Dra. Greciely Cristina da Costa, por guiar, paciente e competentemente, meus primeiros passos rumo à pesquisa; pelo interesse no trabalho de orientação, evidenciado na presteza em corrigir (inclusive aos domingos) os textos enviados.

À minha orientadora II, Profa. Dra. Luiza Castello Branco, pelo suporte, dedicação, sensibilidade e admirável competência durante o período de convivência acadêmica.

Aos abundantes professores da banca de qualificação, Profa. Dra. Juliana Castro Santana e Prof. Dr. Newton Guilherme Vale Carrozza, por contribuírem com suas muitas e valiosas sugestões, norteando o prosseguimento deste trabalho.

À secretaria da UNIVÁS, representada por Guilherme, Gislaine, Amanda e Letícia, pela prontidão em atender às solicitações.

Epígrafe

Qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento
de uma sociedade capitalista como a nossa?

Michel Foucault

Resumo

Este trabalho se propõe a compreender as relações de sentido entre corpo e sujeito a partir da observação e análise do processo de produção de sentidos e de constituição dos sujeitos em suas posições nas discursividades “do” e “sobre” o corpo que constituem um dos episódios da série de documentários *Tabu Brasil* produzida e veiculada pela *National Geographic Society*, o episódio que trata de cirurgia plástica – *Tabu Brasil Cirurgias Plásticas*. Nesse episódio selecionado para análise, compreende-se três lugares de formulação: o dizer dos entrevistados que se submeteram a cirurgias plásticas, o discurso dos especialistas do campo médico e a voz do narrador em *off* que conduz e/ou organiza o documentário. Esse trabalho de observação, constituição do *corpus* e análise fundamentou-se na Análise de Discurso (conforme Michel Pêcheux e Eni Orlandi), teoria que considera como constitutivas as materialidades do corpo, do sentido e do sujeito, porque a relação com o corpo é sempre uma relação de linguagem que constitui o sujeito em seu movimento na história, ou seja, é uma relação discursiva, cuja materialidade se inscreve na relação com a exterioridade de que também se compõe; relação possibilitada pelo modo como a ideologia estrutura, pelo simbólico, o processo de significação no e para o sujeito e seu corpo. Dessa forma, compreende-se que o corpo é materialidade discursiva que não escapa da interpelação ideológica, aquela que dita as regras do bem-estar e/ou mal-estar para o sujeito. Observa-se, assim, o corpo aqui, produzindo efeitos pela contradição, ou seja, ao mesmo tempo em que é marcado pelos sentidos que o excedem, o transpõem, o desestabilizam, é marcado, também, pela falta que lhe é constitutiva. Sustentada pelos dispositivos teórico e analítico numa prática discursiva, esta pesquisa possibilitou trabalhar os sentidos de tecnologia enquanto tecnologia do corpo, pensada como uma tecnologia a serviço do imperativo de supostos padrões de beleza, ou seja, tecnologia compreendida pelo viés da alteração/remodelagem do corpo, tecnologia de disciplinarização do corpo, daquilo que falta ou excede no corpo do sujeito e de tantas outras dicotomias que, apesar de convocar a uma polarização de sentidos, ao mesmo tempo, aponta para uma diluição numa tentativa de estabelecer fronteiras; possibilitou, também, dar visibilidade ao modo como, a partir de algumas enunciações produzidas pelas posições sujeito dos três entrevistados, dos especialistas e do narrador, os sentidos se constituem na relação do simbólico com o histórico pelo atravessamento de discursividades sobre a saúde, a beleza e a exposição/visibilidade.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Corpo. Sujeito. Imagem.

Abstract

This work aims to understand the relations of meaning between body and subject from the observation and analysis of the process of production of senses and the constitution of subjects in their positions in the discursivities “of” and “about” the body that constitute one of the series episodes of documentaries *Tabu Brasil* produced by the National Geographic Society. The episode that deals with plastic surgery – *Tabu Brasil Cirurgias Plásticas*. In this episode selected for analysis, we understand three places of formulation: the interviewees discourse who were submitted to plastic surgeries, the discourse of the medical area specialists and the voice of the narrator in off who leads and/or organize the documentary. This observation work, constitution of the *corpus* and analysis was based on Discourse Analysis (according to Michel Pêcheux and Eni Orlandi), a theory that considers the materialities of the body, the sense and the subject as constitutive, because the relation with the body is always a relation of language that constitutes the subject in its movement in history as a discursive relation, whose materiality is inscribed in the relation with the exteriority of which is also composed; relation that is enabled by the way how the ideology structures, by the symbolic, the process of signification in and for the subject and his body. So, it is noticed that the body is a discursive materiality that does not escape from the ideological interpellation, that one which dictates the rules of well-being and/or ill-being for the subject. Thus, the body here is observed, producing effects by contradiction, that is, at the same time it is marked by the senses that exceed it, transpose it, destabilize it, the body is also marked by the lack that is constitutive. Supported by theoretical and analytical devices in a discursive practice, this research made it possible to work the senses of technology as a body technology thought as a technology in the service of the imperative of supposed beauty standards, that is, technology perceived via the body alteration/remodeling, disciplinarization technology of the body, what is missing or exceeds in the body of the subject as long as so many other dichotomies that in spite of summoning a polarization of meanings at the same time points to a dilution in an attempt to establish borders; it also made visibility possible based on some enunciations produced by the subject positions of the three interviewees, the specialists e the narrator. So, the senses are constituted in the relation of the symbolic with the historical by the crossing of discursivities about health, beauty and exposure/visibility.

keywords: Discourse Analysis. Body. Subject. Image.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – DO CORPO NO DISCURSO	16
1.1. Da historicidade do corpo.....	16
1.2. Corpo e Discurso	24
1.3. Corpo e Sujeito: da injunção à visibilidade	32
CAPÍTULO II – TABU BRASIL E O DISCURSO SOBRE O CORPO	43
2.1. Discursividades sobre o corpo – a série.....	43
2.2. Da relação do sujeito com o (seu) corpo – o episódio	51
2.3. Sujeito-corpo em análise.....	54
2.3.1. A imagem no espelho ... (im)perfeita	54
2.3.2. A falta preenchida ... (in)satisfação.....	68
2.3.3. Sem o excesso ... ainda a falta.....	81
DOS EFEITOS DA PESQUISA: E AGORA, O QUE FAZER?.....	88
ANEXOS	100

INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar a relação corpo e sujeito surgiu da inquietação, da sensação de estranhamento em buscar compreender como o discurso social produz e, ao mesmo tempo, impõe rígidos padrões de beleza a serem seguidos. E, quando se fala de discurso social, explicita-se que este não é homogêneo; constitui-se de um emaranhado de outras discursividades que sustentam o padrão de beleza, como o discurso da saúde, o discurso médico, o discurso midiático, o científico. “O discurso social, nessa perspectiva (ORLANDI, 1998, p.3) apresenta-se como metáfora da divisão social”. De volta à relação corpo e sujeito, o tal incômodo se intensificou ao assistir o documentário *Tabu Brasil*, episódio sobre Cirurgias Plásticas, e conhecer os *testemunhos* (MARIANI, 2016)¹ dos sujeitos ali entrevistados. Assim, tornou-se pertinente questionar de que modo o discurso do e sobre o corpo ideal (significado como belo), esse que constitui o imaginário social hoje, corpo magro, tonificado, esculpido, ultramedido, sem celulites ou rugas, candidato à visibilidade, afeta os sujeitos desse documentário. Indo além, interrogar como, para os sujeitos do documentário, se constitui o corpo ideal, quais sentidos o constitui.

Tais questionamentos são possíveis de formulação e de análise por compreender, a partir da seguinte proposição, que,

Todo corpo está investido de sentidos enquanto corpo de um sujeito que se constitui por processos nos quais as instituições e suas práticas são cruciais, da mesma forma que, ideologicamente, somos interpelados em sujeitos. Dessa forma (ORLANDI, 2001), é que pensamos que o corpo do sujeito é um corpo ligado ao corpo social e isto também não lhe é transparente, como ele não é transparente por si mesmo (ORLANDI, 2017, p. 34).

Nesse sentido, podendo ser considerado, não como transparência, contudo, como construção simbólica, o corpo determina a presença vital neste mundo, é responsável por atos essenciais praticados corriqueiramente como ver, ouvir, falar, sentir, tocar, andar, pensar, sendo que algumas dessas ações são produzidas de forma consciente, porém, outras são reproduzidas inconscientemente, dada a repetição incessante, transformando-se em hábitos. E, se não acontecer a intervenção de um fator externo,

¹ Essa noção será trabalhada no capítulo 2.

acidental ou proposital, é esse mesmo corpo que marca a ausência deste mundo através da morte. Embora, a morte não seja, necessariamente, o fim do corpo.

Pois o corpo, mesmo remexido e revirado pelo avesso, minuciosamente perscrutado em seu exterior e interior, recortado e transformado em partes que vão viver em outros corpos, ou em receptáculo de muitos e múltiplos objetos/ materiais que nele se incorporam, ou ainda sofrendo todo tipo de mutilação/intervenção desejada ou imposta, parece guardar a possibilidade de ser um território de preservação do humano factível que esconde uma réstia de mistério sobre sua existência (SOARES, 2001, p. 2).

Assim, entende-se que o mesmo corpo que proporciona sensações de prazer e bem estar, também proporciona doenças, envelhecimento e morte, evidenciando os dois extremos na história do corpo: início e fim. Todavia, entre esses dois pontos de extremidade, encontra-se a possibilidade de um percurso com inumerável riqueza nas emoções e relações pessoais, sociais, históricas e culturais. Apesar desse bem estar que o corpo propicia e, também, do envelhecimento como melhor opção de longevidade, nesse entremeio, nessa possibilidade de se haver com o corpo, há o mal estar. Um mal estar que se anuncia pela insatisfação, pela (im)perfeição, pela (in)cansável busca de um corpo satisfatório... que não cessa de se inscrever, como o real do corpo – o que não se quer: ver, sentir, apalpar, pegar, ouvir. É esse mal estar que desconforta e, ao mesmo tempo, movimenta o sujeito nessa busca do corpo-bem-estar, do corpo sarado/sadio, do corpo rígido/duro... No entremeio dessas relações tem-se a presença constitutiva da linguagem. Presença que faz o corpo significar(-se) porque “na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história” (ORLANDI, 2010a, p. 25). Consequentemente, “na linguagem, o corpo é [...] o sujeito inscrito no/pelo discurso a partir de seu corpo, corpo que significa para si e para o outro na relação com o olhar” (HASHIGUTI, 2015, p. 19).

A partir dessa abordagem, interessa, neste trabalho, compreender como o corpo, em específico, o corpo dos entrevistados que se submeteram a intervenções cirúrgicas é discursivizado no documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas* e que relações de sentido se estabelecem nesse discurso entre corpo e sujeito. Dessa forma, propõe-se observar e analisar de que modo o discurso do documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas* produz sentidos sobre o corpo, pensando três lugares de formulação: o dizer dos entrevistados que se submeteram a intervenções cirúrgicas e o lugar de significação

do corpo para eles; o discurso dos especialistas do campo médico; e o do narrador em *off*. Este trabalho propõe-se, também, observar e analisar de que modo são produzidas discursividades sobre saúde, beleza e exposição. Para tanto, construímos um arquivo de leitura com alguns testemunhos dos entrevistados, dos especialistas, e parentes dos entrevistados.

À luz da Análise de Discurso (PÊCHEUX e ORLANDI), essa análise é pensada para compreender a maneira pela qual o processo de produção de efeitos de sentido se materializa na relação entre corpo e sujeito constituída pelo **discurso sobre** e **discurso de**. Faz-se essa distinção baseada no que Orlandi propõe na obra *Terra à Vista* ao tratar da colonização do Brasil, referindo-se ao **discurso sobre** como

uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos. [...] É um lugar importante para organizar as diferentes vozes (dos discursos *de*). Assim, o discurso *sobre* o samba, o discurso *sobre* o cinema são parte integrante da arregimentação (interpretação) dos sentidos dos discursos *do* samba, *do* cinema etc. O mesmo se passa com o discurso *sobre* o Brasil (no domínio da história). Ele organiza, disciplina e a reduz (ORLANDI, 2008, p. 44).

Compreende-se, assim, que esse **discurso sobre**, por ser uma das formas de institucionalização dos sentidos, parece homogeneizar as diferentes vozes do **discurso de**, dando-lhes uma organização e uma direção de sentidos, que passa a valer como sentido hegemônico e verdadeiro. Por sua vez, o **discurso de**, apesar de constituir e ser constituído pelo **discurso sobre**, pode escapar a esse controle dos sentidos, produzindo efeito metafórico ao desestabilizar o supostamente estabilizado, sem garantia, todavia. Retomando o objeto de análise dessa pesquisa, entende-se que **discursos sobre** o corpo integram os sentidos dos **discursos do** corpo. No capítulo II que trata do documentário e o **discurso sobre** o corpo, discutir-se-á como o **discurso do** corpo aparece como efeito de individuação, mas já constituído pelo **discurso sobre** que faz com que tome como regularidade dicotomias (corpo perfeito/corpo imperfeito, por exemplo) em um funcionamento de retroalimentação – estar imperfeito é condição *sine qua non* para esse movimento da lógica capitalista.

Nessa perspectiva, primeiramente, levantam-se questões como: de que modo se dá, discursivamente, a relação do sujeito com seu corpo em *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas*. Que discursividades sobre o corpo são produzidas pelos entrevistados no documentário?

A partir da relação do sujeito com o corpo, levanta-se outro questionamento: qual o lugar do corpo no discurso ditatorial da visibilidade, considerando o que Haroche (2013, p. 15) chama de “injunção da visibilidade”?²

Dito de outro modo, a fim de se lidar com a relação entre corpo e sujeito discursivizada no referido documentário, é ainda relevante investigar, com base na Análise de Discurso, como se produz a imagem de corpo ideal para os sujeitos de *Tabu Brasil*.

A Análise de Discurso visa a compreensão como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura (ORLANDI, 2010a, p. 26-27).

Práticas tais, que em seus diferentes modos de interpretação, enriquecem o trabalho do analista de discurso, haja vista que, por meio da interpretação, o “sujeito dá sentido a um objeto, [...] a uma imagem, a si, ao seu lugar e aos outros como evidente”. (COSTA, 2014, p. 36/37). E ao corpo, acrescente-se.

Desse modo, a proposta de trabalhar a temática da relação entre corpo e sujeito torna-se relevante tanto no âmbito acadêmico-teórico, quanto no social em virtude de os discursos produzidos a partir dela circularem forte e hegemonicamente na sociedade brasileira em relação ao corpo, pois ele “não escapa à determinação histórica, nem à interpelação ideológica do sujeito. O corpo não é infenso à ideologia” (ORLANDI, 2012, p. 95).

Na perspectiva discursiva, a prática da ideologia afeta, significativamente, o corpo do sujeito que, ligado ao corpo social, assume forma histórica e material. Em virtude disso, não se pode conceber o sujeito sem o corpo, do mesmo modo que não se concebe o corpo sem o sujeito, haja vista que o corpo significa(-se) ainda que o sujeito não o tenha significado de forma consciente/voluntária.

Segundo Courtine (2009), foi somente no século XX que o corpo passou a ser objeto de estudo, que foi inventado teoricamente. Até então, o corpo era comumente tomado apenas como um pedaço de matéria.

² Segundo Haroche (2013), a injunção à visibilidade consiste na imposição de que somente ao ver e ser visto, se pode existir, na contemporaneidade. Com relação à noção de visibilidade, observa-se que Aubert (2013), Baurus-Michel (2013), Birman (2013), Soares (2017) e Spurk (2013) também são convocados, posteriormente na pesquisa, para a discussão.

A padronização e a excessiva exposição de corpos ditos perfeitos nas imagens vistas na televisão, no cinema, no computador, no celular, na foto, sinalizam que o corpo tem conquistado uma posição de centralidade cada vez mais crescente nos considerados veículos da imagem. Objeto de exibição, admiração e, sobretudo, de desejo, torna-se mais frequente o funcionamento do que estamos chamando de discurso da ditadura da visibilidade que dita as regras de um corpo-padrão que submete-se cegamente a um ideal de perfeição, ratificado pela cultura midiática, mas não só. E, no afã de alcançar a imagem perfeita – fazendo-se relevante ressaltar o uso do artigo que define o tipo de imagem que se quer alcançar, **a** imagem perfeita –, empreende-se uma busca, aparentemente, incansável por aquilo que se considera o paradigma de corpo ideal, belo, perfeito. Nessa direção, vê-se indivíduos que se submetem a um exorbitante número de cirurgias, como é o caso da sueca Pixee Fox que tem no seu "currículo", quatro implantes de silicone, quatro rinoplastias, duas lipoaspirações e remoção de seis costelas a fim de ficar parecida com a princesa Aurora do conto de fadas “A Bela Adormecida”. Contudo, pergunta-se o que leva o sujeito a essa busca (in)cansável?

Bourdieu (2002) discorre sobre o tipo de poder que é exercido sobre o corpo nessa (in)cansável procura pela imagem ideal:

A força simbólica é um tipo de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o acordo de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos. [...] ela só o consegue porque desencadeia disposições que o trabalho de inculcação e de incorporação realizou naqueles ou naquelas que, em virtude desse trabalho se vêem por elas capturados (BOURDIEU, 2002, p. 44).

Nesses termos, compreende-se a possibilidade de analisar, discursivamente, a relação corpo e sujeito dada a interpelação ideológica da qual resultam os sujeitos e dada a não transparência do corpo do sujeito que provê um vasto campo de estudo concernente a essa relação.

Nesse contexto, a elaboração deste trabalho se fundamentará teoricamente pela perspectiva da Análise de Discurso tendo como proposta reflexiva a relação “língua-discurso-ideologia”, considerando que a “materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua” (ORLANDI, 2010a, p. 17). Tal relação, sustentada pelo dispositivo teórico e analítico da Análise de Discurso, nos possibilitará compreender, no que se lê, a memória, o pré-construído, o não-dito, assim

como compreender o modo como os sentidos estão sendo produzidos e como as posições sujeito estão se constituindo na relação do simbólico com o histórico.

Acrescente-se que, por este trabalho estar circunscrito à linha de pesquisa “Linguagem, Conhecimento e suas Tecnologias”, comprovando sua singularidade como relevância teórica, esclarece-se que o conceito de tecnologia é aqui trabalhado pensando a sua relação com o corpo, a partir do que se discute a tecnologia do corpo. Portanto, se tecnologia consiste em uma técnica para potencializar algo, porque não pensar na tecnologia do corpo? Nesse sentido, trabalhar-se-á tecnologia compreendida pelo viés da alteração do corpo; tecnologia de remodelagem corporal; *body building* como uma técnica de remodelagem do corpo; a tecnologia a serviço do imperativo do corpo perfeito.

Em conformidade com essa percepção, este trabalho se constituirá de três capítulos, sendo que o primeiro capítulo – Do Corpo no Discurso – (dividido em três subcapítulos) mostrará o modo como o corpo foi sendo historicizado ao longo do tempo; a posição discursiva na qual o sujeito se inscreve e a visibilidade como um elemento relevante para pensar no modo como o corpo é significado, com embasamento nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso que observa o corpo atravessado por uma memória discursiva. De acordo com Orlandi (2012, p. 93), “O sujeito relaciona-se com o seu corpo já atravessado por uma memória, pelo discurso social que o significa, pela maneira como ele se individualiza” e também com o corpo como sendo um lugar de discurso, pois produz efeitos de sentido (PÊCHEUX, 1969).

O segundo capítulo – Tabu Brasil e o Discurso sobre o Corpo – (dividido em três subcapítulos) discorrerá sobre as condições de produção discursiva dos sujeitos do documentário; as discursividades sobre o corpo; e a relação do sujeito com o (seu) corpo, capítulo em que a maior parte das análises está reunida.

A terceira parte deste trabalho, intitulada – Dos efeitos da pesquisa: E agora, o que fazer? apresenta algumas possíveis considerações teóricas a partir do arquivo de leitura. Como analista, adverte-se que não há um final; registra-se, contudo, a trajetória percorrida pelo exercício de interpretação no tocante a conduzir a pesquisa para um suposto desfecho.

Tendo em perspectiva que este trabalho tematiza questões relevantes para a compreensão dos processos de significação em torno da relação corpo-sujeito na sociedade contemporânea, dá-se início ao percurso teórico de significação do corpo no/pelo discurso, discorrendo sobre a historicidade do corpo.

CAPÍTULO I – DO CORPO NO DISCURSO

1.1. Da historicidade do corpo

Objetivando compreender a historicidade do corpo, faz-se relevante ressaltar que o conhecimento acerca do corpo não se restringe a um campo em específico, mas, encontra-se inserido nas ciências e nas artes, em geral. Conforme Sant'Anna (2001), “realizar uma história do corpo é um trabalho tão vasto e arriscado quanto aquele de escrever uma história da vida. Mesmo se restringindo ao estudo do corpo humano, são incontáveis os caminhos e numerosas as formas de abordagem” (p. 3). Toda essa diversidade não inclui apenas o modo de cognição do corpo, inclui a forma de estranhá-lo, também. Constituindo-se em espaço tanto da biologia quanto da simbologia, jamais cessa de causar inquietação e conforto, simultaneamente. Comparado a um arquivo, “inesgotável fonte de desassossego e de prazeres, o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia mas, ao mesmo tempo, escondê-los”. Perscrutar seus segredos é compreender quão inútil é tentar fazer uma separação entre “a obra da natureza daquela realizada pelos homens: na verdade, um corpo é sempre “biocultural”, tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual” (p. 3).

Embora haja toda uma história a mais, esta pesquisa deter-se-á em *A História do Corpo: As Mutações do Olhar*, a fim de empreender uma viagem pelo espaço social dos corpos em companhia de Courtine (2009) em que observar-se-á que a evolução tecnológica, a partir do século XX, encarregou-se de intensificar a solidão dos corpos que se veem circundados por equipamentos eletrônicos que substituem a presença dos técnicos de enfermagem e/ou enfermeiros na monitoração das debilidades corporais dos pacientes; também inscrita no século XX, tem-se a transfusão de sangue que pode simbolizar uma forma de solidariedade de um corpo para outro. Porém, a contaminação sanguínea interrompeu esse contato corpo-a-corpo, buscando soluções em um processo completamente impessoal de banco de sangue; no decorrer da viagem pela história do corpo no século XX, nos deparamos com os transplantes de órgãos que estabeleciam conexão entre os corpos. Todavia, constata-se, também, que havia a barreira do individualismo biológico representado pelo sistema imunológico que tem a capacidade de expulsar os órgãos que lhe são estranhos. Isso leva a pensar que há sempre algum

tipo de impedimento para a junção de corpos que necessitam de outros corpos para amenizar suas carências, corroborando, assim, com a lei de Newton ao afirmar que “dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço ao mesmo tempo”, neste caso, o espaço social.

De volta à história do corpo, pensando os transplantes, com as barreiras da incompatibilidade e/ou rejeição devidamente transpostas, a doação de órgãos atingiu um patamar, como era de se esperar, em que a demanda superou a oferta, ocasionando superlotação nas filas de espera e, conseqüentemente, tráfico e/ou roubo de órgãos, entre outras excentricidades. Essa carência de órgãos para transplante suscitou estudos com células-tronco:

Na falta de transplante, é o enxerto de “células-tronco” que acena ao povo estupefato com a esperança de reparar a bel-prazer as deficiências do corpo. Essas células-tronco da eterna juventude, retiradas do embrião ou do cordão umbilical, seriam capazes, quando injetadas, de reconstituir os tecidos (MOULIN, 2009, p. 62).

Assim, a história do corpo vem mostrar que os avanços da medicina no século XX viabilizaram uma nova oportunidade de vida. O ato de repor uma peça danificada deixou de ser um privilégio só das máquinas. Explorando o corpo a fim de prolongar a vida, “os progressos da medicina desencadearam uma aventura menos espetacular que as viagens interplanetárias, mas igualmente portadora de questões sobre um futuro que se deve proteger e antecipar” (MOULIN, 2009, p. 81). Progressos estes que aumentam a responsabilidade do sujeito em relação ao seu próprio corpo.

Comumente, o signo corpo leva a pensar em significantes como beleza, superação, desejo..., contudo o linguista Jean-Jacques Courtine nos leva a considerar significantes completamente paradoxais a esses quando lemos *O Corpo Anormal: história e antropologia culturais da deformidade*. O autor faz um histórico dos prazeres impressionantemente mórbidos que levavam espectadores, no final do século XIX, às praças públicas a fim de assistirem à exibição de seres com anomalias físicas marcantes, tais como duas crianças unidas no mesmo tronco, anões, uma mulher barbada, uma criança microcéfala, um homem-elefante, um negro branco. Courtine (2009) relata que a “história dos monstros” não consistia apenas dos que assistiam à exibição, mas incluía as necessidades que levavam os corpos a se exibirem, incluía os sinais e as ficções que os representavam e também as emoções que eram sentidas em virtude da contemplação dessas deformidades físicas. Segundo o referido autor, a exibição do anormal dispunha:

de um conjunto de dispositivos que fazem da exposição das diferenças, estranhezas, deformidades, enfermidades, mutilações, monstruosidades do corpo humano o suporte essencial de espetáculos onde se experimentam as primeiras formas da indústria moderna da diversão de massa (COURTINE, 2009, p. 256).

O documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas*, objeto deste trabalho, também exhibe o corpo humano como espetáculo. O programa mostra o anormal, parece significar as transformações do corpo como da ordem do estranho; o excesso de cirurgias plásticas como forma de produzir anormalidades, deformidades. Tem-se aí, uma possibilidade de exibição do monstruoso. Convém ressaltar que não há um sentido fixo para *anormalidade* em virtude de a relação da língua com a história ser outra. Desse modo, a forma material *anormal*, *anormalidade* produz sentidos de acordo com as condições de produção e as posições sujeito que as empregam. Alerta-se, portanto, ao leitor que, no decorrer do texto, os sentidos de *anormal* e *anormalidade* podem mudar, podendo significar estranho, monstruoso, porém, podendo significar, também, diferente, aquilo que foge do padrão estabilizado de acordo com os padrões hegemônicos. O anormal pode estar no lugar da falta e/ou do excesso.

No contexto dos espetáculos horrendos, torna-se inquietante o olhar daqueles que assistiam às exibições dos corpos monstruosos. Não apenas o olhar, mas um verdadeiro fascínio estampado no olhar espectador. A atração exercida pelas anomalias da natureza e o prazer desfrutado pelos contempladores podem ser compreendidos através de Hashiguti (2015, p. 19): “O olhar constitui historicamente o sujeito olhado, posiciona-o, ao mesmo tempo em que significa em si (e posiciona discursivamente também o próprio sujeito que olha)”. Entende-se, portanto, que o corpo em exibição se torna materialidade simbólica, objeto de satisfação cujo sentido se faz presente na história.

Partindo da concepção de que “o olhar é a presença do outro no discurso, determinando posições subjetivas” (*idem*), relata-se que a fundação do Museu Americano por Phineas Taylor Barnum em Nova York constitui o voyeurismo de massa, ou seja, a espetacularização da figura do monstro. Barnum concentra em um único lugar atrações que, anteriormente, estavam dispersas. Essas apresentações dão início a uma atividade altamente lucrativa, respondendo, assim, a uma demanda que cresce continuamente. Aproveitando-se dos progressos da tecnologia fotográfica, os

espectadores recebiam cartões postais no final do espetáculo para guardarem como lembrança dos momentos passados em companhia das figuras bizarras.

A invenção de uma teratologia científica, especialidade médica que se dedica ao estudo das anomalias e malformações ligadas a uma perturbação do desenvolvimento embrionário ou fetal, conhecida como a ciência dos monstros, rompeu com a concepção de aberração, bizarrice e fantasia. Dessa forma, Étienne Geoffroy Saint-Hilaire descobriu o embrião sob a figura do monstro, afirmando que o monstro nada mais é que “um organismo cujo desenvolvimento foi interrompido” (COURTINE, 2009, p. 289). A partir dessa descoberta, a monstruosidade deixa de ser considerada um tipo de desordem cega para se transformar em ordem regular, sujeita a leis como qualquer outra, devidamente inscrita na lei comum que rege toda e qualquer criatura viva. Um deslocamento no modo de significar o corpo.

Observa-se que a literatura do século XIX contribuiu sobremaneira para que as sensibilidades fossem construindo um sentimento de compaixão pelo sofrimento dos seres diferentes: “Romances, crônicas e gazetas contam a miséria sentimental dos monstros, as dores de amor da mulher gigante e os tormentos dos anões. Os monstros se veem aí despojados do mito de sua felicidade [...]” (COURTINE, 2009 p. 298).

A partir da percepção de igualdade, o público começa a mudar seu interesse pela condição anormal dos corpos, um sentimento diferente é despertado nos olhares que agora começam a hesitar diante das exposições. Tais olhares não se sentem tão à vontade como costumavam fazê-lo, para, em seguida, desviarem-se do espetáculo das anomalias, manifestando, assim, compaixão pelo sofrimento dos monstros, reconhecendo sentimentos nessas pessoas doentes, reconhecendo a presença da humanidade no corpo monstruoso. Outro deslocamento no modo de significar o corpo, pela humanização do monstro.

Apesar da mudança de paradigma, do deslocamento dos sentidos de corpo na história, a figura do monstro reaparece em outros lugares, sob formas diferentes. O cinema reproduz os *freakshows*, isto é, as formas de representação do corpo anormal, corpo de monstro são transferidas para as telas de cinema que conseguem reverter o gosto visual da plateia que já havia perdido o interesse pela exibição teratológica e começa, então, a ceder, gradativamente, sentindo-se atraída por ilusões de ótica à proporção que estas se multiplicam e se diversificam. Através de efeitos especiais, a indústria cinematográfica consegue acentuar a monstruosidade dos corpos. Dessa maneira, não somente objetos de ficção monstruosos são transformados em artigos de

consumo, todavia, corpos com enfermidades congênitas são expostos nas telas dos cinemas, expostos a uma certa visibilidade, constituindo, assim, o modo como esse corpo é significado. No elenco dos filmes de grande audiência, atuando como estrelas cinematográficas, podem ser encontrados os hidrocéfalos, os gêmeos siameses, a mulher barbada, a mulher com microcefalia. Esses acontecimentos históricos corroboram a tese de que desde sempre o corpo se constitui como lugar de visibilidade, lugar visível de produção de sentidos. Assim, o corpo significa horror, terror, degeneração.

Por conseguinte, em função do tempo e da cultura, observa-se profundas mutações no olhar do sujeito, transições em relação ao corpo anormal. Primeiramente, os corpos chamados corpos de monstros, expostos em praças, feiras, parques e circos, eram atrações, objetos de diversão. Na sequência, tolerância e compaixão são reclamadas na ação com a monstruosidade. Ato contínuo, é proclamada a igualdade entre os corpos ditos normais e anormais, “enquanto ao mesmo tempo se vê um fluxo contínuo de representações celebrar uma hierarquia das perfeições corporais e submeter deformidades reais ou imaginárias a uma estigmatização por defeito” (COURTINE, 2009 p. 338). Sendo assim, o sentimento de infelicidade desses seres diferentes tornou-se um estigma, significante para o que Goffman (2008, p.13) define como sendo “um atributo profundamente depreciativo”. O estigma do corpo anormal tem sido passado de geração a geração por tanto tempo que o sujeito se filia a esse discurso preconceituoso sem prévia reflexão. Portanto, convém considerar inaceitável o estigma de monstro que é imposto aos corpos doentes. Para Goffman,

Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto (GOFFMAN, 2008, p. 14).

Em virtude de toda essa história de significação do corpo, faz-se necessário refletir no modo como pessoas, considerados normais, têm agido ao longo do tempo com pessoas, vítimas de estigma, tendo em vista o que Goffman discorre sobre as atitudes destas em relação àquelas:

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construimos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do

perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social (GOFFMAN, 2008, p. 15).

Com base nesse discurso, questiona-se sobre a posição discursiva na qual o sujeito estigmatizado se inscreve. Se este sujeito portador de anomalia tivesse oportunidade de optar, estaria nas feiras de exibição sob os olhares curiosos, comercializando sua anormalidade? Dentre os seres com aparências bizarras exemplificados por Courtine (2009), havia algum de classe social elevada que não estivesse atuando como moeda de troca? Contudo, convém resistir ao olhar discursivizado desses e dos demais corpos de monstros e combatê-lo utilizando o discurso como armamento bélico. Afinal (ORLANDI, 2010a, p. 53-54), “é no corpo-a-corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz. E o faz não ficando apenas nas evidências produzidas pela ideologia”.

Sob o prisma da Análise de Discurso, repensando a mutação do olhar no que concerne à história do corpo, especificamente o corpo anormal, compartilha-se a ideia concebida por Hashiguti (2015, p. 20) de que “o corpo é sempre corpo de uma sociedade”. Sendo assim, se o corpo é social, abre-se brechas para a pluralização de discursos do corpo e sobre o corpo. Discursividades essas produzidas pelos dizeres da saúde, da beleza, da medicina, da ciência, da tecnologia, da mídia e demais sujeitos envolvidos.

Nessa perspectiva, Orlandi (2004) ressalta a importância da história e da sociedade como característica da interpretação e explicita que “o gesto de interpretação passa a ser visto como uma relação necessária [...] e que intervém decisivamente na relação do sujeito com o mundo [...]” (ORLANDI, 2004, p. 20).

Dessa forma, a tese de que não há efeitos de sentido sem interpretação é corroborada. Portanto, a interpretação está sempre presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. E “para que a língua faça sentido é preciso que a história intervenha” (*idem, ibidem*, p. 67).

Nesses termos, a história do corpo em Courtine (2009), mostra que o avanço científico e tecnológico da genética tem sido tão significativo desde então que há, hoje, total possibilidade de detectar a anomalia no útero através de exames de ultrassonografia e erradicá-la precocemente. Outra alternativa consiste no uso de próteses para deficiências físicas ou submissão a cirurgias reparadoras de deformidades corporais. Contudo, o que mais parece causar desconforto hoje é o incontável número

de cirurgias estéticas que são realizadas não para reparar uma anormalidade, mas com o intuito de modificar um corpo que não sente satisfação por sua aparência, embora esta não apresente nenhuma anomalia. A insatisfação com algumas partes do corpo tenta justificar o uso abundante e crescente do bisturi. Referindo-se a essa questão, Courtine (2009, p. 338) menciona: “a arte de eliminar as deformidades leves está conhecendo uma expansão inédita. Já passou efetivamente o tempo em que a cirurgia plástica se contentava em corrigir as imperfeições corporais”. A consequência dessa demanda é o surgimento de novas deformidades decorrentes de intervenções cirúrgicas realizadas em locais não propriamente adequados ou profissionais não devidamente habilitados. Assim, com o intuito de reparar uma deformidade, o excesso de cirurgias acaba por produzir outras deformidades no corpo. Observa-se que os sentidos e usos da cirurgia plástica têm, historicamente, passado por transições desde o seu surgimento. Corrigir imperfeições e deformidades de militares que retornavam da guerra, de pessoas vítimas de acidentes ou de malformações genéticas eram casos de submissão a cirurgias plásticas, não com o sentido primeiro de produzir o corpo estético, porém, com o sentido de restabelecer a saúde, o bem estar do paciente; já que se sabe que o mal estar do sujeito com o seu corpo não cessa de se inscrever. Ainda aqui, é preciso considerar o modo como as condições de produção mercadológica fazem significar, diferentemente, a história da cirurgia estética: houve momentos em que a plástica significou corrigir imperfeições/deformidades; há momentos, como os atuais, em que a plástica significa a busca da felicidade através do “corpo ideal”. Há que se questionar os sentidos, os usos, os deslizamentos dessa plasticidade, buscando dar visibilidade à contradição nessa discursividade: o excesso de cirurgia plástica produz, também, monstruosidade.

Por essa via, se o olhar for direcionado para um mesmo corpo em momentos diferentes na história, compreender-se-á que esse olhar captará sentidos bem diversos tanto no sujeito que olha como no sujeito que é olhado. Isso ocorre porque o sujeito não é o indivíduo, sujeito empírico, mas sujeito do discurso que carrega consigo marcas do social, do ideológico e do histórico. Esse sujeito não se constitui a origem do sentido. (ORLANDI, 2010a). Desse modo, a “materialidade dos lugares dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializar novos (ou outros) lugares. (ORLANDI, 1999, p. 21). Assim, a passagem da materialidade do lugar social do sujeito para a posição discursiva gera uma posição sujeito outra. Podemos dizer, então, que o indivíduo, interpelado

inconscientemente pela ideologia em sujeito “lugar determinado na estrutura social” (PÊCHEUX, 1969), identifica-se com uma formação discursiva. Ou seja, o enunciado “esse corpo é perfeito” poderia ser dito por qualquer um, mas ao enunciá-lo, retoma-se certos sentidos de corpo e perfeição que produzem efeitos a partir de condições de produção: quem diz e para quem se diz.

Em virtude disso, o corpo se (re)afirma como materialidade social, dessa forma, importa saber que olhar é direcionado a esse corpo. Se é o olhar do espectador da “festa do olhar”, do antropólogo, do médico ou do sociólogo, estará construindo uma determinada identificação, que pode ser imaginária e se deixando constituir no discurso. De acordo com Hashiguti,

O corpo sempre está presente na identificação como marca do sujeito, como o próprio sujeito. Por ele, se é “monstro”, “humano”, “deficiente” ou “normal” na história. O que o desloca de uma posição para outra são os discursos e os olhares que eles possibilitam, as políticas sociais que se constituem como seus efeitos e que o organizam no espaço. (HASHIGUTI, 2015, p. 32).

Sendo assim, o modo de denominar esse corpo como normal ou anormal faz parte de um processo de significação. O gesto de denominá-lo de um modo ou de outro já produz um sentido para esse corpo. Dessa forma, importa considerá-lo como corpo de linguagem numa perspectiva discursiva. Deslizar de corpo biológico para corpo simbólico implica compreender “como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2010a, p. 26). A pluralidade de sentidos atrelada à mutação do olhar nos permite considerar, segundo Courtine (2009, p. 330), que “a monstruosidade depende do olhar que se põe sobre ela. Não se acha tanto enraizada no corpo do outro quanto agachada no olhar de quem observa”.

A despeito da extinção da cultura do “entra-e-sai”, o monstruoso não foi extinto. Além da presença do corpo anormal nas telas de cinema e de televisão, contempla-se, na contemporaneidade, através da materialidade simbólica e histórica, corpos de portadores de deficiência cuja deformação monstruosa se acha desnaturalizada do corpo anormal para se naturalizar em outros corpos que compartilham do mesmo lugar social e desenvolvem formações discursivas compartilhadas.

Continuando o percurso pela história do corpo, Courtine vem mostrar

a constituição dos saberes médicos e genéticos sobre o organismo, a tensão entre desejos do corpo sexuado e normas de controle social, a transformação das percepções do corpo anormal e as necessidades da identificação dos indivíduos perigosos, a soma incalculável dos sofrimentos infligidos pela sangrenta tragédia das violências do século XX e, enfim, os prazeres oferecidos aos olhares pelas imagens, as telas, as cenas, as tribunas de onde se contemplam as metamorfoses atuais do corpo. (COURTINE, 2009, p. 11).

Através da análise discursiva das áreas acima descritas, Courtine mostra o desenrolar, bastante complicado, das transformações históricas da relação corpo-sujeito. Essa relação trata dos bem sucedidos progressos da medicina no que concerne ao corpo que parece exercer um poder hegemônico na revelação dos segredos que esse corpo antes ocultava. Essa relação também reporta que a genética antevê comportamentos de pessoas com aparência normal e saudável através de um conjunto de predisposições e probabilidades. Tal relação exige tanto a liberdade quanto a transparência do cotidiano do corpo sexuado. Essa relação revela que o corpo de monstro, na contemporaneidade, “é no fundo um monstro cotidiano, um monstro banalizado” (*idem, ibidem*, p. 260). Uma relação que descreve a prática da guerra como sendo uma vivência do corpo, haja vista que o mesmo corpo que causa a violência, sofre as consequências dela. Assim, na relação corpo-sujeito, acontece uma injunção, a arte se funde ao corpo do artista.

Nesse cenário de mudanças “em que se multiplicam os corpos virtuais [...], em que se comercializam o sangue e os órgãos [...], em que se vai apagando a fronteira entre o mecânico e o orgânico mediante a multiplicação dos implantes [...], esse autor faz o seguinte questionamento: “Meu corpo será sempre meu corpo?”

No contexto dos procedimentos estéticos em busca do protótipo de corpo perfeito, meu corpo cortado, retirado, redistribuído, implantado, remodelado, suturado por meio de intervenções cirúrgicas será sempre meu corpo?

Dando continuidade às discursividades sobre o corpo, não apenas o biológico, mas o corpo como materialidade social, simbólica, ler-se-á, na sequência, sobre a relação entre corpo e discurso.

1.2. Corpo e Discurso

O tripé corpo, sentido e sujeito se constitui em um vasto e relevante campo de estudo tendo em vista que o corpo (se) significa, (se) textualiza, (se) discursiviza no

tempo e no espaço como materialidade que produz sentidos. E como não se concebe o corpo separado do sujeito, forma-se, então, um triplo de significação. Chiaretti (2016) discorre sobre sentidos do corpo a partir da perspectiva teórica da Análise de Discurso:

O corpo deve ser entendido [...] com aquilo (conhecimentos, técnicas, instrumentos etc.) que o circunscribe, o descreve e o interpreta. Entende-se [...] que o conhecimento sobre o corpo é produzido a partir de distintas práticas discursivas, as quais, por vezes, concorrem umas com as outras. É nessas práticas discursivas que os sentidos do corpo são constituídos. A partir daí os diferentes conhecimentos sobre o corpo administram e modelam como é e deve ser um corpo em um determinado momento histórico. (CHIARETTI, 2016, p. 155).

Nessa direção, as práticas discursivas produzem sentidos, os mais diversos, no espaço discursivo, sobre o corpo. Tais sentidos giram em torno do funcionamento, bem como da estrutura do corpo. A respeito da produção de sentidos sobre o corpo, Chiaretti (2016) relata que

por meio de um processo de bricolagem de procedimentos e equipamentos que garantem não só o bom funcionamento do corpo, mas seu aperfeiçoamento, encontram-se em funcionamento diferentes formações discursivas relacionadas à medicina, à tecnologia, à ciência e ao mercado/consumo, cuja confluência produziria esse efeito de deslocamento da realidade ao produzir conhecimentos científicos cujos desdobramentos políticos afetam os modos de subjetivação na atualidade (CHIARETTI, 2016, p. 159).

O discurso de tecnologia do corpo, acima descrito, trata do bom funcionamento que passa pelo aperfeiçoamento. Observa-se, segundo esse discurso, que a tecnologia entra aliada à medicina, corpo e consumo. Na sociedade capitalista, o corpo é submetido a severos padrões de estética que o indivíduo se propõe a seguir a qualquer custo. A obsessão pelo padrão ideal tem dado um *up* cada vez mais expressivo no mercado da indústria da beleza que mobiliza bilhões em um ato contínuo de lançamento de produtos “revolucionários” a serem consumidos para se atingir um padrão de beleza. Assim, o corpo “perfeito”, “satisfatório”, “completo”, “pleno”, “sem falhas”, torna-se um produto possível de ser comprado no comércio da cirurgia plástica. Afinal, se tudo é capitalizável, porque não o corpo? A capitalização do corpo promove dizeres como “estou satisfeito” ou “não estou satisfeito” como se o corpo fosse olhado de forma fragmentada, como prótese. Embora seja o sujeito olhando a si mesmo no espelho, não é a seu desejo que o corpo responde, mas ao desejo do Outro; é a essa imagem especular, imaginada, que o sujeito, incansavelmente, busca ver no espelho.

É ainda o discurso da tecnologia do corpo atravessado pelo discurso mercadológico que produz como possibilidade de sentido o uso de cosméticos como reparador da insatisfação com o corpo, levando o sujeito a consumir de tal modo que não se percebe num gesto de excesso, procurando, sem saber, suprir a falta que o constitui. Os efeitos de sentido produzidos nessa discursividade circulam como consenso, produzindo sentidos, efeitos de uma necessidade naturalizada. Esse discurso do consenso, segundo Orlandi (1998), são discursividades repetidas sem questionamento, imaginariamente, sem reflexão, “dando lugar a diferentes movimentos de discurso que se cruzam na incompreensão” (p. 3); o sujeito repete a plenos pulmões que “não existe mulher feia, existe mulher pobre”; “velha sim, feia jamais”. Tais discursividades fomentam a ação da tecnologia, da medicina e do consumo que se sustentam e potencializam seus produtos a serviço do corpo que deseja satisfazer, não o seu desejo, mas deseja satisfazer o desejo do Outro.

Acerca desta Sociedade de Consumo (2008), apreende-se (BOUDRILLARD, 2008, p. 79-80):

As necessidades visam mais os valores que os objetos e a sua satisfação possui em primeiro lugar, o sentido de uma adesão a tais valores. A escolha fundamental, inconsciente automática do consumidor é aceitar o estilo de vida de determinada sociedade particular (portanto, deixa de ser escolha! – acabando igualmente por ser desmentida a teoria da autonomia e soberania do consumidor).

Continuando esse percurso, observa-se que na Análise de Discurso o corpo é compreendido na ligação com o sujeito e com os sentidos. Para Orlandi (2012, p. 93):

Não há corpo que não esteja investido de sentidos, e que não seja o corpo de um sujeito que se constitui por processos nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais para a forma com que ele se individu(aliz)a, assim como o modo pelo qual, ideologicamente, somos interpelados em sujeitos, enquanto forma sujeito histórica.

Essa maneira de conceber o corpo permite refletir sobre ele sem tomá-lo apenas como carne, corpo orgânico em sua dimensão física ou biológica. Permite observá-lo em sua dimensão material e subjetiva, tendo em vista que esse corpo é o corpo de um indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia e assujeitado à língua – está *sujeito* à língua para ser sujeito da língua (ORLANDI), constituído pelos esquecimentos e seus

funcionamentos ideológico e enunciativo e afetado pelo funcionamento do inconsciente, funcionamentos estes que não são transparentes para o sujeito.

Ao longo da história do século XIX o corpo era associado aos significantes vergonha, pudor, silêncio. De acordo com Perrot (2003), a modernidade trouxe mudanças.

A higiene, a água, as abluções desnudaram os corpos, os quais o espelho e a luz elétrica permitiram que fossem mais vistos, na sua integralidade. O banheiro tornou-se um lugar íntimo de autoconhecimento, [...] (PERROT 2003, p. 23).

Essas mudanças dão ao corpo um lugar de visibilidade outro.

Tendo em vista o lugar que o corpo ocupa na sociedade, Orlandi (2012, p. 87), ao estabelecer a relação sujeito/corpo/linguagem/sociedade, busca “compreender como o corpo, pensando-se a materialidade do sujeito, sua historicidade, é significado em um ou outro espaço de existência, considerando que o espaço significa”. Dessa maneira é estabelecida a relação do sujeito com o corpo em seu caráter discursivo. O corpo, que significa, constitui-se na própria materialidade do sujeito, construindo, assim, um elo entre o simbólico e o imaginário.

E, dentro de um processo de construção imaginária, o corpo, de acordo com Hashiguti (2015), é corpo de memória:

Do ponto de vista discursivo, são discursos como [...] o estético, o religioso, em seus atravessamentos entre si, que vão construindo olhares possíveis para os corpos. Assim, aspectos como a normalidade, a beleza, a perfeição não podem ser compreendidos como naturais de um corpo biológico, apesar de assim nos parecer pela ilusão e pelo esquecimento que nos constitui no discurso. Eles são construídos pelo/no discurso, são representações destes corpos. Há todo um processo de construção imaginária dos corpos a que somos instados. (HASHIGUTI, 2015, p. 36).

Desse modo, o discurso da cirurgia estética produz uma imagem de corpo específico significado em nossa sociedade como corpo perfeito. Esse discurso constrói imaginariamente esse corpo que significa em nossa sociedade. Resta, portanto, de posse dessa observação, analisar de que modo as formações imaginárias atuam nessa construção. Resta, contudo, desnaturalizar o funcionamento do discurso de corpo perfeito na relação com o sujeito.

E, far-se-á, também, a partir de gestos interpretativos que serão de suma relevância na análise proposta, haja vista não haver “uma verdade oculta atrás do texto” (ORLANDI, 2010a, p. 26). Pois, sob o prisma da Análise de Discurso, concebe-se que “o dizer é aberto. É só por ilusão que se pensa poder dar a palavra final” (ORLANDI, 2004, p. 11). Desse modo, é inútil achar que alguém consegue deter o poder da interpretação, pelo contrário, a interpretação consiste, simplesmente, em um vislumbre de uma possibilidade, um gesto imprescindível que serve de ponte para ligar o sujeito, resultado da interpelação ideológica, à história na produção de sentidos. Orlandi (2004, p. 18) discorre sobre essa questão quando afirma que a interpretação “é o lugar próprio da ideologia e é materializada pela história”.

Nessa perspectiva, Orlandi (2004) ressalta a importância da história e da sociedade como característica da interpretação e explicita que “o gesto de interpretação passa a ser visto como uma relação necessária [...] e que intervém decisivamente na relação do sujeito com o mundo [...]” (ORLANDI, 2004, p. 20).

Dessa forma, corrobora-se a tese de que não há efeitos de sentido sem interpretação, portanto, a interpretação está sempre presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Assim, faz-se possível perceber como se produzem sentidos e sujeitos, afetados pela língua e pela história, materializados na ideologia. Sustentando-se metodologicamente esta pesquisa em torno do batimento entre o dispositivo teórico e o analítico e do estabelecimento específico do *corpus* que, por sua vez, convocam um vai-e-vem entre descrição e interpretação, pois cabe ao analista de discurso mostrar como um objeto simbólico produz sentidos (ORLANDI, 2010a) a partir da maneira como esse objeto funciona. Sendo assim, com o intuito de compreender como o corpo é discursivizado no documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas* e que relações de sentido se estabelecem nesse discurso entre corpo e sujeito, a partir da seleção e descrição do *corpus* de análise que foi constituído dos discursos dos três entrevistados, dos especialistas do campo médico, dos parentes dos principais entrevistados sobre o corpo e do narrador em *off*, propõe-se analisar o funcionamento discursivo no que se refere à saúde, beleza e exposição. Nesse contexto, analisar-se-á o processo de construção discursiva dos referentes corpo e sujeito a fim de se compreender a maneira como esses referentes significam no documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas*.

Em relação ao corpo, torna-se relevante recorrer-se ao mesmo questionamento feito por Courtine: “como é que o corpo se tornou, em nossos dias, um objeto de investigação histórica?” (COURTINE, 2009, p. 7). O referido autor historiciza a relação

entre sujeito e corpo quando relata que até o século XIX era atribuído ao corpo, um lugar secundário, porém, na passagem para o século XX, essa relação começou a ser formulada de maneira diferente. O século XX é, então, responsável pela (re)invenção do corpo, inicialmente, de forma psicanalítica, “o inconsciente fala através do corpo” (*idem*, p.7). Em seguida, de forma filosófica, “o corpo humano como origem de toda significação” (*idem*, p. 8). E, de forma antropológica, “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade, de maneira tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (MAUSS, 1934, *apud* COURTINE, 2009, p. 8). Assim, tem-se, historicamente, o corpo atrelado ao inconsciente, atado ao sujeito e inscrito socialmente na cultura.

Seguindo o intuito de compreender o processo de significação que é desencadeado pelo corpo e pela presença, Orlandi (2017) pensa sobre o corpo como situação:

É na relação com o [...] Estado, seus discursos e instituições, que o sujeito se individua. E se entendemos esta afirmação para o corpo, pensando o corpo como situação, e não coisa, na tomada do mundo para se definir, chegamos à noção de práxis, ligando o simbólico ao político. Práxis identificadora, o sujeito define seu corpo a partir de sua existência: historicidade, materialidade da existência [...], (ORLANDI, 2017, p. 72).

Em relação à presença, a autora formula como sendo o corpo memória, tendo em vista que é com a presença que “sujeitos-corpo deslocam-se, irrompem em seus percursos de memória, fazendo-se outros”, tornando bem complexo o espaço de existência. Espaço este, denominado, de acordo com as condições de produção, de “conjuntura da formulação, palco, cenário, *locus* significativo”. Dessa forma, tanto o lugar significativo quanto a presença integram a materialidade do sujeito, relacionando, em sua formulação, corpo e sentido.

Por conseguinte, os efeitos de sentido que acometem o sujeito em sua subjetividade, em seu corpo, em sua forma de significar resultam do(s) gesto(s) de interpretação desse sujeito, da presença desse sujeito. E assim, na relação do sujeito com seu desejo é que funciona a memória na repetição ou ruptura, ressoando outros sentidos “com seus deslizamentos ou o silenciamento, a cristalização do sujeito e do sentido no já dito, no estabilizado e que já não se movimenta no processo de significação”, onde estão o mesmo e a repetição. Lugar onde se encontra a historicidade e, se esta se retirar, o sujeito se torna apenas uma imagem pré-fixada.

Na relação memória/corpo/sujeito, tendo em vista o aspecto da presença produzindo sentidos, a fim de analisar o funcionamento da memória que se encontra ligada ao corpo e ao sujeito, “que imigram, saem do lugar, deslocam-se, em um trajeto em que (se) partem e se chegam a ‘outro’ lugar”, faz-se necessário convocar a narratividade, em virtude de sua incidência na textualização da memória. Então, essa textualidade está sendo considerada para o que a autora nomeia de corpo memória, trabalhando com memória encarnada que é a narratividade do corpo.

Ainda discorrendo sobre o corpo na perspectiva da Análise de Discurso, Leandro-Ferreira (2013a) estabelece uma tríade para pensar o corpo: “como lugar de observação do sujeito, como objeto e como ferramenta”. A referida autora fala da possibilidade de pensar o corpo “como um lugar de simbolização, um lugar falado pelas palavras, pela língua” (*idem*, p. 100). Logo, é possível levar em consideração que essa fala se insere no corpo, bem como os efeitos de sentidos que essa mesma fala produz nesse corpo. Ou seja, o sujeito é inserido no mundo por meio do corpo. Leandro-Ferreira atribui aos gregos, grande parte dos estudos realizados acerca do corpo. Nessa civilização, o corpo era objeto de beleza, de perfeição. A imortalizada Vênus de Milos traduz o ideal de perfeição estética grega. Na Antiguidade Clássica, o corpo surge como sinônimo de pecado no conflito entre o santo e o profano. Os estudos sobre o corpo foram percorrendo caminhos diversos. Na pintura, o corpo é retratado em obras de autores consagrados assim como nas demais manifestações da arte. Mauss (*apud* LEANDRO-FERREIRA, 2013a, p. 101) “considera o corpo como um legítimo artefato cultural, e como tal, digno de todo interesse investigativo”.

A invenção teórica do corpo é atribuída à psicanálise a partir do momento em que Freud, ao observar os corpos no hospital Salpêtrière, compreende que o psíquico e o somático se inscrevem no corpo, então, a psicanálise diz de um corpo que é

afetado pela linguagem, o corpo das trocas, das negociações, o lugar de realização de um desejo inconsciente, habitado pela pulsão e constituído pela alteridade. Os equívocos do sujeito irrompem pelo inconsciente, o qual tem uma linguagem própria que se manifesta no corpo, através, por exemplo, do sonho e da histeria. Sonho e histeria não são puramente psíquicos nem puramente somáticos, transitam entre os dois. (LEANDRO-FERREIRA, 2013a, p. 103).

Remetendo, pois, o corpo à relação sujeito-linguagem Leandro-Ferreira pergunta: “Como é possível conceber o corpo na análise do discurso?”. A autora

responde ao questionamento por ela proposto, explicitando que, para a Análise de Discurso, o corpo, interpelado pela ideologia, relaciona-se de modo estreito com novas maneiras de assujeitamento. Dessa forma, o corpo não se constitui somente em um objeto de teoria, mas se mostra, deixa-se visualizar. Essa visualização inclui sujeito, condições de produção, historicidade, cultura. “Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível, e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível.” (LEANDRO-FERREIRA, 2013a, p. 105).

Nesse contexto de visibilidade, vale destacar que o corpo sempre foi um lugar visível. Viu-se no subcapítulo sobre a historicidade do corpo que essa visibilidade se dava nos circos dos horrores, em praças públicas, em feiras. Os corpos ditos anormais, denominados como corpos de monstros eram exibidos para o outro. Estavam no palco. O corpo era o espetáculo! No final do século XIX, com a intervenção da medicina, autorizada pelo Estado, a sociedade começou a sinalizar para uma visualização diferente do corpo. O corpo de monstro já não diverte mais. Ele sensibiliza! Considerado até então como monstruoso, dá lugar ao corpo enfermo. Entretanto, o corpo não deixa de perceber e ser percebido. Ele apenas é mostrado em outro lugar. A visualização acontece, então, nas telas dos cinemas montados nos parques de diversão, onde anomalias corporais eram exibidas ao vivo por meio de dispositivos de espelhos e refletores que projetavam diferentes tipos de deformidades corporais. Através da ilusão de ótica, corpos eram serrados, traspassados, membros eram multiplicados sob os olhares ávidos por diversão. Já no século XX, *Hollywood* constrói um comércio em torno das monstruosidades que, a partir de efeitos especiais, explora o corpo de monstro até os dias atuais.

Essa retomada na história do corpo se faz necessária em prol de se mostrar que o corpo sempre esteve em evidência. A injunção à visibilidade não é nenhuma novidade. A condição do ver e ser visto não é exclusividade da contemporaneidade. O que mudou foi a forma de visualização e aquilo que é exibido. Hoje essa imposição conta com um vasto potencial tecnológico à disposição do corpo que deseja se mostrar e ver o outro que se mostra.

Então, o ato de ver e ser visto convocando o corpo o tempo todo, objeto desta pesquisa, segue como próxima abordagem.

1.3. Corpo e Sujeito: da injunção à visibilidade

Recorrendo-se à atual conjuntura sócio-histórica-ideológica concernente ao corpo, apresentar-se-á a injunção à visibilidade mediante textos que situam o corpo no que se refere à ideia de imposição do ver e ser visto na contemporaneidade. Essa convocação para discussão pretende possibilitar uma ampla visualização às condições de produção do discurso sobre o corpo, objeto sobre o qual versa este trabalho. Se no subcapítulo anterior, com base na história do corpo fundamentada em Courtine (2009) e Moulin (2009), observaram-se diferentes deslocamentos de sentido do corpo à medida que ele vai sendo significado como um corpo de monstro, corpo anormal, corpo doente, neste subcapítulo, apresenta-se o modo como o corpo está sendo significado na contemporaneidade a partir da relação com a tecnologia, com as redes sociais, com as inovações no campo médico. Observar-se-á, portanto, como o corpo se mantém como lugar de visibilidade, no entanto, observar-se-á, também, que os sentidos sobre ele se deslocam à medida que as condições de produção são outras.

Nessa perspectiva, visibilidade é a palavra de ordem nessa sociedade moderna contemporânea. A injunção à visibilidade convoca o imaginário e o interdiscurso, estabelecendo uma condição de existência. A fim de existir aos olhos das outras pessoas, “é preciso agora ser visto por meio de imagens, se exhibir o máximo possível e, para isso, oferecer constantemente imagens de si: estar presente, ser conhecido, até mesmo famoso, por meio da imagem” (HAROCHE, 2013, p. 86). Assim, o indivíduo se submete ao imperativo da visibilidade que, além de intensa, é também, contínua. E, dessa maneira, a fim de se tornar visível, se faz imprescindível ter alguém que olhe, quanto mais melhor, que olhe e que registre que está olhando, que supostamente dê atenção. Tendo em vista que o discurso da visibilidade ordena: “Sejamos visíveis, façamos inveja aos outros, chamemos atenção” (BAURUS-MICHEL 2013, p. 40).

A partir da relação do sujeito com o corpo, questiona-se sobre o lugar do corpo nessa injunção à visibilidade. O que parece importar é o número de postagens nas redes sociais, *blogs* e demais veículos da imagem que esse indivíduo é capaz de fazer sempre e ininterruptamente, a despeito da possibilidade desse indivíduo se privar de seu tempo e da posse de si mesmo.

Faz-se cada vez mais notória a onipresença da visibilidade. Ela se faz presente em todo lugar. Instituições educacionais privadas ou públicas, empresas públicas ou privadas, organizações sociais, todos e todas objetivam a visibilidade. Torna-se

interessante saber como a máxima do filósofo e matemático René Descartes “Penso, logo existo” foi parafraseada. Segundo Birman (2013), a citação foi substituída por “vejo, e sou visto, logo existo”. Isso ilustra, de forma descontraída, a condição do ver e do ser visto que se tornou um pré-requisito para a existência do sujeito do século XXI. A visibilidade do corpo aponta para uma prática banalizada, tendo em vista que a tecnologia já permite que se visualize até mesmo o invisível. A ciência médica contemporânea conta com os *PET scanners*, uma tecnologia com capacidade de fazer um mapeamento de todo o corpo do paciente. Tais imagens são difundidas em revistas científicas, em filmes, nas séries de televisão, bem como em outros programas, no computador, etc. Isso possibilita a qualquer espectador de um seriado médico veiculado pela TV, por exemplo, a familiaridade com exames de imagem e diagnósticos médicos, assim como a possibilidade de acompanhar uma intervenção cirúrgica como se estivesse presente na sala de cirurgia.

Quanto às imagens do corpo que podem ser vistas a olho nu, tem-se o discurso publicitário que parece trabalhar em prol de imagens do corpo que sejam atraentes e sedutoras. Desse modo, o discurso publicitário produz uma imagem de corpo específico significado em nossa sociedade como corpo perfeito. O discurso publicitário constrói imaginariamente esse corpo que significa em nossa sociedade. Carrozza (2015) trata desse discurso da publicidade que tenta seduzir o consumidor:

Por isso é que vemos sempre estampados nos anúncios, não qualquer sanduíche, mas “o sanduíche”; não qualquer sala decorada, mas “a sala decorada”; não qualquer corpo, mas “o corpo”. Ou seja, esses modos superlativos de apresentação dos produtos fazem parecer que há uma “perfeição possível e provável”, seja ela de que natureza for (CARROZZA, 2015, p. 48).

Assumindo um lugar de destaque entre as tecnologias de alteração do corpo, a cirurgia estética reproduz o discurso da indústria imagética que dita um padrão de corpo. Porém, anexo a esse padrão, tem-se acesso a um manual de possibilidades para aqueles corpos que não se enquadram no padrão. A partir dessas possibilidades, o corpo enquadra-se nesse padrão mediante uma ou mais intervenções cirúrgicas. Tal discurso se funde ao discurso midiático: “[...] é possível afirmar já de antemão que o discurso da publicidade parte de um imaginário de “possibilidade de ser melhor”, colocando em pauta a relação entre o “ser agora” e o “vir-a-ser” com a utilização do produto” (CARROZZA, 2015, p. 49). Então, submete-se o corpo à essa modificação, tendo em

vista que a tela exhibe corpos sarados, manipulados, metamorfoseados. Isto é, torna-se um corpo-produto a ser consumido. E, os consumidores desse “produto” estão dispostos a tudo em prol da satisfação de olhar seu corpo no espelho e ver seu desejo refletido na imagem. É sobre isso, que na Psicanálise, encontra-se a noção de pulsão escópica, tendo em vista que “é a pulsão escópica que confere o caráter de beleza ao objeto desejado do mundo sensível e permite que o sujeito o ‘toque com os olhos’ e o desnude com o olhar” (QUINET, 2002, p 11). Nesse material de análise, mostrou-se produtor esse modo psicanalítico de significar essa imagem no espelho dos sujeitos do documentário em seus testemunhos. Observa-se que, pela Análise do Discurso, essa noção não encontra terreno do mesmo modo que na Psicanálise. Mas ao, discursivamente, trabalhar-se com o sujeito dividido, cindido, onipotente, longo, que esquece para lembrar, que é incompleto e desejante, essa imagem especular produz sentidos que, ao longo da leitura de arquivo, remete para o insabido, para aquilo que atravessa e constitui o sujeito sem que ele se dê conta.

Sobre modificações no corpo, Chiaretti (2016) afirma: “De modo geral, as modificações, sejam elas programadas ou naturais, visam ao aperfeiçoamento do corpo, um melhoramento que o torne mais apto, ou ainda, mais do que bom”. Referindo-se a essa tela, Haroche (2013, p. 93) enuncia que

Os indivíduos serão doravante vistos, às vezes percebidos, através de um meio técnico – a tela – nas tecnologias contemporâneas e não mais através das mediações anteriores em sua dimensão corporal, física, concreta, das mediações ligadas aos códigos de civilidades, das maneiras aprendidas e transmitidas pela tradição, pela educação [...]. a visibilidade passa a estar no centro do processo de produção, que se tornou, em grande parte, de consumo, a ponto de a injunção da visibilidade, a obrigação permanente de oferecer, de mostrar imagens de si, em suma, a visibilidade de si, atualmente ser imposta ao indivíduo (HAROCHE, 2013, p. 93).

Nesse viés, a fim de existir, na tela, no mundo contemporâneo, o indivíduo é levado a se mostrar permanentemente, se exhibir continuamente, aos olhos de muitos, da maioria. Desse modo, ele consegue se tornar, literalmente, uma imagem. Como as dimensões não visíveis do indivíduo, aquelas que permanecem em seu interior, tendem a se reduzir e, como são dimensões invisíveis, não são legitimadas, nem mesmo consideradas pelas instituições ao avaliar uma identidade.

Enquanto as sociedades ocidentais do século XIX precisavam esconder, a todo custo, a intimidade, na contemporaneidade, as mesmas sociedades, numa completa

inversão de valores, necessitam exibir a intimidade. A partir desse entendimento, supõe-se que a injunção da visibilidade seja constitutiva da sociedade contemporânea.

Em referência às tiranias da visibilidade e da intimidade, ressalta Birman (2013, p. 60): “Em suma, a tirania da visibilidade se conjuga no mesmo tempo verbal que o da tirania da intimidade, ambas constituindo, conseqüentemente, os dois lados da mesma problemática constitutiva da contemporaneidade”. Discursivamente, dir-se-ia que essas discursividades produzem um outro modo de funcionamento do sujeito na formação social contemporânea.

Imerso nesse universo, encontra-se o documentário “Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas” que entrevista três pessoas que se submeteram a transformações corporais por meio de cirurgias estéticas e que expõem a intimidade de suas experiências cirúrgicas a nível nacional através do canal por assinatura, *National Geographic Channel*. Soa como uma das propostas atuais do *marketing* para os comerciais e programas de TV: direciona-se a um espectador que se identifica com o lugar do anonimato, podendo sair dele no momento seguinte, ou seja, no momento em que pode se tornar celebridade a partir de sua inscrição no universo que expõe a intimidade do sujeito como produto midiático. Ainda sob essa ótica, o divã do analista, na configuração paciente e analista, já não sinaliza como uma das primeiras opções para aqueles que parecem precisar de um acompanhamento terapêutico. Talvez, o divã público dos *reality-shows*, programas que exibem pessoas comuns vivendo dificuldades pessoais, seja bem mais interessante. A terapia espetáculo que compartilha seus problemas pessoais com o grande público transforma o paciente em *super star* e assim, já não há apenas um especialista para ouvir suas questões, mas milhões deles que adquirem o direito de intervir, criticar e expor, de volta, seus pareceres de terapeutas da exibição.

Essa sociedade preconiza, hoje, tiranias da visibilidade que ditam regras para indivíduos que se encontram transbordantes de “eus”, no entanto, desprovidos do “próprio eu”. Indivíduos estes que são vistos, mas não são olhados. Indivíduos que ouvem, mas não conseguem escutar. Indivíduos que vivem em coletivismo sem, contudo, participar da coletividade.

No sentido de que as sociedades ocidentais contemporâneas são injungidas à visibilidade, Bouilloud (2013) observa que essa injunção se dá pela imagem, pela mídia, pelas aparências. Isso acontece de forma permanente. O indivíduo encontra-se incessantemente olhando e sendo olhado pelo outro, o que eleva o valor da aparência e isso implica para as relações sociais, possibilitando o desejo de parecer mais jovem e

mais belo, o que, por sua vez, convoca o procedimento cirúrgico para satisfazer o desejo da aparência de ter e/ou ser um corpo belo, perfeito, desejável. Diante dessas considerações, de que modo o discurso do corpo ideal, esse que constitui o imaginário social, magro, ultramedido, etc. afeta os sujeitos de *Tabu Brasil*?

Nessa perspectiva, quando o sujeito se encontra circundado, rodeado, “submerso por fluxos de imagens”, nessa condição, analisa Haroche:

O mundo tende a se tornar opaco e ininteligível para ele, e, ao mesmo tempo, ele próprio deve se tornar visível o máximo possível, apresentar imagens suas, constantemente, em quantidade assombrosa, para não deixar de ser percebido e, conseqüentemente, para não deixar de existir aos olhos da sociedade. (HAROCHE, 2013, p. 90).

Há, pois, uma necessidade incontrolável de se tornar visível. E, na mesma proporção da necessidade de visibilidade, há o medo da invisibilidade. “O invisível tende a significar o insignificante, e, mais, o inexistente” (AUBERT & HAROCHE, 2013, p. 13). Nota-se, então, que a injunção da visibilidade manipula as maneiras de viver, de pensar, de trabalhar, ao mesmo tempo que rechaça a invisibilidade, considerando o invisível como sinônimo de inútil. Não mais remetendo o indivíduo às suas atitudes, práticas e competências, mas reduzindo-o, simplesmente, às aparências. A partir dessas colocações, questiona-se: qualquer corpo, todo corpo está submetido à essa imposição da visibilidade?

Haroche (2013) atribui sinonímia tanto à visibilidade quanto à invisibilidade. O significante “visibilidade seria sinônimo de legitimidade, de utilidade, garantia de qualidade de um indivíduo: a frequência, a quantidade, até mesmo a continuidade, da visibilidade o valorizariam”. Enquanto o significante invisibilidade, prossegue a autora, “teria se tornado sinônimo de inutilidade, de insignificância, até mesmo de inexistência” (p. 102). Essa imposição à autoexibição contínua diria de uma supressão de si, o que reforçaria um contraponto psíquico, uma oposição entre os significantes mencionados, produzindo efeitos de divisão tanto em relação aos indivíduos entre si como em cada indivíduo. Haroche (2013, p. 102) exemplifica essas oposições: “entre o útil e o inútil, a existência e a inexistência, o legítimo e o ilegítimo, o significante e o insignificante, o importante e o acessório, o essencial e o supérfluo, o estável e o instável, o contínuo e o descontínuo, o incluído e o excluído”. Essa série de oposições poderia levar a uma multiforme concorrência entre “indivíduos fragmentados, multiplicados, inseguros e ao mesmo tempo arrogantes, competitivos e de um arrivismo exacerbado”. O que poderia

provocar um esvaziamento do eu. A proibição à invisibilidade, aparentando uma forma de dominação, extingue a reflexão, suprime o direito de se calar. O silêncio, já considerado uma arte, na contemporaneidade é tido como equivalente à invisibilidade, logo, o silêncio retém a mesma sinonímia atribuída à invisibilidade. É significado, também, como inútil, insignificante, inexistente. Então, como efeito de sentido, dir-se-ia que a visibilidade obriga o falar e proíbe o calar.

Ainda nessa via, ao pensar sobre o visível e o invisível, o filósofo Merleau-Ponty reflete:

Quando se trata do visível, um monte de fatos vem apoiá-lo: para além da divergência de testemunhos, é fácil restabelecer a unidade e a concordância. Ao contrário, tão logo é ultrapassado o círculo das opiniões instituídas, assim que se tem acesso ao verdadeiro, isto é, ao invisível, parece mais que os homens habitam cada um em sua ilha [...]. (*apud* AUBERT, 2013, p. 112).

A reflexão do filósofo parece afirmar que o verdadeiro é o invisível. E que na superficialidade do visível, torna-se fácil concordar. Ainda parece afirmar que o visível só existe porque o invisível já está lá.

Discursivamente, pensando o invisível, não se pode esquecer da reflexão que Orlandi (1993) desenvolve sobre silêncio. Segundo a autora, o silêncio, a semelhança do que o invisível significa para Merleau-Ponty, é o princípio da significação, o silêncio é constitutivo de todo dizer, ele é fundante. Pensar sobre o silêncio permite pensar que o não-dito significa, pela ausência, pelo invisível (da imagem do corpo); possibilita que o sentido seja outro, que haja espaço para a especificidade, por sua fluidez e movimento. O silêncio constitui a marca da incompletude da língua e do sujeito, como falta e como excesso.

Visando destacar a visibilidade e a intensidade na busca pela eternidade contemporânea, Aubert (2013) estabelece um paralelo entre espaço e tempo. Na relação com o espaço, a busca de visibilidade se dá com a necessidade de ser visto, conhecido, lido, reconhecido, no maior número possível de lugares e pelo maior número possível de pessoas. Essa busca acontece na enorme tela da mídia e sob o olhar dos outros. Na relação com o tempo, a intensidade se dá na necessidade de fazer o maior número possível de coisas, o mais intensamente que for possível no menor tempo que for possível. A busca de intensidade acontece numa cena interior, na relação consigo mesmo. “É com relação a si mesmo que se quer viver intensamente, mas é com relação aos outros que se quer ser o mais visível possível” (AUBERT, 2013, p. 120). O olhar da

interioridade constitui a busca de intensidade enquanto o olhar da exterioridade constitui a busca da visibilidade. Nesse sentido, a busca de visibilidade de si mesmo no espaço e a busca de intensidade de si no tempo parecem ter se tornado as formas de eternidade contemporânea. Ao pluralizar vestígios virtuais de si, o indivíduo existe e se eterniza para um sem número de outros indivíduos que fazem o mesmo. Vê-se, então, que o corpo é lugar de visibilidade o tempo todo, porém, que corpo é mostrado?

Nessa perspectiva, a multiplicidade de espaços virtuais apresenta novidades quanto às tecnologias implementadas que oferecem novas possibilidades aos usuários, contudo, os objetivos desses usuários continuam sendo os mesmos. Um desses objetivos é o de ter inumeráveis “amigos” e poder encontrá-los, virtualmente, sempre que sentir vontade. Um outro objetivo é o de ser um dos inumeráveis “amigos” de outros usuários. A possibilidade de ter muitas vidas, simultaneamente, sob pseudônimos variados, parece preencher uma lacuna e/ou aparentar uma fuga de si mesmo, haja vista que o indivíduo pode ter qualquer profissão, pode morar em qualquer lugar, pode possuir quaisquer bens, pode ser qualquer pessoa que deseje ser. Nesse contexto de possibilidades,

[...] assumir a existência de um “condicionamento” da vida por essa série de limitações impostas pelo cérebro do homem possibilita pensar, por outro lado, em uma vida sem limites, não mais condicionada – seria então uma vida “desembaraçada” da materialidade específica a partir da qual se constituem os sentidos possíveis? (CHIARETTI, 2016, p. 162)

No entanto, apesar da visibilização de si na internet ser comumente considerada como autoexibição, o que alguns já denominam de “cibernarcisismo”, mostrar-se na internet tornou-se, basicamente, um dever. Hoje é possível conhecer não somente as propostas de uma determinada instituição, mas se faz possível conhecer todo o *staff* que compõe essa instituição, empresa ou organização. O perfil de cada membro da equipe de trabalho é exposto nos respectivos sites com fotos, titulação e histórico profissional. Em virtude disso, não cabe aqui fazer um julgamento do sintagma “visibilidade”. Em vez disso, recorre-se à Heinich (2013) que discorre sobre o valor ou antivalor da visibilidade. A autora explica que:

Se admitimos que um valor é o princípio em nome do qual se enuncia uma avaliação, positiva ou negativa, então a visibilidade é um valor desde que se possa dizer de algo: “É bom porque dá visibilidade” (ou ainda: “É ruim porque priva da visibilidade”); e um antivalor se é possível dizer: “É ruim porque dá visibilidade” (ou ainda: “É bom porque isso evita a visibilidade”). No primeiro caso, sua presença é

desejada, e sua ausência, deplorada; no segundo, é, evidentemente, sua presença que é deplorada, e sua ausência, desejada. (HEINICH, 2013, p. 315).

Nesse caso, sendo possível atribuir um valor à visibilidade na mesma medida em que se pode atribuir-lhe um antivalor, convém ressaltar que não se faz relevante considerar a visibilidade como útil ou nociva. Faz-se pertinente analisar. Provavelmente, visibilidade tem sido e ainda será objeto de vários trabalhos acadêmicos e é interessante levar em consideração que os resultados das análises são e serão sempre múltiplos. Enfim, o importante não é comprovar se a visibilidade é “vilã” ou “mocinha”. O que importa é saber que ela funciona na “trama” produzindo efeitos.

Na contemporaneidade, a relação do sujeito com seu corpo no que concerne à ideologia, à história e ao imaginário social ressoa como sendo um sujeito capitalista que paga, na maioria das vezes, muito caro por uma imagem perfeita. E a mídia parece ter uma participação mais que especial nesse processo, tendo em vista que o sujeito se materializa através do discurso midiático da aparência como valor absoluto. Essas considerações se fazem pertinentes à luz da Análise de Discurso que trabalha

o corpo simbólico-político, investido de sentidos na formação social, e não apenas o corpo biológico. Isto quer dizer que, na sua constituição, contam as condições sócio-históricas, mas também as simbólicas”. Desse modo, levando em consideração o corpo do sujeito juntamente com sua historicidade e materialidade, compreende-se que “[...] o corpo significa; não se pode pensar o sujeito sem o corpo, e o corpo sem o sujeito e os sentidos. O corpo tem uma forma histórica. Uma forma material. E isto compõe a materialidade do sujeito”. (ORLANDI, 2012, p. 97).

Nesse sentido, a formação social desse corpo perpassado pela história e atravessado pela ideologia se constitui em corpo simbólico-político que se significa em formulações contemporâneas de um corpo que não precisa conviver com aparências não aceitáveis pela indústria imagética. A mídia, considerada por (CARROZZA & LAMBERT, 2015, p. 1053) “como de circulação de sentidos produzidos por e para sujeitos, no qual circulam “representações sociais” que, de certa forma, materializam imaginários sobre o corpo do sujeito contemporâneo”, evoca o sentido de uma beleza padrão que considera como imperfeição aquilo que não se enquadra nesse padrão. Nariz fino e boca carnuda são apenas exemplos simples admitidos por esse padrão de beleza contemporâneo e não admitidos se não tiverem essa configuração. Assim sendo, busca-

se compreender sobre o corpo e suas formações discursivas. Busca-se compreender sobre o processo de constituição do sujeito que

na interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, que tem a forma sujeito histórica capitalista, também o corpo é interpelado: o corpo de que estou falando é o corpo produzido pela ideologia capitalista. Essa é a forma histórica do corpo que temos. O corpo do sujeito atado ao corpo social. (ORLANDI, 2012, p. 16).

Como já foi exposto através de fundamentações teóricas e ainda o será no decorrer desta pesquisa, o corpo consiste em um importante objeto de estudo, tendo em vista que o corpo significa. Dada essa relevância do corpo como materialidade específica do sujeito, como corpo de linguagem, Orlandi (2012) concebe a linguagem como sendo uma das maneiras pelas quais o indivíduo se relaciona com o mundo. É, também, através da linguagem que esse indivíduo é constituído. Nesse sentido, “o corpo da linguagem e o corpo do sujeito não são transparentes. São atravessados de discursividade, efeitos de sentidos constituídos pelo confronto do simbólico com o político”. Essa discursividade se dá em um determinado “processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente” (ORLANDI, 2012, p. 13).

Por esse viés, articulando corpo e linguagem, há a possibilidade de considerar o corpo produzindo e resultando da relação que se dá envolvendo o político, o histórico e o simbólico. Nessa relação, os discursos de corpo ideal em circulação na mídia se materializam no social e interferem na relação do indivíduo com o próprio corpo. Esse discurso da mídia em referência ao corpo é denominado por Carrozza & Lambert (2015) de textualização do corpo:

propomos pensar a textualização do corpo pela mídia, pensando o sentido de textualização na relação com a linguagem, no batimento entre sua ordem e sua organização. Essa noção, tomada na relação com o corpo, possibilita-nos supor que, quando se depara com o corpo alterado, o modo como se muda o corpo (o sujeito) é um modo de textualização. Logo, podemos pensar em uma “ordem do corpo” que, devido aos discursos circulantes, se organiza de determinada forma e se materializa no imaginário que circula socialmente. (CARROZZA & LAMBERT, 2015, p. 1055)

Nessa perspectiva, a mídia institucionaliza a relação do indivíduo com a sociedade através das especificidades de um imaginário social. Em conformidade com Silva (*apud* SANTOS, 2017, p. 61): “Diante das mensagens televisivas o sujeito é

instado a fazer sentido nos sentidos do mercado, do consumo, sujeito a ser e se relacionar com o que o cerca como objeto que passa a lhe integrar”. Assim, sujeitos e sentidos se constituem por uma/na relação de reconhecimento na formação discursiva de consumidor e, também, de corpo objeto.

A concepção de Santos (2017), no que se refere ao discurso midiático, apregoa que a publicidade vai muito mais além de, simplesmente, vender produtos. Atuando de forma camuflada, no entanto, competentemente, a publicidade vende identidades. A autora prossegue:

Na construção do discurso publicitário, emerge um teatro de identidades na rede de imagens, cores, símbolos, movimentos e sentidos entrelaçados parafrasticamente e urdidos na sua interdiscursividade, simulando uma continuidade identitária que vai renovando-se, refazendo-se, transformando-se de forma plural e até contraditória. (SANTOS, 2017, p. 81).

Tal identidade se dá por via dupla. A mídia identifica o corpo perfeito ou corpo imperfeito, impulsionando os ideais capitalistas e o indivíduo, do outro lado da via se encontra o sujeito capitalista que se identifica com esses ideais.

Se o discurso da medicina estética em circulação na mídia é aquele de tecnologias inovadoras e variadas à disposição de qualquer um que queira corrigir, trocar, aperfeiçoar ou fabricar um órgão corporal e, se o discurso capitalista corrobora o discurso da estética e prega um financiamento democraticamente acessível, faz-se difícil não aderir ao apelo midiático. Como fugir à interpelação do discurso da racionalidade neoliberal que sustenta a indústria da medicina estética? como fugir à interpelação do discurso da cirurgia estética como um bem de consumo? Como fugir à interpelação do discurso que prega a democratização da cirurgia plástica, cujo acesso é para todos – para isso possibilitando parcelar o pagamento em vinte e quatro, sessenta ou até cem vezes, viabilizando um consórcio de cirurgia plástica? Sabe-se, através dos estudos discursivos da linguagem, da impossibilidade de fugir à interpelação ideológica, porém, se a linguagem, por um lado, proíbe essa fuga, por outro lado, ela permite traçar um paralelo entre economia, democracia e a própria linguagem. Campos, aparentemente, tão antagônicos. Contudo, é possível mostrar a opacidade na qual os significantes *financeiro*, *democrático* e *cirurgia plástica* se encontram na mesma organização histórica dos sentidos.

Há algum tempo atrás, *medicina* era uma palavra simples, entretanto, na contemporaneidade, observa-se que esta se tornou uma palavra composta, produzindo

um efeito de fragmentação da saúde. Então, têm-se “medicina molecular”, “medicina homeopática”, “medicina estética”, etc. A transformação do substantivo simples *medicina* para o substantivo composto *medicina estética* parece deslocar o sentido, dando a ideia de mercadoria, como se precisasse adjetivar a fim de impulsionar a política de venda do produto. Um dos efeitos aí produzidos é que o discurso médico está fagocitado pelo capitalismo. Entende-se, ainda que o discurso democrático concernente à medicina estética envolve não apenas valores monetários acessíveis e multi parcelamentos para as classes sociais menos favorecidas financeiramente. O democraticamente acessível parece concernir, também, ao cirurgião com menor habilidade profissional para lidar com o corpo, além de envolver clínicas com aparato tecnológico insuficiente para as demandas exigidas no manuseio com o corpo através das intervenções cirúrgicas. Esse aspecto democrático no que se refere ao universo da medicina estética faz ecoar uma citação de Leandro-Ferreira (2013) que tem um cunho do significante democracia, então, não se pode deixar de registrar aqui: “E muito se fala do corpo, no corpo, com o corpo, pelo corpo. E isso desde a civilização grega, onde o corpo era assunto de beleza estética associada à perfeição” (p. 100).

Desse modo, corpo em cena, abordar-se-á discursividades sobre o corpo, especificamente, no documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas*, no próximo capítulo.

CAPÍTULO II – TABU BRASIL E O DISCURSO SOBRE O CORPO

2.1. Discursividades sobre o corpo – a série

Considerando a ideia de percurso, de movimento que emana da palavra discurso e considerando ainda que não se pode conceber discurso sem sujeito do mesmo modo que não se concebe sujeito sem ideologia (ORLANDI, 2010a), constata-se assim a possibilidade de reinventar a prática de linguagem que a Análise de Discurso pode nos proporcionar. Nessa perspectiva, esta pesquisa considera o diferencial presente no dispositivo teórico da Análise de Discurso que compreende o trabalho com o discurso. Desse modo, a Análise de Discurso trata das formas e dinâmicas do discurso enquanto produção de sentidos, marcadas na superfície linguageira, relacionando-os à sua historicidade. “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2010a, p. 15).

Nessa via, a teoria da Análise de Discurso, como noção fundadora, postula que “o discurso é efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2010a, p. 21). Isso implica estabelecer uma relação com a exterioridade, haja vista que, a fim de significar, a língua precisa se inscrever na história. Tal historicidade não leva em consideração a ordem cronológica dos fatos, mas considera a maneira como são produzidos os sentidos e como eles circulam. Essa relação estabelecida com a exterioridade se faz extremamente relevante devido à Análise de Discurso propor “uma forma de pensar sujeito e sentido que se afasta tanto do idealismo subjetivista (sujeito individual) como do objetivismo abstrato (sujeito universal)” (ORLANDI, 1994, p. 55).

Nesses termos, o sujeito não é considerado como sendo a fonte dos sentidos e a língua não é considerada como um sistema abstrato e formal. Isso ocorre porque os sentidos não são produzidos pelo sujeito. “O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (ORLANDI, 2010a, p. 15).

Além disso, por se trabalhar com a materialidade de um documentário, é preciso pensá-lo como discurso, um tipo de discurso, dentre outros e misturado a outros. Nessa esteira, Orlandi (2011, p. 235) nos afirma que “não há tipos puros de discurso”. O que há é toda espécie de relação de cruzamentos entre os discursos. “Todo tipo é produto

histórico, ou seja, cristalização de algo dinâmico, que é o processo discursivo”. Não há como desvincular o estudo da tipologia discursiva de sua relação com o funcionamento discursivo. Porque não há uma essência que defina o tipo, uma característica única. O mesmo discurso atravessado por outros.

Assim, pensando o documentário como um tipo discursivo, pode-se dizer dele como uma textualidade que se compõe, não só de diferentes tipos de textos, mas também de diferentes materialidades significantes como a imagem, o som, o verbal, o movimento, a forma material, uma composição audiovisual, etc. Como em todo texto, há uma função autor que, neste documentário, imaginariamente, se produz na voz do narrador; mas essa função autor, nessa materialidade, aparece fragmentada, ao final de cada episódio em formato de créditos. Além de elementos de linguagem como a presença de um narrador/locutor, depoimentos, registros históricos, reconstituições... o documentário é constituído de algumas outras características nas quais predomina a subjetividade.

Considerado por Orlandi (2012, p. 57) como “acontecimento discursivo produzido por diferentes materialidades discursivas”, o documentário coloca na história, por meio da memória discursiva ao mesmo tempo que produz um efeito de atualidade, os dizeres dos sujeitos. Com o fim de produzir esse efeito, esse tipo discursivo “presentifica, atualiza e cria, retomando-o, um passado. Para isso ele joga todo o tempo com a relação entre a memória, estruturada pelo esquecimento”(ibidem, p. 59). Trazendo para a conversa o documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas*, quando um entrevistado fala do (seu) corpo, ele não é só um corpo que se submeteu a um sem número de cirurgias estéticas. As enunciações jogam através da materialidade significativa. E tem mais, o modo como ele(a) conta da sua história na intimidade, é diferente da forma como ele(a) conta no programa, como entrevistado(a), através da experiência coletiva. A própria materialidade significativa traz para a análise um efeito de sentido característico a essa experiência de expor sua história coletivamente. O fato de ser um documentário dá todo um efeito; o fato de falar na presença de um(a) diretor(a), cinegrafista e demais componentes da equipe de filmagem, também, produz efeito; a assinatura do contrato para ceder as imagens é levado em conta; ter ciência de que seu discurso verbal e não verbal será exposto para tantos quantos quiserem saber sobre ele, também, significa.

Por essa via, tomar-se-á como material de análise da presente pesquisa, recortes selecionados a partir dos discursos dos entrevistados que se submeteram a intervenções

cirúrgicas: James França, Sabrina Almeida e Elisabete do Couto Dias; especialistas do campo médico; e o narrador em *off* do documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas*, produzido e veiculado no canal por assinatura *National Geographic Channel – Brasil* (NGC), segmento da *National Geographic Society*, também conhecido como *NatGeo*. Mediante a *homepage* do *NatGeo*, vê-se que esse canal de televisão é destinado à apresentação de documentários, séries e programas educativos sobre ciência, tecnologia, história e meio ambiente. A *National Geographic Society* fornece ao *NatGeo*, acesso a suas fontes, incluindo alguns dos mais renomados cientistas e documentaristas do mundo, extensa biblioteca de documentários da *National Geographic Television* e fontes editoriais. O documentário a ser trabalhado integra a série *Tabu Brasil* que, segundo a proposta da produção do seriado, aborda temáticas consideradas “polêmicas, exóticas, controversas”. A equipe de produção menciona que a série já havia sido exibida no Brasil em versão latino-americana, porém, em março de 2012, foi exibida a primeira temporada de versão totalmente brasileira, com temas e produção nacionais.

Segundo a proposta da série, *Tabu Brasil* mostra temas que são considerados tabus por ferirem “normas sociais, religiosas ou culturais, mas que merecem uma análise isenta de preconceitos”. Disponível em sites especializados como o *Fox Play*, – um serviço disponível para os clientes de TV por subscrição que tenham incluídos os canais *Fox*, *Fox Life* e/ou *Fox Crime* no seu pacote, bastando para tal que se autenticuem com o nome de usuário e senha de sua operadora de televisão – assim como na provedora de filmes e séries *Netflix* – uma provedora global de filmes e séries de televisão via distribuição digital, atualmente com mais de cem milhões de assinantes. Fundada nos Estados Unidos, a empresa produz centenas de horas de programação original em diferentes países do mundo – assim, o referido documentário possui, no presente, 1.446.000 visualizações no *Youtube*.

Além de toda essa circulação, uma pesquisa de mestrado intitulada “Representação e Identidade cultural em 'Tabu Brasil' e a linguagem dos documentários da National Geographic para a TV”, desenvolvida na Universidade de São Paulo, por Maria Luisa Prandina Rodrigues, problematiza a parcialidade que a *National Geographic Society* parece assumir ao selecionar determinados grupos sociais, identificando-os como tabu, paradigmas do diferente, importando conceitos euroamericanos sem levar em consideração as diferenças culturais. A pesquisadora se sentiu estimulada a estudar as representações de tabu produzidas em território nacional que apresentam sujeitos cujas identidades supostamente constituem um tabu, uma

extravagância, cada um a seu modo, sob a ótica da *National Geographic Society*. O posicionamento, no mínimo parcial, que a produtora parece assumir ao optar por determinadas representações de identidades culturais brasileiras, considerando-as extravagantes, sob seu ponto de vista, taxando-as como paradigmas do diferente, do tabu, torna-se, então, “o fio condutor de seus dizeres entremeados por noções euroamericanas com requintes colonialistas, utilizados na representação do outro, distante geográfica, histórica e socialmente”. O interesse dessa pesquisa é outro. Todavia, o trabalho de Rodrigues (2014) permite já observar uma linha de significação que, em nossa formulação, constitui o discurso do documentário em questão, levando-se em consideração que, discursivamente, o sentido se produz em determinadas condições de produção, “pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo socio-histórico” (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

A fim de exemplificar a proposta de temática da série em pauta, listar-se-á títulos de alguns dos episódios apresentados: mudança de sexo, tratamentos polêmicos, fanatismo, cadáveres, prostituição, nudismo, compulsão. Ao se tomar conhecimento dos temas propostos, torna-se, no mínimo, significativo o fato de cirurgias plásticas fazerem parte de uma série que aborda “tabus”. Por que o tema cirurgias plásticas entra nessa rede metonímica? Será pela compulsão à cirurgia plástica? Supõe-se que seja para tentar tamponar algo que nesse sujeito se significa como falta. O tema Cirurgias Plásticas entra na rede da compulsão, do excesso. E, percebe-se que a construção discursiva do programa indica que, supostamente, há uma justificativa psicológica para o excesso. Justifica-se que o sobrepeso se deu em decorrência de uma gravidez e/ou da perda do marido; justifica-se que a compulsão por seios cada vez maiores se dá pelo longo período de amamentação; justifica-se que a preocupação em cultivar um corpo sem rugas, marcas ou gordura se baseia no contexto de beleza vivenciado no âmbito familiar e profissional. Parece haver, sempre, uma necessidade de expor um motivo psicológico para se deixar transformar, como se fizesse parte do processo discursivo, produzir justificativas para algo, teoricamente, injustificável.

Em seguida, o diretor-geral da segunda temporada, Kiko Ribeiro, discorre sobre o projeto do *NatGeo*:

De maneira dinâmica e inteligente, Tabu Brasil busca trazer à tona tabus do cotidiano brasileiro ou comuns a outras culturas convidando o telespectador a conhecê-los, adentrando um universo evitado, escondido ou renegado. **A série não toma partido e não julga.**

Apenas coloca luz onde antes se vivia na penumbra, mostrando **os dois lados**.

Considera-se pertinente discorrer, discursivamente sobre série, neste ponto do texto, para apontar o modo como Pêcheux (2002) nos mostra o funcionamento de uma série, enquanto uma sequenciação cujos elementos estariam numa relação específica, como se não houvesse possibilidade de pontos de deriva entre eles. No caso da série de documentários, observa-se, junto com Pêcheux, que aí se apresenta um ponto que é da ordem da necessidade imperiosa do sujeito pragmático constituído pela forma sujeito capitalista de unificar "uma multiplicidade heteróclita das coisas-a-saber em uma estrutura representável homogênea [...]" (p. 35); a necessidade de um recobrimento lógico de regiões heterogêneas do real, como se fosse apenas um real; a necessidade universal de um "mundo semanticamente normal", isto é, "normatizado", que começa com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos [...] (p. 34); a necessidade de uma homogeneidade lógica que categoriza em opostos o que, em existência, é paradoxal, é desencontro, é contradição.

Refletindo-se sobre a materialidade da série, da qual um dos episódios é analisado, pode-se compreender que trabalha aí uma necessidade à homogeneidade, a um apaziguamento dos sentidos em jogo, ao ser significada como uma série que trata "do exótico, do polêmico e do controverso", que traz uma "análise isenta de preconceito", dizendo que não há dois lados, o certo e o errado. Observa-se, neste ponto, que ao denegar o certo e o errado, e ao significar 'tabu' como polêmico, controverso e exótico, parece abrir para a polissemia, mas a tentativa do controle se repete já que ser exótico, polêmico, controverso não foge à categorização lógica dual do errado e do certo. O real, todavia, não deixa de aí se inscrever e apontar para a falta, a contradição, o paradoxal que comparece (na forma de excesso ou de falta) nos testemunhos dos sujeitos do documentário, apontando para um inalcançável, insatisfatório recobrimento das necessidades imperiosas da sociedade capitalista em relação ao corpo do sujeito.

O ato de trazer temas que geram conflitos e questionamentos, pode gerar, também, na posição-sujeito telespectador, o desejo de fazer seu próprio julgamento quanto à atitude dos entrevistados: Eles agiram de forma correta ou de forma errada? Então, em determinado momento, surge na tela uma chamada: "Não é certo. Não é errado. Tabu Brasil". Uma apresentação que já divide e assim estabelece a produção de um julgamento acerca do tema. Em relação a "não tomar partido", torna-se notório que

ao decidir criar a série, já foi tomado partido. E, ao estabelecer dois lados, a equipe produtora da série pensa determinar o número de interpretações possíveis. Considerando (ORLANDI, 2004) que “o sentido sempre pode ser outro”, questiona-se: quantos lados há? Não se sabe quantos são os lados, contudo, pode-se afirmar que são muitos lados. Sabendo-se que o sujeito não possui controle sobre o que diz, tendo em vista que o discurso proferido vai produzir sentidos outros, desconhecidos/esquecidos pelo sujeito que o proferiu, não se faz possível limitar o número de “lados” a serem mostrados.

Como é vedado qualquer tipo de contato a um objeto ou a alguém considerado tabu, o que o torna ocultado da visão, isto é, o tabu torna-se invisível, misterioso, censurado, proibido. Assim sendo, um outro aspecto de interesse e questionamento reside no fato de o tema “cirurgias plásticas” entrar na rede metonímica de tabu. Será que "erraram a mão"? Compreende-se que tabu, geralmente, é ligado à falta, contudo, no documentário em análise, tabu entra ligado ao exagero. Ou seja, não há algo que não possa ser falado. Ocorre um efeito metafórico ligado ao exagero. Vê-se o tabu ligado ao excesso, ligado ao discurso capitalista da beleza como algo a ser consumido. Significar o sujeito como completo, como o que sabe o que deseja, como o que tem certeza do que vê como imagem de si, são esses efeitos que sustentam o documentário nessa série tabu e que a própria série sustenta; significar o sujeito como repetição de um mesmo modo de se ser sujeito nessa formação capitalista, e interpelado pelo discurso médico-mercadológico. Discurso médico fagocitado pelo capitalismo que vende partes do corpo; medicina estética que se torna mercadoria. Então, falar de cirurgia plástica como tabu não é "errar a mão", nessa discursividade, é significar na possibilidade de a tudo ver o que é próprio do sujeito e seu corpo de forma completa.

Na exibição do episódio *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas* em junho de 2013, quarto episódio da segunda temporada, o qual selecionou-se para a análise, o narrador, em *off*, faz a introdução do assunto, situando assim, o espectador, enquanto três entrevistados de regiões brasileiras diferentes, fazem uma autonarrativa sobre o ponto comum que os une, nesse episódio, a cirurgia plástica. A saber: Sabrina Almeida, Dj e modelo, São Paulo – SP; James França, Empresário e Cabeleireiro, Sete Lagoas – MG; Elisabete do Couto Dias, confeitadeira, Campo Grande – RJ. Vale a pena questionar o motivo pelo qual estes foram escolhidos para o programa. Compreende-se que, a partir dessa seleção, a própria temática os considera como anormalidade. O documentário também conta com análises e comentários de especialistas: Dr. José Horácio Aboudib, Presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Joana Novaes, Professora da

UVA – Coordenadora do Núcleo de Doenças da Beleza – PUC-Rio; Dr. Fernando de Barros, Cirurgião bariátrico; Dr. Carlos Roxo, Chefe do Serviço de Cirurgia Plástica Reparadora do Hospital Federal de Andaraí – RJ; Dr. Luiz Alberto Lamana, Cirurgião plástico, médico de James França. São exibidos, ainda, os depoimentos de Cláudia França, Esteticista, maquiadora e irmã de James França; Joyce Dias Batista, Professora, filha de Elisabete do Couto Dias; Sérgio Silva, Cabeleireiro, pai de James; Elisangela Oliveira Lourenço, Técnica em enfermagem, irmã de Elisabete. O documentário ainda mostra a imagem de Alexandre, namorado de Sabrina Almeida, contudo, nenhuma fala dele é exibida no episódio.

Os três entrevistados fazem uma autonarrativa que se pode denominar, também, de testemunho. Necessário se faz modalizar o sintagma “testemunho” sob a perspectiva da Análise de Discurso do modo como Mariani (2016) o faz quando formula “a ideia de testemunho enquanto transmissão do real que está em jogo em uma experiência analítica, por um lado; e testemunho enquanto relato de experiências (traumáticas) vividas, por outro (*ibidem*, p.163). Cada um deles narra o corpo, testemunha do corpo, utilizando-se da única forma que cada um sabe sobre o (seu) corpo, da forma como o (seu) corpo significa. Testemunhar, torna-se, muitas vezes, um ato impossível, devido a insuficiência de palavras, na língua, capazes de expressar a experiência vivida. Segundo a autora, “falamos sob o efeito de um resto, sofremos com o enigma das repetições, damos de cara com os equívocos e deixamos desconcertados diante desse lugar a partir do qual respondemos à demanda do Outro” (MARIANI, 2016, p. 166). Desse modo, como testemunhas que não só presenciam, mas vivem o drama, eles narram suas experiências pessoais com a cirurgia plástica: Sabrina Almeida, apelidada de Sabrina Boing Boing por um apresentador de televisão, é a mulher brasileira com maiores próteses de silicone. O documentário acompanha sua quinta cirurgia na qual são injetados 2,5 litros de silicone em cada seio; James França se submeteu a sete intervenções cirúrgicas em sete anos entre tratamentos de pele, remodelagem do nariz, desenho do lábio superior, cantopexia e enxerto de queixo; Elisabete do Couto Dias foi aconselhada pelo médico a se submeter a uma cirurgia bariátrica após atingir 112 kg. Com a perda de peso em decorrência da cirurgia, o acúmulo de pele se concentrou na barriga, tornando-se um problema de equilíbrio físico para Elisabete. Oito meses após a bariátrica, ela precisou de cirurgia plástica para retirar o excesso de pele. Entrar-se-á em contato, portanto, com os dizeres dos entrevistados citados, considerados por Mariani (2016) como testemunhos de análise, que, assim, formula,

Testemunhar sobre um dizer que diz de um dizer esgarçado e já acontecido, é dizer do encontro com a falta... de garantias, de insígnias, de sentidos... Um dizer que segue adiante, que passa por seus furos e entre as diferenças significantes, movendo-se discursivamente, com um incansável trabalho com a língua, e em lalíngua (MARIANI, 2016, p. 167).

Desse modo, busca-se analisar as discursividades **do corpo** no documentário “Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas”, isto é, a forma como ele é significado de diferentes maneiras no material de pesquisa, considerando os distintos lugares de formulações **sobre o corpo**. *A priori*, identificou-se, em atravessamento, o discurso da beleza, o discurso da exposição e o discurso da saúde. No decorrer da análise, todavia, observar-se-á se esses discursos se manterão, de que modo, e se outros discursos serão convocados nesse atravessamento.

Ao se destacar as expressões **do corpo** e **sobre o corpo** no parágrafo anterior, pretende-se chamar a atenção para a distinção existente entre esses dois discursos. Entende-se que o **discurso do corpo** leva a pensar no modo como o corpo já significado, todavia, sempre em significação, atravessado pelo ideológico, significa o sujeito – algo ligado à polissemia, porque um discurso singular, individuado, a partir do universo de sentidos evidentes para o sujeito. Apesar de polissêmico, porque plural, é um discurso que se repete; apesar de parecer sobredeterminar o **discurso sobre**, é por este determinado; ao passo que o **discurso sobre o corpo** leva a refletir na maneira como este corpo é significado – algo ligado ao resultado, ao que é ideal, ao que é essencial, fundamental, aparente, visível, pronto.

O **discurso do corpo** retrata o ideal de corpo, individualmente para James França, Sabrina Almeida e Elisabete Couto, individualmente. Cada um dos sujeitos desta pesquisa apresenta o seu padrão de perfeição corporal, logo esse padrão não é único. O **discurso de**, atravessado pela ideologia, mostra a variedade de sentidos de corpo ideal para cada um deles. O **discurso sobre** leva em consideração a diversidade de sentidos desses discursos, interpretando-os e organizando-os, constituindo assim o **discurso sobre** o corpo perfeito, reduzindo e dando um direcionamento único para os sentidos. Os discursos do corpo, assim, individuados, singularizados se constituem nessa malha institucionalizada de sentidos, sendo organizados e não fazendo ruptura a esse sentido já homogeneizado e hegemônico pela medicina estética existente na forma neoliberal do capitalismo.

Direciona-se, portanto, a pesquisa para as discursividades contidas na relação do sujeito com o (seu) corpo, ao mesmo tempo que se questiona em que condições de produção se constitui uma subjetividade. Em relação ao processo de subjetivação, mesmo sendo interpelado ideologicamente, o sujeito desconhece que o é. Desse modo, esse sujeito acredita que é a origem de suas práticas discursivas, assim, pensa ter pleno domínio de seu discurso. Segundo Orlandi (2012, p. 6) “é na questão da materialidade do sujeito que está a negação do sujeito como origem quer de si, quer dos sentidos”. Sendo o discurso a materialidade específica da ideologia e a língua a materialidade específica do discurso, o indivíduo é interpelado em sujeito através das formações discursivas que na linguagem, representam as formações ideológicas que lhe são correspondentes. Assim, a identidade do sujeito é constituída pelos processos de identificação. “E como os processos de identificação é que constituem a identidade do sujeito, podemos assim observar os movimentos do sujeito na história, face a sua forma de constituição e seus modos de individuação pelo discurso [...]” (ORLANDI, 2012, p. 13).

2.2. Da relação do sujeito com o (seu) corpo – o episódio

O episódio *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas* inicia com a seguinte narrativa:

Há quatro mil anos atrás, o homem fez uma das primeiras interferências no corpo. Mas, foi somente há cerca de um século que passou a usar bisturis e outros objetos perfurantes para **reconstruir** ou **moldar** partes do **corpo** consideradas **imperfeitas**. Mas, nunca se dominou tão bem a técnica da cirurgia plástica como hoje. **Reformamos narizes, retiramos sobras, redistribuímos gordura. Aumentamos** quase tudo que queremos. **Redesenhamos** o corpo para alcançar um **padrão de beleza** estabelecido e **reforçado** pela cultura. Mas, o que acontece quando as medidas que desejamos são muito maiores do que é indicado para o nosso corpo?

O breve histórico da cirurgia plástica que a narrativa inicial do documentário descreve, ressalta a maneira como foi sendo construída, gradativamente, uma referência ao corpo. Os verbos reconstruir, moldar, reformar, retirar, redistribuir, aumentar e redesenhar ganham formas diferentes ao significar o corpo ou marcam um modo de significação do corpo. Os significantes que são convocados pela memória discursiva ao se ouvir os verbos reconstruir ou reformar talvez remetessem a areia, pedra, cimento, água, tinta, materiais comumente usados numa construção ou reforma. No entanto, no

discurso sobre o corpo, os verbos reconstruir, moldar, reformar, retirar, redistribuir, aumentar e redesenhar na relação com o corpo, parecem projetar uma imagem de corpo como uma massa passível de reconstrução, a qual se molda seja redistribuindo, aumentando, retirando sua matéria.

Dessa maneira, dando ao corpo um sentido e ao mesmo tempo naturalizando todo o processo de transformação a que se submete o corpo. Do mesmo modo, quando se é levado a redesenhar algo, imagina-se logo que o desenho original foi borrado ou algum tipo de erro ou erros foram cometidos no primeiro desenho que precisará ser refeito, na busca de atingir um modelo perfeito, sem defeito. No que se refere à intervenção cirúrgica do corpo, redesenhar, como em um processo de substituição, entende-se modificar, alcançar uma forma diferente, satisfazer o imaginário de um determinado paciente, imaginário este, também, já sustentado e determinado por um interdiscurso que fala antes, alhures, que é um trabalho operado pela ideologia. Logo, retirar, ou seu antônimo, aumentar, quando usados no discurso da interferência cirúrgica não carregam a mesma carga semântica. Fala-se as mesmas palavras, mas se fala de forma diferente, como afirma Orlandi (2004) em relação à língua. A memória discursiva também convoca o sentido de coisa ao se entrar em contato com os verbos reconstruir ou reformar, como se fosse a reforma de uma casa, de um prédio. Porém, sinalizando como algo comum, o vocabulário da cirurgia estética já utiliza o estrangeirismo *body-building* para falar de remodelagem do corpo. *Body-building* como tecnologia do/no corpo. Barus-Michel (2013, p. 38) refere-se à técnica *body-building* “para remodelar o corpo a fim de fazer uma réplica daqueles corpos de sonho oferecidos à contemplação invejosa pelas revistas”. *Bodybuilding*, na linguagem *fitness*, é a “construção” de um novo corpo. Uma nova forma física através de muito exercício físico e dieta apropriada. Logo, atenta-se para a palavra *building* que, além de construção, também pode significar prédio, edifício na língua inglesa.

Faz-se pertinente interpretar, também, a repetição do prefixo “re” no discurso do narrador. Ao pronunciar “reconstruir”, “reformamos”, “retiramos”, “redistribuímos”, “reforçado”, observa-se que o prefixo “re” aponta para o sentido de naturalização do processo de cirurgia estética como algo extremamente fácil, sem problematizar, de nenhuma forma, os altos riscos que envolvem uma intervenção cirúrgica. Falar, ler e ouvir o “re” tantas vezes naturaliza o processo cirúrgico. Compreende-se, ainda, que o prefixo “re” pressupõe uma repetição, um fazer de novo algo que já existe, já tem, o que se constitui como objetivo da cirurgia plástica.

Observa-se, também, nessa narrativa introdutória, a forma como se busca alterar o corpo para alcançar um padrão de beleza. E torna-se interessante notar como se dá esse padrão de perfeição. Embora se saiba que a indústria imagética das clínicas de beleza, dos *spas*, dos cosméticos, das academias de atividades físicas, etc., fomenta o discurso da boa aparência, da imagem perfeita, parece não existir um padrão definido de perfeição. Enquanto perfeição estética para alguns é não ter o mínimo possível de gordura no corpo, para outros perfeição estética significa injetar gordura em algumas partes desse corpo. Em virtude disso, não causa estranhamento quando a narrativa fala em “redistribuímos gordura”. Em um primeiro momento, pensa-se logo que o fato de redistribuir gordura não se harmoniza com o discurso da saúde que prega os malefícios da gordura, então, entende-se que houve um deslocamento do verbo eliminar para o verbo redistribuir. O discurso da saúde parece se contradizer ao discurso do corpo perfeito. “É justamente nesse ponto (CHIARETTI, 2017, p. 161) que podemos localizar a confluência de dois campos de sentido: as ciências biológicas e o Mercado que, aliados, seriam o palco da produção de sentidos [...]”. A saúde se descola, afasta da beleza, contradiz. “O corpo belo é o corpo saudável” não está atrelado ao discurso neoliberal da medicina/tecnologia que produz o corpo perfeito.

A fim de se ter uma melhor compreensão desse discurso que parece o da contradição, faz-se pertinente recorrer à Orlandi (2004, p. 56). “Pela análise da historicidade do texto, isto é, do seu modo de produzir sentidos, podemos falar que um texto pode ser – e na maioria das vezes o é efetivamente – atravessado por várias formações discursivas”. Nessa perspectiva, convém observar como algumas pessoas gastam horas em academias e grandes recursos financeiros para reduzir o nível de gordura no corpo enquanto outras gastam, também, altas somas em finanças, porém, para aumentar o nível de gordura no corpo, só que em partes específicas.

Assim, é importante observar que esse documentário é constituído de várias discursividades sobre o corpo. Há o discurso dos especialistas do campo médico, o discurso das pessoas que se submeteram às cirurgias e o discurso da própria série que ao falar sobre o corpo, o significa, dá sentido a ele.

O objetivo da pesquisa é, então analisar de que modo o corpo é discursivizado nesses diferentes lugares de significação que constituem o documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas*. E, ainda, a maneira pela qual se dá a relação do sujeito com o (seu) corpo que é atravessada pela memória. De acordo com Orlandi (2013), que regiões da memória discursiva são evocadas nessas (por essas) discursividades?

2.3. Sujeito-corpo em análise

2.3.1. A imagem no espelho ... (im)perfeita

No que se refere à relação corpo e sujeito, toma-se como material de análise, a entrevista de/sobre James França, um dos três entrevistados no documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas*. Ao relatar a história desse entrevistado com as práticas estéticas, o narrador em *off* enuncia:

R(N2) “Crescer rodeado por referências de beleza e ideais de perfeição pode ter colaborado para que James França, cabeleireiro e empresário, tenha desenvolvido um vício em retocar o rosto. Melhorar o que enxergava defeituoso”.

O narrador tece considerações indicando o que teria levado James ao vício de retocar o rosto ao enunciar que ele cresceu rodeado por referências de beleza e ideais de perfeição. Nota-se aí que esse dizer vislumbra referenciais que seriam de beleza e de perfeição. Encadeia, portanto, já a imagem de um espaço que teria influenciado o entrevistado, espaço esse que o teria induzido a uma busca que na interpretação em jogo se significa como vício. Um efeito de sentido aí produzido é que ambientes como salões de beleza são lugares onde circulam discursos de corpo belo, perfeito, ideal.

Em um outro momento da narrativa, toma-se conhecimento de que

R(N3) “James França trabalha em um salão rodeado por espelhos. É sócio de um salão de beleza junto com seus pais”.

Faz-se relevante atentar, ainda, para a profissão de seu pai que também é cabeleireiro e sua irmã que é esteticista e maquiadora. Com isso, esse dizer vai construindo uma formação imaginária de James a partir da construção de uma narrativa sobre ele, que justificaria sua necessidade de buscar um corpo ideal.

Na sequência, o entrevistado diz:

R(J1) “Eu não tinha autoestima boa. Minha autoestima era baixa antes das cirurgias. Eu me achava o patinho feio da turma e isso me incomodava muito, a ponto de eu não sair no final de semana pelo excesso de espinhas no rosto”.

Observa-se aqui um outro discurso, o de que havia uma insatisfação de James que recaí sobre o corpo. O narrador continua:

R(N4) “O tratamento de pele foi o primeiro de uma série de modificações”.

Percebe-se que a autoestima aparece como elemento que justificaria as cirurgias, no plural. O efeito de sentido a ecoar é que a autoestima não se elevou depois da primeira cirurgia e, em virtude disso, foi necessário continuar se submetendo a outras cirurgias.

Esse discurso nos remete à Orlandi (2012, p. 93): “O sujeito relaciona-se com o seu corpo já atravessado por uma memória, pelo discurso social que o significa, pela maneira como ele se individualiza. No entanto, sempre há a incompletude, a falha, o possível”. Essa sensação de incompleto, de falha, de pensar que pode ficar melhor é que motiva o sujeito a continuar sua busca, haja vista que “nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente” (ORLANDI, 2010a, p. 52).

Em relação ao fato de não sair no final de semana em virtude de espinhas no rosto, corrobora a leitura de alguém que não admite imperfeições ou alguém que imaginariamente projeta a imagem de um interlocutor que não admite imperfeições. Neste caso, o outro com quem se convive em sociedade. Apenas o belo, o perfeito, pode ser exibido. Entre a diversão com imperfeição e a solidão para ocultar a imperfeição, a segunda alternativa é preferida.

Vivendo numa sociedade capitalista que reclama uma cultura imagética, torna-se comum a interpelação ideológica que considera o corpo não apenas como objeto, mas, como objetivo estético. E como esse corpo não é contrário à ideologia, “pode ser tão afetado quanto o é, em nossa sociedade de consumo, de mercado, de tecnologias” (ORLANDI, 2012, p. 95).

Em continuidade ao discurso do entrevistado, ouve-se:

R(J2) “Quando a pele melhorou, sobressaiu o nariz ao resultado da pele melhorada. Ele era desproporcional ao rosto. Só que em casa, eu comecei a olhar no espelho e via que não era só o nariz que me incomodava. Que eu não tinha expressão do lábio. Eu sorria e não apareciam meus dentes. Aí eu fiz a remodelagem do nariz, fiz o desenho do lábio superior com *artecoll*, um fio de acrílico e injetei colágeno no lábio superior. Dois anos depois eu resolvi fazer a cantopexia. O meu olho era mais ou menos isso... ele tinha um olhar triste, caído. A cantopexia é uma cirurgia de pálpebra que é feita e amarra a musculatura inferior na superior. Passados dois anos, depois, aos 28 anos, mais ou menos, eu fiz enxerto de queixo pra poder dar um desenho melhor ao ângulo e eu coloquei aparelho nos dentes. O aparelho que eu usei nos dentes não foi pra consertar a dentição. Não tinha dente torto. Era pra trazer o maxilar pra baixo. Eu cheguei, depois dessas cirurgias, a querer mexer em um lado do rosto porque eu cismava que eu tinha um olho que era mais caído. Era uma pálpebra mais caída que outra”.

Observa-se, então, uma regularidade presente no discurso de James França: **algo mais me incomoda**. Na repetição do “algo mais me incomoda”, vê-se que o sujeito se repete quando se inscreve, quando se identifica com o discurso. A Análise de Discurso embasa suas práticas de descrição, também, na repetição. Acerca da repetição na ordem do discurso:

Se aceitarmos que o discurso é uma das instâncias materiais da ideologia, definiremos a eficácia ideológica não por um processo de interpelação-identificação em que os sujeitos de enunciação se metamorfoseiam em “pessoa”, mas como um processo de repetições mais ou menos regulado – polimorfo nos discursos cotidianos, ritualizados nos discursos do aparelho – em que as palavras se tomam na rede das reformulações: repetição no modo do reconhecimento de enunciados e no modo do desconhecimento do interdiscurso. (COURTINE; MARANDIN, 2016, p. 51).

Nesse sentido, o dizer das formulações de um sujeito que não consegue parar com os ajustes estéticos se cruzam com os dizeres da memória que o constituem, dizeres que podem ser aqueles de um lugar social no qual o discurso de viabilizador da beleza parece ser atravessado pelo discurso do narcisismo. Dizeres de um sujeito membro de

uma família de profissionais da beleza. E nesse emaranhado de dizeres se faz presente sua historicidade que diz da relação do entrevistado com o poder que a estética parece exercer em sua vida, em seu corpo. De volta à inferência narcísica, ambos, Narciso e James, são interpelados pela imagem. Embora Narciso sintasse atraído porque se encanta com o que vê, no caso de James, a imagem refletida no espelho só reclama sua atenção para aquilo que o incomoda, desencanta (cf. Figura 1).



Figura 1 - Imagem de James França, entrevistado no documentário Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas

Esse interdiscurso da ordem da insatisfação desmedida, do zelo excessivo com o corpo, da convivência com discursos sobre a busca pelo perfeito e, conseqüentemente, contornar o defeito, permite a interpretação de que é relevante considerar “o sujeito discursivo enquanto sujeito histórico. Ou seja, sujeito e sentido são constituídos por ordem significativa na história. E o mecanismo de sua constituição é ideológico” (ORLANDI, 2004, p. 145). Faz-se interessante observar a gama de conhecimento que o entrevistado possui no que diz respeito a tipos de tratamentos estéticos e suas eficácias. Ao explicar pormenorizadamente sobre cada procedimento, o discurso é aquele de alguém que busca, que pesquisa sobre tratamentos estéticos reparadores ou transformadores. Nessa posição discursiva, percebe-se a inscrição do sujeito no discurso da perfeição estética.

Nessa direção, eis a fala do Dr. Luiz Alberto Lamana, Cirurgião plástico, médico de James França:

R(E1) “Chega uma hora que você tem que dar um basta porque **ele** começa a se enxergar de um modo como ninguém o enxerga. **Ele** tinha a sua imagem corporal refletida no espelho e é distorcida”.

Vê-se que o discurso do cirurgião plástico ressoa como o já-dito da anorexia. Doença causada por distúrbios psicológicos, o anoréxico, mesmo sendo magro, se vê gordo. Assim sendo, a memória discursiva é convocada fazendo ressoar uma “imagem já-vista” (COSTA, 2014) de pessoas que se olham no espelho e contemplam uma imagem distorcida. Se veem de uma outra maneira, se cobram uma outra imagem. O referente espelho convoca, também, o pré-construído da teoria “O estádio do espelho como formador das funções do eu”, de Lacan (1998). Essa teoria compreende o processo pelo qual o bebê passa entre o sexto e o décimo-oitavo mês de vida. Inicialmente, a criança vê apenas o outro no espelho; em seguida, a criança percebe que não se trata do outro, trata-se da imagem que ela tem do outro; posteriormente, a criança conclui que a imagem que ela vê no espelho, é sua imagem. Isso compreendendo, a criança estabelece, então, a diferença entre realidade material e realidade psíquica. Assim, para Lacan, essa imagem do corpo, a constituição do eu na criança, além do desenvolvimento do eu, depende, também, da implicação do outro. Depois de reconhecer sua imagem refletida no espelho, espera-se que a criança seja capaz de organizar e construir a imagem do eu para que ela se torne constitutiva do sujeito. Conforme visto nessa teoria, a criança se questiona sobre a imagem que vê no espelho, sendo que a imagem lhe possibilita estabelecer uma relação do seu eu imaginário com a realidade, como se o imaginário tivesse uma base real. Ao discorrer sobre a teoria do estádio do espelho, Brousse (2014, p. 3) formula que “o importante é isto: por ser uma imagem, ela não deixa de ter consequências reais”. Então, faz-se propício questionar se essa imagem distorcida, mencionada pelo cirurgião no recorte, não tem a ver com a teoria do estádio do espelho já que o imaginário não corresponde à imagem refletida no espelho, tendo em vista não haver relação direta entre corpo e imagem que não passe pela linguagem e pelo outro? Vale refletir nessa possibilidade, no sentido de que a imagem corporal tem um papel fundamental na constituição do sujeito e, considerando, também que sempre há a possibilidade da falha.

Compreende-se, então, a partir desse recorte, que a fala do cirurgião se sustenta numa relação direta entre imagem especular e corpo sem levar em consideração percepção e ideologia atravessando o discurso. Para tanto, faz-se oportuno pensar o efeito da relação com o mundo, efeito da materialidade, da imagem real, já que a imagem distorcida parece suplantar a realidade. Dessa forma, a fim de se chegar à interpretação da imagem distorcida, faz-se necessário saber: o que é imagem real e o que é imagem distorcida? Nessas condições, vale a pena considerar a formulação:

Imaginário, constituído pela imagem especular através do espelho dos ideais do Outro, o corpo é o eu, tecido de linguagem, pois ele se incorpora ao grande Outro – que é o primeiro corpo, prévio, corpo simbólico, lugar da linguagem que não se distingue do lugar do Inconsciente (QUINET, 2017, p. 79).

Outro ponto a observar nesse discurso é que o médico usa o pronome pessoal do caso reto “ele” por duas vezes para se referir a James França. A despeito de intervenções recorrentes serem algo que, provavelmente, ocorram com outros pacientes, o cirurgião usa o pronome pessoal apontando o sujeito. Se o Dr. Lamana está sendo entrevistado por um documentário no qual James é um dos principais entrevistados, pensa-se que, neste caso, ele poderia ter usado o nome James em vez de usar o pronome “ele”. Substituir o nome próprio pelo pronome produz o sentido de distanciamento. Porém, após toda essa quantidade de cirurgias, torna-se difícil compreender como não se sentir próximo a alguém que tem estado sob os seus cuidados médicos com tanta frequência. Então, um efeito de sentido produzido nesse discurso seria o de que mesmo sendo cirurgião há um determinado tempo e tendo conhecido vários casos e diferentes pacientes, este caso, em particular, lhe cause estranheza e desconforto ao ser questionado. Ainda analisando essa fala do especialista do campo médico, atenta-se para Orlandi (2006, p. 16): “Segundo as relações de força, o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da locução que este lugar representa”. Diante de certas relações de força, o Dr. Luiz Alberto Lamana, de seu lugar social, de cirurgião plástico, que legitima qualquer opinião ou procedimento cirúrgico, intervém: “Chega uma hora que você tem que dar um basta...” Esse dizer contraria muitos discursos produzidos sobre as cirurgias. Aponta para o excesso. Sendo considerado o segundo país no mundo que mais faz cirurgias plásticas, segundo a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS), o discurso de interrupção do processo cirúrgico

proferido pelo cirurgião plástico, de nacionalidade brasileira, ecoa diferentemente do discurso da indústria imagética que fomenta o poder da aparência como valor absoluto, colocando a medicina estética, aliada à tecnologia, a seu dispor para retocar mais e mais, incessantemente.

Sendo assim, a narrativa continua:

R(N5)“James chegou ao extremo de ter que prometer ao cirurgião que ficaria dez anos sem fazer qualquer tipo de intervenção, mas isso não significava parar de perseguir o que considerava um corpo perfeito. Há quatro anos James frequenta uma academia seis vezes por semana, mantém uma taxa de 5% de gordura no corpo através de um cálculo matemático entre as calorias que consome e a quantidade que queima com os exercícios. Tudo milimetricamente pensado e vivido com enorme disciplina”.

A busca do entrevistado pelo corpo perfeito, interrompida pelo médico no que diz respeito aos procedimentos cirúrgicos, encontrou outros percursos. O rigor com a alimentação, com a prática de exercícios físicos e com o uso de inumeráveis cremes torna essa busca (in)cansável. No decorrer do discurso, o advérbio “milimetricamente”, bem como o substantivo “disciplina” parecem convocar um discurso da beleza estética a qualquer custo. A “disciplina” parece significar na vitamina à base de leite de soja, aveia, banana e mel, acompanhada de um pão de queijo por não conter glúten que toma antes do treino e no *shake* com proteína de lenta absorção que toma após o treino; significa-se no ato de comer, “religiosamente”, como ele mesmo diz, de duas em duas horas e no ato de não comer carboidratos à noite. O “milimetricamente” parece significar na quantidade “exata” de carboidrato e proteína que ele ingere diariamente na mesma proporção que gasta com os exercícios físicos para não desequilibrar. Os dois signos, “milimetricamente” e “disciplina” parecem se mesclar na ingestão diária de comprimidos de cálcio e colágeno, no chá verde, no suplemento para aumentar o nível hormonal de testosterona, na proteína em pó três vezes ao dia e na vitamina para proteger o fígado. Eles parecem se mesclar, também, na aplicação rotineira de cremes: protetor solar para braços, protetor solar para o rosto, creme *anti-aging* para prevenir marcas de expressão, aparelho para retirar toda a produção de glândulas oleosas no rosto

e resíduos de cremes, creme para a área dos olhos, dois tipos de ácido facial e um corretivo para esconder qualquer manchinha que venha incomodar.

Nesse viés, os significantes “milimetricamente”, “5% de gordura” e “cálculo matemático” convocam o pré-construído da lógica, produzindo um efeito de racionalidade pela ciência matemática. Corpo lógico, milimetricamente pensado, estatisticamente construído. O que indica que James, ao usar a “exatidão” da matemática, tem a ilusão de que está no controle da situação.

Sob essa ótica, o valor em média de R\$ 5.000,00 mensais para os cuidados com o corpo parece não incomodar, haja vista que para James, cada um desses meticulosos e onerosos cuidados parecem significar na conquista da imagem ideal, assim, compreende-se que “os sujeitos textualizam seu corpo pela mesma maneira como estão nele significados, e se deslocam na sociedade e na história” (ORLANDI, 2012, p. 87). Dessa maneira, ele prossegue “textualizando seu corpo” na busca da perfeição corporal.

Acompanha-se, ainda, a relação discurso, corpo e sujeito, no recorte a seguir:

R(J3) “Normalmente eu fico nu, olhando normalmente costa, frente. Vejo se tem alguma marca, se saiu espinha na pele porque é uma coisa que me incomoda profundamente, algum tipo de marca. Então é um ritual literalmente ficar todos os dias olhando no espelho se tem algo diferente, se a academia tem me dado o resultado que eu quero, que eu busco. Eu fico me analisando de frente, de costa. Olho, literalmente, tudo. Olho pele, olho se tem espinha, se aumentei a massa do peito, se eu consegui definir o abdômen, se tá legal a questão de ombro, se o braço não cresceu muito porque eu não acho legal nada exagerado. Eu tenho uma balança. Todos os dias depois do treino eu subo pra ver se eu aumentei, se eu diminuí, se a minha carga tá a mesma, se eu preciso modificar alguma coisa na minha ficha na academia, pra literalmente manter, porque eu quero manter um padrão. Pra isso tem essa análise diária, pra ver se tá do jeito que sempre estive. Quero perder, por exemplo, 5% de gordura que eu mantenho”.

Desse modo, aparentemente seduzido por uma grande quantidade de espelhos que o circundam, seja no local de trabalho, seja na academia, seja em casa, James segue, diariamente, checando sua autoimagem refletida na variedade de espelhos de que

dispõe. Será que estaria prestando um culto narcísico ao corpo ou seria a memória discursiva do já-dito, do “algo me incomoda” ecoando insistentemente? Ao se referir ao narcisismo, Baurus-Michel (2013, p. 37) enuncia:

O sujeito que se tornou solitário, chamado a se autogerir, é levado ao narcisismo, a sociedade lhe estende tantos espelhos quanto telas; ele é seduzido por todas as imagens que neles observa, absorve, e com as quais se confunde. Acreditando estar em contato com o mundo dos outros e das coisas, ele só está em contato com as aparências comoventes e confusas que se apresentam, ele próprio se torna aparência. (BAURUS-MICHEL, 2013, p. 37)

A perspectiva desse recorte mostra um corpo que exhibe, cotidianamente, através das imagens refletidas nos espelhos, significantes que respondam, preferivelmente de forma positiva, aos anseios de James em manter o padrão, padrão que vem de fora, sempre imaginário. Observa-se que esse padrão a ser mantido parece significar o próprio James. Padrão estabelecido e reproduzido por ele mesmo. Remete-se tal análise ao que Orlandi (2012, p. 87) explicita sobre diferentes formas de significação do corpo: “Temos observado as distintas formas como o corpo significa, se textualiza, circula pela existência de significantes distintos, sendo o homem um sujeito que interpreta e é interpretado”. Na especificidade do recorte, há um sujeito que olha para o seu corpo na expectativa de ver um corpo perfeito, sendo que a perfeição aí estaria em uma pele sem espinha, sem marcas, em um abdômen definido, em um corpo sem gordura. Um corpo que parece se deixar conduzir pelas regras de uma “gramática do corpo” pensada por Carrozza (2013) que, conforme a ordem e organização do corpo, segue os preceitos de “correção e organização” estabelecidos pelo imaginário social e que aparentam circular “indefinidamente, dada a mobilidade à qual estamos expostos” (p. 71). Segundo o autor, essa gramaticalização do corpo, especialmente no que concerne à organização, possibilita a percepção do discurso que ele chama de “quanto mais, melhor”.

Um outro aspecto a ser considerado diz respeito ao imaginário de James França. Será que o entrevistado não está na expectativa de ver um corpo imperfeito? Imaginariamente, pode ser que ele pense que busca o perfeito, entretanto, o que ele quer mesmo é encontrar a imperfeição porque esta dá sentido à busca pela imagem perfeita e é possível que essa busca dê sentido à sua vida. Portanto, a imagem psíquica vai sempre corresponder à imagem especular. Tal interpretação se faz pertinente porque se coaduna com a lógica neoliberal do consumismo que se regozija com as ditas imperfeições corporais. A lógica do capitalismo anuncia: “quanto mais imperfeição, melhor”, tendo

em vista que o mercado de tecno-medicalização tem a solução apropriada para cada órgão corporal que, por um motivo ou outro, não corresponda às expectativas do imaginário social. Assim, seguindo esse gesto de análise, tem-se a possibilidade de pensar que James parece estar interpelado pelo discurso consumista neoliberal que fomenta a expectativa de ver a imperfeição para continuar a busca.

No que se refere à observação do corpo, tão presente no recorte acima, entende-se que “é na relação com a constituição do sujeito e do sentido em processos discursivos que nos situamos para pensar o corpo como um lugar de observação, como objeto simbólico que significa e é significado” (COSTA; CHIARETTI, 2017). Ao pensar na relação que o corpo tem com a linguagem, com a história e com a ideologia, percebe-se o lugar de significação que James atribui a seu corpo. O cuidadoso autoexame que é diariamente realizado ressoa o dizer de um corpo que é observado, analisado, vigiado a fim de não ganhar nem perder. Dessa maneira, convém, atentar para a polissemia do significante “autoexame”. Descolado do discurso da saúde, autoexame se torna observação minuciosa do corpo. Interessante notar, uma vez mais, que o discurso da estética: beleza/corpo ideal, parece não apenas se confundir com, mas suplantar o discurso da saúde, quebrando a relação de causa e efeito. O exame minucioso da estética ganha um outro sentido: tem espinha, tem marca, tem gordura sobrando? Bem diferente do autoexame da mama, por exemplo. Percebe-se, ainda, que o autoexame da saúde é feito para si, já o autoexame da estética é para o outro. E, assim, numa relação parafrástica, “autoexame” parece deslizar para “heteroexame”. Ou seja, “autoexame” sai da discursividade médica para entrar no discurso da compulsão do corpo ideal.

Volvendo-se a atenção para os sentidos do observar, além de ver, olhar, percebe-se distinções em observar o corpo teoricamente como um objeto de análise discursiva, como lugar de formulação teórica e observar o corpo como topologia que entende o objeto como se fosse de borracha e pudesse ser transformado. Nesse caso, o corpo como objeto do sujeito para fazer-se à sua imagem, objeto de prazer, de satisfação, de reconhecimento e não de desidentificação e assim, não colocar em risco o desconhecimento, o real que se quer tamponar, o corpo que não se quer ver, na tentativa do controle do que se sabe que não pode ser controlado. Manutenção, mesmice, equilíbrio são palavras-chave em um corpo que não pode apresentar nada de diferente naquilo que seria humanamente normal, que precisa manter um padrão. Todavia, questiona-se sobre esse padrão, tendo em vista que o padrão se constitui em um modelo

para ser seguido. Nesse caso, James França parece pretender que seu corpo se torne um modelo a ser copiado ou a reproduzir o ideal de padrão?

Na relação do discurso com a língua, Michel Pêcheux (1969) denomina efeito metafórico “o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual” (apud ORLANDI, 2010, p. 78). As metáforas não são vistas como um desvio, mas como uma transferência de uma palavra por outra, constituindo assim, um sentido. O deslizamento de um enunciado em outro é efeito metafórico que pode-se fazer compreender a historicidade na análise do discurso. Desse modo, quanto à formulação “eu não acho legal nada exagerado”, poder-se-ia utilizar, através da substituição contextual, um efeito metafórico como mecanismo de análise:

Eu não acho legal nada exagerado

Eu não acho legal nada **comum**

Eu **sim** acho legal **tudo** exagerado

A formulação “Eu não acho legal nada exagerado” desliza para “Eu não acho legal nada **comum**” em virtude do estilo de vida que ele leva produzir um efeito de sentido incomum no que concerne à forma meticulosa de cuidar do corpo. A exemplo de todo esse zelo tem-se a fala, no documentário, de um dos cinco dermatologistas que cuidam de sua pele: “Hoje veio fazer uma hidratação injetável na região dos olhos. James é muito dedicado. Ele sempre entra no nosso site e vê uma coisa nova e liga”. Esse enunciado sobre as novidades estéticas leva a refletir sobre a grande variedade de produtos com propostas rejuvenescedoras, resultados de descobertas científicas que possibilitam “tomar consciência de seu corpo, habitá-lo melhor, preservá-lo, mantê-lo jovem, em suma, produzi-lo e não mais sujeitá-lo” (AUBERT, 2013, p. 117). Além disso, a formulação do médico evoca um sujeito do consumo. Carrozza (2015) discorre sobre esse sujeito consumidor:

Não há como negar que aí estão circulando nas mais variadas mídias imagens de indivíduos belos, bem vestidos, com ares de sucesso e riqueza, apresentando-nos marcas e produtos para consumo. E essa repetição da afirmação desses modelos é o que, para os sujeitos, constrói o imaginário de um mundo repleto de beldades, abrindo espaço para que o consumidor se deleite com a possibilidade de – e eu diria até “obrigatoriedade”-, ao se colocar na posição consumidor de determinado produto, estar próximo da imagem que o apresenta (CARROZZA, 2015, p. 49).

O efeito parafrástico do enunciado “Eu não acho legal nada exagerado” possibilita o deslizamento para “Eu acho legal **sim tudo** exagerado” tendo em vista a lista de cirurgias estéticas às quais o entrevistado se submeteu: fez o nariz, fez a boca, fez a cantopexia pálpebra, inseriu o fio russo para levantar a musculatura ocular, colocou o queixo, fez o CO₂ que é o laser da pálpebra e fez preenchimento com PPMA na região da testa, entre as sobrancelhas. Todos esses procedimentos cirúrgicos, além dos outros procedimentos estéticos realizados em clínicas dermatológicas, não considerados cirúrgicos e além de todos os outros tratamentos cotidianos produzem o sentido de exagero em sua prática em busca de eliminar o excesso. O exagero ao qual o sujeito se refere é aquele que deve ser eliminado por exceder um limite que ele mesmo impôs ao seu corpo.

Por essa via, Carrozza & Lambert (2015) problematizam alterações no corpo por meio de intervenções cirúrgicas e fazem questionamentos a esse respeito:

até que ponto essas “correções” de imperfeições não constroem, por si só, ideais de sujeitos perfeitos – sem marcas e sem rugas, com corpos rígidos etc. – que colocam os “sujeitos comuns” em movimento em direção a esse ideal? E como fica a relação do sujeito com seu corpo quando, ao passar da instrumentalização tecnológica para o real do corpo, algo ocorre que faz com que, ao fim e ao cabo, um outro corpo (uma outra forma) se apresente? (CARROZZA & LAMBERT, 2015, p. 1061)

Além de tudo isso, a negação do enunciado “Eu **não** acho legal nada exagerado” aponta para o discurso outro: há um discurso na forma afirmativa que é negado. Indursky (1997) afirma que a negação, por meio de seu funcionamento, “estabelece fronteiras entre discursos ideologicamente antagônicos” (INDURSKY, 1997, p. 216). A “negação é um dos processos de internalização de enunciados oriundos de outros discursos”, ou seja, marca a presença do discurso-outro. Além de Indursky (1997), o texto de Freud (1925) que trata da denegação também contribui para se pensar a negativa do referido enunciado. Freud revela que aquilo que se nega é o que está sendo reprimido. Dito de outro modo, a negação consiste em rejeitar o que já está sendo refreado no inconsciente. Quando James diz “Eu **não** acho legal nada exagerado”, compreende-se que ele está possibilitando que essa concepção reprimida seja transportada para a consciência. Ao negar, é possível que ele esteja querendo dizer que prefere manter contido, reprimido, seu estilo exagerado de ser.

Contudo, há sempre um sentido outro. Pode ser que esse exagero do qual James está falando, mas, que não está dado, seja em referência à prática da cirurgia, propriamente dita. O exagerado da intervenção, do procedimento estético. É muito comum, hoje, o indivíduo se submeter a práticas estéticas, no entanto, não querer que o resultado fique exagerado. Tem que ser o corpo ideal, mas tem que ser natural. Não pode parecer que fez preenchimento ou qualquer outra intervenção no corpo. Todavia, acredita-se que o natural diz de um atributo que se recebe através da genética; o natural é doado pela natureza, sem interferência humana. Então, como parecer natural usando o artificial?

Em relação aos 5% de gordura que o entrevistado tem no corpo e que pretende perder, estudos de nutricionistas advertem quanto à necessidade que o corpo tem de gordura para a saúde das células, para a reserva de energia, para as funções reprodutivas, para a proteção de órgãos e para um bom rendimento nos exercícios físicos. Informam, também, que atletas de alto rendimento, em geral, competem com um percentual de 6 a 13% de massa gorda no corpo.

Logo após o procedimento de hidratação na região dos olhos na clínica do Dr. Bruno Vargas, um de seus cinco dermatologistas, James França relatou:

R(J4) “A sensação que eu tenho da cânula entrando na pele e ela mexendo lá dentro, pra mim é uma **satisfação**. Não chega a ser dor. É quase um prazer, uma **satisfação**. **Então não me incomoda**. A dor, ela praticamente fica anulada perto da **satisfação**”.

O discurso do entrevistado se assemelha a um discurso masoquista que sente prazer através da dor. É o gozo masoquista. O gozo que se compreende como satisfação da pulsão escópica. O recorte diz que tem uma pulsão sendo satisfeita, uma pulsão que está perto da satisfação. A elipse evidenciada no/pelo discurso indica que é um gozo sentido no corpo, que é um corpo de gozo. Nunca se satisfaz plenamente, é sempre uma coisa e outra: uma busca eterna pela satisfação e, simultaneamente, uma insatisfação.

O efeito de sentido que produz parece, também, assemelhar-se ao discurso da Psicologia que se refere à força de vontade. O indivíduo tem uma meta tão definida à sua frente que desconsidera os percalços do caminho, mantendo o foco. E o verbo “manter” parece ser extremamente peculiar ao cabeleireiro. Assim, a dor parece irrelevante para alguém tão perseverante como o entrevistado e torna-se ínfima ao ser

comparada com os almejados efeitos estéticos que possivelmente proporcionará. Sabe-se que várias pesquisas científicas apontam para um número crescente de pessoas que buscam na estética resultados que elevem a sua autoestima e, conseqüentemente, seu bem estar. James França, provavelmente, constitui-se em um sujeito dessas pesquisas. E, ao considerar a **satisfação** ao se submeter à injeção da cânula, mencionada repetidas vezes no discurso do cabeleireiro, seria interessante pensar na forma material satisfação e perguntar satisfação de quê, satisfazer o quê?

Torna-se relevante observar a formulação: “**Então não me incomoda**” confrontando com a formulação repetida pelo entrevistado reiteradas vezes: “**Algo me incomoda**”. Observa-se que esse sujeito estabelece uma relação de mal-estar com seu corpo a partir do “**algo me incomoda**” e “**não me incomoda**”. Quando ele diz “**algo me incomoda**”, inconscientemente, ele transfere o mal-estar para as espinhas, para as marcas no corpo. A submissão à cirurgia estética soa como resolução da problemática do incômodo. No entanto, logo após o procedimento cirúrgico, algo mais passa a incomodar novamente. Se o discurso reforçado pela sociedade de mercado que possibilita colocar no corpo e tirar do corpo é da ordem da subjetividade, seria a junção do inconsciente com a ideologia se materializando nas marcas, nas espinhas? Faz-se necessário admitir que não há conforto em se tentar estabelecer o que é do sujeito e o que é do social; o que se faz interessante é falar dessas duas materialidades juntas e mescladas.

Freud relata que boa parte do sintoma histérico é moldável, deslocável, afetado pela palavra de modo bem maleável. Por outro lado, o sintoma também se apresenta com dimensões sólidas, que insistem em se manter ao longo da vida. Continuam da mesma forma que se apresentam inicialmente. Talvez fosse esse segundo exemplo de sintoma o mais aplicável no caso do entrevistado. Sintoma que leva ao gozo – “relação do ser falante com o seu corpo” (LACAN, 2012, p. 21). Segundo a psicanálise, não há sujeito psicanalítico sem corpo, da mesma forma como não há corpo humano sem sujeito. Nessa via, é o gozo que possibilita existência ao corpo humano, que por sua vez, é um “corpo falante”. Corpo esse que abriga a *lalangue*, usada pela linguagem para “fazer falar um corpo que goza” (QUINET, 2017, p. 3), haja vista pensar que o corpo simbólico do Outro é constituído de linguagem. Assim sendo, o corpo tende a ser diferente para cada sujeito porque só aquele que se reveste do significante, tem um corpo. Logo, cada sujeito apresenta um corpo único, capaz de produzir efeitos de sentidos variados. Corpo histórico, constituído pelos dizeres do Outro.

Analisa-se, também, nesse recorte, o sujeito assujeitado pelo efeito da interpelação ideológica do indivíduo, de modo a representar uma posição social assumida pelo cabeleireiro ao se alocar no discurso da satisfação apesar da dor. Em virtude da submissão ao inconsciente, o sujeito clivado, cindido, assujeita-se à interpelação ideológica, apresentando-se como elemento fundamental da resistência. Sujeito que se inscreve na linguagem, torna-se possível perceber a contradição no discurso de resistência à dor nos procedimentos estéticos.

Percebe-se, a partir do exposto, que o “**não me incomoda**” da cirurgia surge como possibilidade de resolver esse mal-estar. Assim, como efeito de sentido, compreende-se que o incômodo com uma espinha, uma ruga, um grama de gordura a mais se sobrepõe, incomparavelmente, ao incômodo da dor durante o procedimento estético. O prazer de eliminar o que o incomoda é tão intenso que o incômodo da dor parece se transformar em prazer, parece soar como uma outra formulação: “Se é a dor que exterminará o meu incômodo, então a dor não me incomoda”. A dor atingindo a dimensão de gozo.

2.3.2. A falta preenchida ... (in)satisfação

Dando continuidade à abordagem da relação material entre corpo e sujeito, toma-se como material de análise, a entrevista de Sabrina Almeida, conhecida por Sabrina Boing Boing, uma das entrevistadas no documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas*. Apresentar-se-á um recorte do narrador em *off* acerca da entrevistada:

R(N6) “Nenhuma mulher no Brasil tem próteses **tão grandes** como Sabrina Almeida. Ela carrega **2,0 litros** de silicone **em cada seio**. Sabrina fez **5** cirurgias plásticas para se aproximar de um **padrão** de beleza que considerava ideal”.

Nessa direção, o narrador informa a quantidade de silicone que Sabrina possui em cada seio, assim como a quantidade de cirurgias plásticas às quais ela se submeteu. As palavras em negrito são enfatizadas na entonação de voz do narrador, passando ao espectador, a ideia de exagero, de em demasia. Ao consultar o dicionário, vê-se, entre outros sentidos, que “padrão é o que serve de referência ou de modelo; tipo oficial de

pesos e medidas; modelo para ser reproduzido”. A definição de padrão convoca o sentido de unidade e diversidade, simultaneamente. O singular e o coletivo estão presentes continuamente, funcionando concomitantemente. Dito de outro modo, compreende-se que todos almejam alcançar o padrão, contudo, esse padrão é particular. Cada indivíduo tem seu próprio padrão de beleza, tem modos de identificação com o ideal. Sendo que o padrão do um não precisa, necessariamente, ser o padrão do outro. Tal proposição sugere um conflito com o discurso da publicidade que determina “não só um padrão de corpo, mas também um padrão de como lidar com o corpo, corpos malhados, corpos superando seus limites, corpos tatuados, manipulados, modificados” (CARROZZA, 2015, p. 48).

O vocábulo padrão remete a fixidez, mas nessa fixidez há um movimento. Então, esse padrão é ilusão. A fixidez é uma ilusão, uma polissemia, um dizer diferente, da ordem do imaginário que diz de um corpo que nunca vai ter, nunca vai conseguir fazer. Corpo padrão imperfeito, incansável, incontornável, sempre nas bordas, nunca chega, perdido para sempre.

Na sequência das descrições, eis o primeiro recorte do sujeito de pesquisa em pauta, Sabrina Boing Boing:

R(S1) “Meu objetivo, o foco, que eu acredito, pronto, estou satisfeita, estou realizada, são os 3,0 litros. Até eu já fiz no computador a perspectiva. Perfeito. Nossa! Apaixonei por mim mesma”!

O discurso da satisfação pessoal, da autorrealização parece ser aquele que ainda está no futuro, ainda “está-para-acontecer”. A atitude da simulação no computador sugere um sentimento de satisfação na antecipação dos acontecimentos. Sugere o ato de sentir-se feliz com a possibilidade daquilo que há-de-vir, com o devir. Baseando-se em depoimentos da entrevistada, questiona-se se o devenir poderá satisfazê-la da maneira como ela espera.

Convém observar que, enquanto o discurso do entrevistado anterior é aquele do “**algo me incomoda**”, apontando para um mal estar entre ele e seu corpo, o discurso desta entrevistada é o da busca pela satisfação: “**Meu objetivo [...], estou satisfeita, [...]** **são os 3,0 litros**”. Tais discursos ressoam como a memória discursiva da busca pela imagem perfeita que precisa ser alcançada, possivelmente na próxima cirurgia estética.

Um outro efeito de sentido em relação ao recorte é aquele da tecno-medicalização. Há todo um aparato tecnológico para projetar o “corpo ideal”. Por essa via, o indivíduo tem a possibilidade de saber como (seu) corpo vai ficar, antes mesmo de se submeter à cirurgia. Um exemplo dessa pré visualização é o simulador de cirurgia plástica – VECTRA XT 3D³, um *software* que permite visualizar em tempo real, o antes e o depois de uma cirurgia plástica, possibilitando que os pacientes tenham uma ideia dos resultados a serem alcançados com a cirurgia. Segundo os idealizadores do simulador, os pacientes podem “gerir suas expectativas de uma forma mais realista”. O *software* foi desenvolvido por uma empresa especializada em aplicações fotográficas na medicina estética com clientes em todo o mundo. Um aparato tecnológico dessa categoria, provavelmente, influencia na decisão do paciente em se submeter à cirurgia. Após visualizar seios firmes, bumbum empinado e/ou cintura fina em substituição a seios flácidos, bumbum caído e/ou abdômen dilatado, torna-se imensamente difícil não atender aos veementes apelos do consumismo neoliberal. Referindo-se à projeção do corpo que se pode comprar, Chiaretti formula:

No atual modo de produção neoliberal, marcado como dissemos pela livre concorrência e por práticas de gestão da própria conduta, esse sujeito, efeito da formulação e contemporâneo ao sentido, se relaciona a sentidos de onipotência, inovação, invenção, customização, personalização, decalcos do Mercado, aliado à Ciência e à tecnologia (CHIARETTI, 2017, p. 160).

Nesse sentido, mais e mais indivíduos dizem sim aos convites do mercado da medicina estética que faz promessas cada vez mais convincentes e atinge um público cada vez mais diversificado. Há aqueles que podem comprar e pagar por um corpo ideal; há aqueles que podem comprar, mas não podem pagar; então, inebriados pelos sentidos de um corpo customizado, personalizado, recorrem a negociações financeiras que beneficiam um outro setor do neoliberalismo: as instituições financeiras fornecedoras de empréstimos.

Sabrina Boing Boing, em sua entrevista ao documentário, reafirma sua posição sujeito consumidor do mercado da medicina estética, filiada a sentidos de onipotência e customização (cf. Figura 2), conforme vemos no próximo recorte:

³ VECTRA XT 3D utiliza 12 câmeras digitais que recolhem imagens em 3D do paciente, construindo um modelo tridimensional do seu aspecto atual. Essas imagens são processadas pelo *software* e o médico usa as ferramentas de simulação para criar uma imagem do resultado esperado após a cirurgia, permitindo a visualização em vários ângulos.

R(S2) “Eu gosto do tamanho, só que eu sei que pode ficar melhor. Quero uma projeção maior. Eu quero uma coisa parecida, assim” (ela usa as mãos para mostrar como quer que fiquem).



Figura 2 – Imagem de Sabrina Almeida, entrevistada no documentário Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas

O discurso do devir continua a ecoar na formulação “eu sei que pode ficar melhor” e, junta-se a ele o discurso do “quero mais”. O corpo de Sabrina fala, e fala não apenas quando ela diz que quer “uma projeção maior”. Seu corpo fala com as mãos, quando ela utiliza o gestual para mostrar o tamanho dos seios desejados. O que remete ao modo como corpo e linguagem se relacionam em termos de constituição. “O sujeito é sempre, e ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação” (HENRY, 2013, p. 182-183).

Na perspectiva discursiva, Orlandi (2010a, p. 46) afirma que a ideologia “é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. Na ordem do discurso, a ideologia, enquanto estrutura-funcionamento, encarrega-se de produzir evidências ao estabelecer uma relação imaginária do sujeito com suas condições materiais de existência. De forma simultânea, ao produzir evidências, a ideologia, a partir de seu funcionamento, age

como se camuflasse sua existência, criando a ilusão de transparência dos sentidos que acontece através do apagamento da determinação ideológica de produção de sentidos e da memória do já-dito. Vista pelo prisma do imaginário que permeia a relação do sujeito com suas condições materiais de existência, a ideologia, que por sua vez, é “constitutiva da relação do mundo com a linguagem” (ORLANDI, 1994, p. 53), torna-se condição para que essa relação aconteça.

Segue mais um recorte da entrevista de Sabrina Boing Boing ao documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas*:

R(S3) “Cabelo loiro, peito grande. Era isso, era o perfil que eu achava atraente. E aí, com 18 anos eu fiz a minha primeira cirurgia. Coloquei 300 ml de silicone. Eu olhei, logo em 15 dias, o peito que eu achava que ia ficar... tava muito menor do que esperava. Aí veio uma frustração que aí virou uma obsessão. Agora eu preciso trocar esse silicone. Tá muito pequeno. Depois de um ano eu já consegui trocar pra 450. Outra decepção porque não mudou quase nada. Eu fiquei, acho que 3 anos ainda com o meu peitinho de 450 ml. Aí eu consegui trocar pra 900 ml. Aí eu falo pra você: aí minha vida mudou”!

Sabrina parece definir o seu ideal de beleza a partir da cor do cabelo e do tamanho dos seios. O número de submissões à intervenções cirúrgicas sugere que esse ideal não seja fácil de ser atingido. O enunciado “tá muito pequeno” soa como eco após as cirurgias. A partir do conceito de gozo em Freud, fazendo funcionar a repetição, não seria interessante considerar que, para Sabrina, a significação da dor e do risco – de vida, de não dar certo, de ficar pior, etc. – poderia ser a expressão do gozo pela perspectiva da compulsão à repetição numa tentativa de se reconhecer naquele corpo? Repetir todos os procedimentos que envolvem o ato cirúrgico poderia trazer a marca daquilo que sempre volta ao mesmo lugar, que não se desprende do sujeito, tendo em vista que muito mais do que fazer de novo, o mesmo é uma insistência em manter a repetição. À luz da análise de discurso, “a repetição serve à incompletude, à onipotência e ao sentimento de duração do sujeito. Repetição esta que não é retorno mas descontinuidade contraditória” (ORLANDI, 1990, p. 91).

E, observar-se-á em formulações posteriores que ao enunciar “aí minha vida mudou”, ela não estaria demonstrando satisfação com o resultado da aplicação de 900

ml. Supõe-se que sua satisfação reside no fator visibilidade, sendo que o tamanho dos seios chamou a atenção da mídia, funcionando como um ingresso ao mundo da fama.

Nesse contexto, a enunciação “eu preciso trocar esse silicone” possibilita um efeito metafórico que parece deslizar para “eu preciso trocar essa bolsa” ou “eu preciso trocar essa roupa”, na mesma cadeia metonímica, dada a forma naturalizada com a qual é formulada. Ou seja, com a mesma naturalidade que se diz da necessidade de trocar uma bolsa ou uma roupa, ouve-se da entrevistada sobre a necessidade de trocar o silicone. É o corpo-produto transformável e capitalista. Assim como qualquer outro produto, o corpo tem data de validade que expira, tem que trocar, trocar essa roupa. O fato dessa troca de silicone reclamar significantes como hospital, anestesia, bisturi, sangue, dor e até risco de morte parece não importar o suficiente diante do poder de exibição que seios grandiosos proporcionariam. Dessa forma, o risco da cirurgia é apagado, o risco de infecção é apagado. Cortar novamente onde já foi cortado parece não fazer a mínima diferença. O mercado da cirurgia plástica tem que vender o corpo como um produto acessível, comerciável e até mesmo indolor. Para tanto, não se mostra o risco. O pós-operatório de dor, sofrimento, é apagado.

Sabrina Almeida continua seu relato:

R(S4) “De 900 eu parti pra 1,5 e depois 2,0 litros. Eu fico sempre imaginando como será os 3,0 litros... porque aí começa já desde cima. Uma *ball*” (ela usa as mãos para mostrar o local onde começarão e a proporção que tomarão).

Será que os 3.0 litros de silicone significam o limite para Sabrina? Será que há um limite? Não interessa saber se há um limite ou qual é esse limite. Interessa saber que o inconsciente e o ideológico estão dando a ilusão de uma posição sujeito que espera atingir seu ideal de corpo perfeito com uma prótese de 3,0 litros. Soares (2001, p. 125) questiona: “se tudo no corpo e do corpo é hoje amplamente comercializado, onde está o limite? Parece que hoje, de fato, ele é a próxima fronteira do capital”. Compreendendo o corpo, de acordo com a Psicanálise, como corpo pulsional e a pulsão como sendo o que leva em direção ao objeto que falta, ao objeto desejado, Santos (2012) propõe que “a satisfação é apenas momentânea, o que significa que, satisfeito um desejo, outro desejo nasce e precisa ser satisfeito” (p. 99). Tal proposição leva à reflexão acerca da questionável satisfação de Sabrina ao atingir o objeto desejado, isto é, os almejados 3,0

litros de prótese. Discorrendo sobre essa mesma questão, o desejo que o sujeito tem de uma completude, através de uma abordagem mais discursiva, discorre-se, oportunamente, sobre a incompletude na linguagem. A esse respeito, Orlandi (1990) teoriza que “o sujeito é incompleto porque atravessa e é atravessado por vários discursos, porque não tem uma relação mecânica com a ordem social de que faz parte, porque sustenta uma relação que pode ser reversível com seu interlocutor” (p.85). Nesse sentido, uma forte tensão é marcada e se dá pela subjetividade. Na mesma linha de raciocínio, a autora enuncia:

Não há um sujeito-em-si (onipotente) nem um sujeito totalmente determinado pelo fora (reproduzido). Isto também compõe a noção de incompletude do sujeito: lugar da **falta** mas também lugar do **possível**. Lugar do jogo entre **poder** e **desejo**. Em movimento (ORLANDI, 1990, p. 85).

Na sequência, apresentar-se-á três recortes que, acredita-se complementarem a tentativa de análise da suposta fixação da entrevistada por seios cada vez mais volumosos. Inicia-se com o narrador em *off*:

R(N7) “Os seios de Sabrina serviram como passaporte para que ela entrasse para o mundo da televisão. Ela fazia o papel de *cover* de Pâmela Anderson, atriz americana”.

Apresenta-se, então, o relato do Dr. José Aboudib, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica:

R(E2) “Toda pessoa que procura cirurgia estética, ela tá procurando a sua normalidade. Existem também os grupos que procuram a anormalidade. Querem fugir do normal por algum motivo. São aberrações, são exceções, são pessoas que, às vezes, querem se caracterizar por aquilo, que se caracterizam por uma região anatômica e isso os leva a uma notoriedade de alguma forma [...]”.

Em seguida, tem-se a participação da professora Joana Novaes, Coordenadora do Núcleo de Doenças da Beleza - Puc Rio⁴:

R(E3) “O corpo, ele tem que servir de plataforma e passaporte para o sujeito da visibilidade. Você não ter visibilidade numa cultura de compartilhamento, de rede social é você inexistir, ser invisível”.

O comentário do narrador supõe que o desejo de Sabrina por seios cada vez maiores pode estar além de uma suposta fixação cultivada por vivências da infância. O recorte sugere que o volume crescente dos seios pode funcionar como estratégia de *marketing* para atingir a fama: quanto maior, mais visível. O Dr. José Aboudib parece corroborar a tese do narrador ao dizer que algumas pessoas “se caracterizam por uma região anatômica e isso os leva a uma notoriedade [...]”. Essa região anatômica, no caso de Sabrina, são os extra volumosos seios que consistem no diferencial que o mercado procura e, conseqüentemente, aprova. São os seios sendo transformados na marca registrada de Sabrina Boing Boing. “Lógica do mercado funcionando no sujeito” (CARROZZA; GASPARI, 2018, p. 654). A esses discursos soma-se o da professora Joana Novaes que, assim como o narrador, usa a palavra “passaporte” para relatar como o corpo é usado a fim de servir como ingresso para o sujeito que quer se fazer visível. Desse modo, o objeto seio vai proporcionar um desejo pelo olhar do outro. E, nessa corrida em prol da visibilidade que, eventualmente, faz da fama um alvo possível de ser alcançado, coloca-se à venda algumas partes do corpo, não qualquer parte, só aquelas que podem atrair os indicadores de mercado da fama. Haroche (2013) discorre sobre a venda de si mesmo em nome da injunção à visibilidade:

Hoje consumidor, mas antes de mais nada objeto de consumo, consumido, consumindo, o indivíduo deve se vender e se consumir constantemente, e assim existir nas telas, nas tecnologias contemporâneas, mostrar-se, exhibir-se de forma reiterada”. (HAROCHE, 2013, p. 103).

Como explicitado anteriormente, a formação discursiva compreende uma organização dos discursos dentro de um determinado segmento de uma sociedade em

⁴ O Núcleo de Doenças da Beleza presta atendimento psicológico para portadores de transtornos alimentares e/ou relacionados à imagem corporal. Anorexia, bulimia, obesidade, cirurgias plásticas, bariátricas e ginecologia estética são trabalhadas em uma perspectiva multidisciplinar. O projeto contempla, além da comunidade PUC, o atendimento em hospitais da rede pública.

conformidade com uma variedade de critérios (ORLANDI, 2010a). A partir dessa premissa, tem-se o entendimento de que os sentidos são constituídos por (na) formação discursiva, não estão predeterminados na língua. Isso quer dizer que os sentidos sempre são definidos ideologicamente, em virtude de a ideologia produzir seus efeitos no discurso e nele se materializando. Diante do que foi teoricamente exposto, entende-se que o cirurgião se inscreve em uma formação discursiva que concebe a cirurgia plástica como um meio de corrigir a anormalidade, o que é semelhante à concepção originária desse tipo de intervenção cirúrgica. Pode-se detectar, ainda, nesse recorte, que o discurso da saúde individualiza quando ele enuncia que ao se submeter à cirurgia estética, a pessoa procura “sua normalidade”. E, quando o Dr. Aboudib se refere aos grupos que “querem fugir do normal por algum motivo”, observa-se que o excesso de cirurgias plásticas vai produzir uma anormalidade.

Dando seguimento à apresentação dos recortes, lê-se mais um trecho da narração:

R(N8) “Assim que chega ao hospital, uma movimentação estranha chama a atenção. Uma equipe de jornalismo estava de prontidão para noticiar a morte de uma paciente. Ela havia colocado próteses de silicone na noite anterior. Por causa dessa tragédia, a equipe não poderá acompanhar a operação de Sabrina. Não se sabe o que provocou a parada cardiorrespiratória da paciente. Mas, casos de morte associados à cirurgia plástica estão aparecendo com mais frequência nos jornais. Uma das recomendações, além de fazer os exames pré-operatórios e conhecer o hospital onde a cirurgia será feita, é conhecer bem o médico que irá fazer a operação”.

A autoconfiança de Sabrina parece não se abalar com a notícia de uma paciente que faleceu ao se submeter ao mesmo tipo de cirurgia que a DJ seria submetida em seguida. Já foi informado anteriormente nesta pesquisa que o Brasil ocupa o 2º lugar no *ranking* de cirurgias plásticas, segundo dados da SBPC. Questiona-se se essa posição será mantida mesmo depois dos últimos acontecimentos noticiados na mídia só no mês de julho/2018: morte de uma bancária de 46 anos na Barra da Tijuca-RJ de parada cardíaca após uma bioplastia – aumento dos glúteos – realizada pelo Dr. Denis Furtado, conhecido como “Dr. Bumbum” que declarou nas redes sociais: “Aconteceu uma

fatalidade, mas uma fatalidade que acontece com qualquer médico”; morte de uma professora de 41 anos em Niterói-RJ após uma lipoescultura realizada pela Dra. Geyza Leal; morte da modelo Mayara dos Santos, 24 anos na Barra da Tijuca-RJ de parada cardiorrespiratória após uma cirurgia para preenchimento dos glúteos com silicone realizada pela massoterapeuta Patrícia, conhecida como “Paty Bumbum” que aplicava silicone industrial com seringas de uso veterinário nas pacientes; morte de Fátima Santos de Oliveira na Baixada Fluminense de choque séptico após procedimento para preenchimento dos glúteos com silicone industrial realizado pela técnica de enfermagem Mariana Batista de Miranda⁵. Esses registros fúnebres dão um vislumbre do frenesi que se tornou o consumismo da cirurgia plástica tanto para quem realiza quanto para quem se submete. Talvez o desejo de se tornar um corpo perfeito, apto para se deixar visualizar seja muito mais veemente do que considerar a aptidão do profissional ou do local para a realização de um procedimento que possibilitará a visibilidade tão esperada, como se o ato de ponderar os prós e os contras de uma decisão desse nível fosse menos relevante do que a exibição do corpo na vitrine. Sobre a ordem do ver e ser visto Spurk (2013, p. 342) menciona que tal ordem “não testemunha uma liberdade crescente ou um controle racional crescente no seio de nossa sociedade, mas testemunha seu oposto: a heteronomia crescente que pesa sobre os indivíduos seriais”.

Na sequência, lê-se o comentário de Sabrina Boing Boing após a cirurgia plástica estética:

R(S5) “Fechei o olho, quando eu abri já tava tudo feito. Foi muito bom. Muito bom mesmo! 2,5 porque 3,0 não coube”.

Ao se ler ou ouvir esse relato isoladamente, fora do contexto, dificilmente há de se pensar que o indivíduo está se referindo a uma cirurgia plástica em virtude da forma banal e depois eufórica como é descrita. Tem-se a impressão de que a única razão pela qual não foram injetados os 3,0 litros deve-se ao fato de não haver espaço suficiente para eles, apenas isso. “Trata-se de um corpo performático que se presta a experiências cirúrgicas” (DIAS, 2012, p. 21).

⁵ Convém esclarecer que ao fazer menção ao Dr. Denis Furtado e Dra. Geyza Leal, não se está considerando como crime as práticas estéticas. Sabe-se que, em geral, os médicos são portadores de ética profissional, assim como não se está afirmando que todas as práticas dos referidos médicos são criminosas. Refere-se a esses casos, em particular.

A seguir, o narrador comenta sobre os procedimentos cirúrgicos estéticos aos quais Sabrina Almeida se submeteu:

R(N9) “Sabrina fez uma lipoaspiração em várias partes do corpo. Injetou gordura nos glúteos, preencheu rugas que desciam do nariz para a boca, colocou 2,5 l de silicone em cada seio há apenas 3 dias”.

O discurso do narrador ao falar da complexidade da operação em relação à variedade de procedimentos de uma só vez deixa o leitor ou espectador ainda mais inquieto quanto à atitude de Sabrina e vem mostrar que ao falar do gozo, o inconsciente vem junto com a ideologia. O deslize da simplicidade no discurso anterior para a complexidade no discurso presente provoca um questionamento: onde a subjetividade do um termina e onde a do outro começa? O que diferencia um do outro e o que os une? Orlandi (2017) explicita essa questão: “Aí o corpo, materialidade do sujeito em suas formas de significar, joga forte na individuação do sujeito em sua memória, nos seus processos de inscrição em formações discursivas, em sua produção de uma identidade [...]” (p. 88).

Ao ler/ouvir o narrador mencionar a lista de procedimentos estéticos praticados no corpo de Sabrina, tem-se a ideia de uma construção fragmentada; um corpo construído por partes. Constrói-se o segmento dos glúteos; separadamente, constrói-se o nariz; depois constrói-se um outro pedaço do corpo, a boca; em seguida, constrói-se uma outra parte, os seios. Isto é, segmenta-se tudo para submeter o corpo a uma intervenção; fragmenta-se o corpo. “Com o progresso da ciência, o organismo – porque a ciência se refere ao organismo - se converte em objetos cortados, separados, capazes de serem trocados” (BROUSSE, 2014, p. 11). Convém ressaltar que tal fragmentação continua ou talvez, inicia com o orçamento do “serviço”. O mercado da cirurgia estética cobra um preço diferente para cada parte do corpo; o valor a pagar na troca do nariz é diferente do valor para trocar os lábios. Faz-se bastante provável que a nota fiscal recebida pela paciente após a intervenção cirúrgica contivesse partes do corpo sendo discriminadas como itens de compra, tendo em vista que corpo também é capital, com *status* de bem de consumo. O corpo tem seu valor tabelado, corpo é moeda de troca: toma lá o dinheiro e dá cá meus peitos. Desse modo, o corpo fragmentado, submete-se à todo tipo de próteses que a tecnologia tiver condições de conceder; construção segmentada, por partes. De acordo com Soares (2001, p. 120):

A subjetividade humana que implica mergulho e reflexão, compreensão de desejos e sonhos reduz-se à intimidade narcísica de centímetros de bíceps, cinturas, coxas, nádegas, de pedaços do corpo que são transformados com astúcia e perseverança com o *auxílio* não apenas dos exercícios físicos mas, também, de todo um mercado que vive em função da norma a ser alcançada. São aminoácidos, vitaminas e alimentos dietéticos, cirurgias que acrescentam e/ou retiram coisas, para que o corpo atinja a *forma*.

Continua-se o percurso das descrições, mediante um outro recorte da entrevistada Sabrina Almeida:

R(N10) “Ignorou ordens médicas para aparecer no carnaval. O novo corpo turbinado por mais uma cirurgia foi apresentado, fotografado, observado. Mas as novas formas foram expostas durante pouco tempo. As dores da operação recente ainda eram muito fortes. O carnaval para Sabrina foi muito breve. O paciente que não cumpre as determinações prescritas no pós-operatório pode ter a cirurgia comprometida. Hematomas, formação de líquidos, abertura dos pontos, infecção e no caso da lipoaspiração, pequenas depressões podem se formar no corpo”.

Eis que o corpo meticulosamente confeccionado se exhibe, se expõe, parecendo cumprir, assim, o objetivo proposto de se mostrar, de se postar, de se deixar contemplar. O fato da não autorização médica para aparecer no carnaval há apenas três dias da cirurgia não detém a necessidade de Sabrina em atingir seu objetivo. Spurk (2013) fala acerca dessa necessidade de se expor como sendo uma obrigação:

A injunção da visibilidade se implanta de modo profundo na vida social por causa da obrigação, em geral consentida, de publicar, porque essa publicidade é necessária para ser reconhecido pelos outros [...]. Assim, emerge a vontade de participar do “ver-ser visto”, para querer fazer o que se deve fazer, segundo regras estabelecidas. (SPURK, 2013, p. 342).

Vê-se que nem o risco de infecção foi capaz de deter a paciente no hospital. Diante da necessidade, da obrigação de ser visualizada pelo outro, todo e qualquer obstáculo se torna ínfimo face à oportunidade de se autoexibir no carnaval. Como ela mesmo diz: “Eu acho que não existe uma festa melhor e nem mais grandiosa onde eu

pudesse estreitar essa minha nova fase, esse meu novo eu”. Possivelmente, o gozo da autoexposição em sujeição ao desejo do outro é demonstração de excesso, não se atendo a limites determinados.

A entrevistada finaliza o (seu) testemunho ratificando sobre o (seu) objetivo em relação ao aumento da prótese:

R(S6) “Acho que valeu a pena cada centavo gasto, cada minuto de dor, cada gota de sangue que eu perdi. Valeu a pena! Eu acredito que os 3,0 litros que é o meu objetivo, eu paro”.

Esse recorte se remete à lógica capitalista que vende um corpo remodelado, na medida certa, ao ponto do cliente não lamentar o valor monetário gasto no empreendimento. Uma vez que a barreira monetária é ultrapassada, pensa-se que os outros obstáculos, como a dor, a debilidade física, conseqüentemente, também serão vencidos. “Parece que o corpo já pode ser visto também como um reservatório de *produtos caros*, função que se agrega a outra plenamente aceita que é a de *exibir-se*”. (SOARES, 2001, p. 126).

Além do efeito de sentido já exposto, o discurso de Sabrina, inevitavelmente, remete à Quinet quando este diz que “o corpo é a tela da pulsão escópica”, tendo em vista que é a pulsão “que confere vida ao corpo” (QUINET, 2017, p. 78). Dessa maneira, a pulsão que a constitui, impulsionando-a a continuar a busca pela satisfação plena nos 3,0 litros de silicone consiste em um objetivo inalcançável. Os 3,0 litros de prótese, que se poderia comparar ao objeto “a” de Lacan, vai andar em círculo e não chegará a nenhum lugar, ou seja, se, porventura, Sabrina conseguir injetar a quantidade de silicone desejada, isso não resultará em satisfação plena. Segundo a Psicanálise, seu corpo pulsional poderá experimentar uma satisfação temporária, “o que significa que satisfeito o desejo, outro nasce e precisa ser satisfeito” (SANTOS, 2012, p. 99) novamente. E assim a caminhada em círculo continua, na tentativa de alcançar a meta. Convém ressaltar que no afã de alcançar essa meta, não importa o valor do dinheiro gasto, a quantidade de tempo passado, o estágio da dor sentido ou a medida de sangue perdido, pois é a natureza da pulsão que dita a continuidade da caminhada, sem parar. O gozo afeta o corpo em medida muito maior que o prazer e/ou o bem estar, o gozo coaduna-se com a dor.

E, ainda se tem a exibição do que é significado como estranho. Considerando os padrões estéticos ocidentais de um seio perfeito, faz-se, no mínimo, estranho, anormal, querer 3,0 litros de silicone em cada peito. É uma "(a)normalidade" contínua que clama pela cirurgia plástica. Um gozo desmedido do querer mais, mais e mais. Ressalta-se, contudo, que esse gozo não é da ordem do voluntário, não está relacionado só a gozo desprovido de ideologia. Refere-se ao gozo alimentado pela ideologia de um gozo para sempre, eterno. Uma vez mais, relaciona-se o “querer mais, mais e mais” ao fato de se estar inserido em uma sociedade capitalista que estimula o consumo incessante de produtos. E, nesse rol de produtos, encontra-se a cirurgia estética.

2.3.3. Sem o excesso ... ainda a falta

Em seguida, tem-se recortes do discurso de Elisabete Dias Couto, chamada de Bete por todos do documentário. Segue a fala de Bete sobre os problemas de saúde que enfrentava antes de se submeter à cirurgia bariátrica.

R(B1) “Aí o meu diabetes já tava descontrolado. Pressão descontrolada. Ácido úrico. Eu descobri que eu tinha até esteatose. Eu tinha um monte de problemas e todos eles causados pelo excesso de peso.”

Observa-se que o discurso de Bete parece revelar que sua decisão em se submeter à bariátrica foi motivada somente por motivos de saúde, todavia, acredita-se que motivos estéticos também importam muito para Bete. Além de ter de volta um corpo saudável promovido pela bariátrica, a cirurgia plástica pode trazer outras possibilidades, como maior facilidade de locomoção, roupas mais femininas e até mesmo a autoestima elevada, como afirmam alguns pacientes. Desse modo, a cirurgia estética após a bariátrica possibilita “que o tempo seja abolido e que as fronteiras da morte sejam recuadas, não apenas com relação à doença mas também com relação à aparência física”. (AUBERT 2013, p. 118).

No recorte a seguir, Bete testemunha sobre sua condição pós cirurgia bariátrica:

R(B2) “Depois da cirurgia, meu corpo afinou e eu, o meu peso, ele se concentra todo aqui (Bete segura a enorme pele na região do abdômen). Eu tenho que ter um cuidado enorme pra não cair de cara no chão. Desço a escada de lado. Eu nem percebia que eu descia a escada de lado. Então eu fico pendulando pra frente. É uma imagem que assusta. (Cf. Figura 3)



Figura 3 - Imagens de Elisabete Couto, entrevistada no documentário Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas

Esconder-se é prática comum para pessoas portadoras de obesidade mórbida. Não se mostram em virtude do acúmulo exagerado de gordura em muitas partes do corpo. Então se submetem à bariátrica. Após a cirurgia, essas mesmas pessoas não se mostram porque agora têm acúmulo exagerado de pele. Bete perdeu mais de 30 quilos com a cirurgia bariátrica e agora convive com o excesso de pele que se concentrou, principalmente, no abdômen. Tem dificuldades para se higienizar, para caminhar e para aceitar sua imagem. Percebe-se essa última dificuldade através do verbo usado para se referir à auto imagem: assustar. Na seleção do verbo **assustar** se nota, uma vez mais, a preocupação de Bete com sua auto imagem. Depois de quase 20 anos mostrando-se apenas quando estritamente necessário, a confeitadeira parece querer exibir não só um corpo saudável, porém, um corpo magro, como ela mesma diz: sem “aquela barriga”.

R(B3) “Gordura é tudo de ruim, entope as veias do coração. Só que ela vai chegando devagarinho, devagarinho, devagarinho. Se a gente não tiver muito atento, ela domina todo nosso organismo, acaba com nossa saúde e deixa a gente mal demais.”

Bete parece não se inscrever na mesma formação discursiva que os outros dois entrevistados se inscrevem. Ao longo das discursividades de James e Sabrina, percebe-se que o discurso da estética se sobrepõe ao discurso da saúde. Elisabete parece ser a única a se identificar, mais fortemente, com o discurso da saúde e não só com o da estética. O modo como sua história se constrói, vai significando-a como alguém com dificuldades de saúde, de higienização, dificuldades para andar, para respirar. Nesse caso, a cirurgia plástica age como uma ferramenta para corrigir uma anormalidade. Situação diferente daquela em que já se tem um seio grande e se quer aumentar ainda mais o tamanho, simplesmente, por achar que, maior, vai ficar melhor. Sendo que, no processo de discursivização do corpo que se transforma, há deslizes que possibilitam tanto a aceitação quanto a oposição.

A concepção da entrevistada acerca da gordura caracteriza o discurso da saúde que considera a gordura como vilã, capaz de destruir todo e qualquer órgão com o qual ela entra em contato. Todavia, tal discurso contrasta com o discurso da DJ que trilhou um caminho inverso. Enquanto Bete se submeteu a uma cirurgia para retirar a gordura corporal que a deixava “mal demais”, Sabrina se submeteu a uma cirurgia para um procedimento completamente oposto. Ela injetou gordura no corpo que a deixaria “bem demais”.

Enquanto se analisa a contradição nos discursos de Bete e Sabrina, observa-se uma certa regularidade no discurso de Bete e de James quanto à malignidade da gordura. Embora o argumento da confeitadeira seja em prol do discurso da saúde, sendo o de James em prol do discurso da beleza, ambos combatem a gordura. James chega a se incomodar com os únicos 5% de gordura que lhe restam no corpo.

Encontra-se uma outra regularidade, desta vez nos discursos de James e de Sabrina, referentes à beleza e exposição, respectivamente. O excesso de cuidado que o cabeleireiro tem com o corpo desde muito jovem, submetendo-se ao primeiro procedimento estético aos 23 anos, iniciando, assim, a busca por uma perfeição corporal se concatena com a busca de Sabrina em conseguir o tamanho ideal de seios iniciada aos 18 anos com o primeiro implante de silicone. Segundo Aubert (2013), “É preciso

também conseguir criar um novo corpo à imagem de seu desejo, modificá-lo e retificá-lo à vontade, daí recorrer-se cada vez mais à cirurgia estética para remodelá-lo e configurá-lo a seu gosto [...]” (p. 118).

Tanto a regularidade quanto a contradição identificadas nos discursos dos entrevistados impulsiona o analista a considerar uma noção de subjetividade a partir da fala que é dirigida a um outro, responsável pela percepção que dá sentido à língua. Em virtude de ser dotada de singularidade, a fala não é utilizada e executada de modo semelhante por cada falante, dada a faculdade individual de falar. Segundo Saussure (2012), é essa característica, única e singular, que permite a inscrição do lugar da subjetividade na língua, haja vista que é a língua que possibilita a noção própria do homem, da sociedade e da subjetividade.

Dessa maneira, Bete dá sequência à (sua) fala como faculdade individual que é dirigida a um outro:

R(B4) “Medo? Do vestido novo não dar (risos). Mas eu tô desconfiada que ele vai dar. Depois do que eu vi hoje, depois de todas as marcações que ele fez aqui, depois de tudo que ele, sabe, calculou que vai sair, o vestido entra. Entra e vai ficar bom, vai ficar bonito.”

A atitude de descontração de Bete antes da cirurgia e a expectativa em relação ao vestido com número menor parece corroborar a análise anterior de que a cirurgia reparadora não acontecerá apenas por motivos de saúde. Ao ser questionada sobre um suposto receio em relação ao procedimento cirúrgico, ela não diz da possibilidade de ter um corpo equilibrado, sem risco de cair em virtude do peso frontal proporcionado pelo “avental de pele”. Em vez disso, Bete espera usar um vestido de tamanho inferior aos que ela tem usado nos últimos tempos. A retirada do excesso de pele do corpo que já se livrou do excesso de gordura propõe uma oportunidade de escolher não a roupa que cabe no corpo, mas a roupa que agrada pelo tipo de tecido e modelo, pelo caimento no corpo.

Nessa perspectiva, compreende-se que a predominância do discurso da saúde se confunde com o discurso do bem-estar e se dá como um padrão de beleza para Bete que não receia os riscos que a cirurgia reparadora, assim como qualquer outra cirurgia, poderia proporcionar. Em vez de temer os obstáculos oferecidos pela cirurgia a fim de, finalmente, conseguir um corpo saudável, ela diz sentir medo que o vestido adquirido

em tamanho menor não entre no padrão de corpo que ela, provavelmente, vem idealizando possuir após a retirada do excesso de pele. Bete reitera a posição sujeito do discurso da saúde, mas percebe-se que essa discursividade aponta para uma posição sujeito do discurso da beleza, na análise, compreendida através do desejo de caber no vestido. São os discursos saúde/beleza se misturando. A cirurgia se dá pelo viés da saúde, todavia, inscreve-se na posição sujeito que deseja um corpo sem marcas deixadas pelo excesso de pele.

Um outro gesto de interpretação concerne ao excesso pela falta. James tira a gordura, tira a ruga do corpo. A pulsão é pela falta. Uma falta que é física. Falta que recai na imagem do corpo... não é nele, mas não é sem ele. Sabrina põe silicone, põe gordura. A pulsão é pelo excesso, mas para preencher uma falta que também é física, falta da ordem do discurso estético. Elisabete impede o excesso, estrangulando/cortando o estômago, tirando a gordura, tirando excesso de pele. A pulsão também é pela falta. Uma falta que também é física. Observa-se que de forma discursiva funcionam no corpo tanto a falta como o excesso de sentidos que se entrelaçam e que possibilitam gestos de interpretação. Desse modo, o sujeito do discurso encontra-se na ordem da incompletude na qual a falta é constitutiva. Ao se conceber o discurso aberto e os sentidos múltiplos, concebe-se, também, a falta, haja vista que “a incompletude é o indício da abertura do simbólico, do movimento do sentido e do sujeito, da falha, do possível” (ORLANDI, 2001 p. 114).

Não se sabe como o James França, a Sabrina Almeida e a Elisabete Couto entraram na lista dos entrevistados para o documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas*. Não se sabe quais foram os critérios de seleção adotados e nem se sabe o que foi determinante na decisão deles em aceitar se submeter à toda essa exposição midiática, tendo em vista que há pessoas entre os selecionados que não aceitam. O que se sabe é que a escolha deles não foi feita aleatoriamente. Provavelmente, as experiências do cabeleireiro, da DJ e da confeitira com a cirurgia plástica se coadunavam com os interesses mercadológicos, já determinados. O fato de selecionarem duas pessoas com discursividades voltadas, exclusivamente, para a estética e outra para a saúde, também, não é aleatório. Nem sempre o espectador se identifica só pela via da beleza, pode ser que esse espectador seja ou tenha alguém na família e/ou no círculo de amizades com problemas de obesidade, o que já causa uma identificação. E, mesmo ainda sendo pela via da saúde, recai na via da estética, do corpo em direção ao corpo magro, distanciado do corpo pouco delineado provocado pelo

excesso de gordura, pouco esbelto – um corpo que tenha como perspectiva e justificativa um padrão lógico, medido, pensado, padrão este ilocalizável no tempo e no espaço. E, se é pela via da saúde, então porque não selecionar alguém que perdeu uma perna ou um braço na guerra? Será que isso interessaria, dito de outro modo, venderia num documentário como esse que significa o corpo no lugar do espetáculo a ser consumido, no lugar de um produto que só a cirurgia plástica estética enquanto tecnologia de disciplinarização poderia produzir?

Apesar da aparente contradição entre os dizeres dos sujeitos do nosso material em análise, apesar de parecer que o documentário busca significar a tecnologia da medicina plástica como privilegiando tanto a estética quanto a saúde, não há vestígio na superfície linguageira que nos mostre qualquer contradição entre os testemunhos e o modo de significar a tecnologia da medicina plástica. Isso porque os sujeitos estão em harmonia com relação à sua filiação aos sentidos da injunção à visibilidade, aos sentidos do excesso de operações/intervenções plásticas ou não, no corpo, como positivo. Sujeitos, seus corpos e o documentário sobre eles se filiam à mesma formação discursiva, aquela que significa o sujeito e corpo produto, como mercadoria, como objeto, como suscetível de completude, de naturalização das intervenções.

Convocando os sentidos de ordem e organização desenvolvidos por Orlandi nos escritos sobre a cidade, referenciados na nota de rodapé, para o discurso sobre o corpo, tenta-se aproximar as noções de ordem e organização da conversa sobre o corpo. Quanto à cidade, a ordem se refere ao fato de que a cidade, constrói-se; a organização se refere ao fato de se determinar onde, em que lugar, especificamente, será construído o hospital, o banco, o supermercado, etc. Quanto ao corpo, a ordem se refere ao fato de que o corpo, nasce-se com ele; a organização se refere a uma forma de reorganizar o corpo e dar uma institucionalização em relação ao corpo, ou seja, a medicina mercadológica funcionando na determinação de padrões de boca, de seios, de glúteos, por exemplo.

Por esse viés, os três testemunhos e todos os dizeres que se textualizam significam pela organização do corpo (o imaginário de corpo) e não pela ordem do corpo (o real do corpo), noções caras à Análise de Discurso. Explica-se: Orlandi propôs em vários textos⁶ a noção de organização e ordem. Os dizeres analisados passam pelos

⁶ ORLANDI, E. N/O limiar da cidade. In: Revista Rua, Campinas, número especial, p. 7-19, julho, 1999.
 _____. (Org.). Cidade Atravessada. Campinas, SP: Pontes, 2001.
 _____. Cidade dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2004.

sentidos de organização do corpo, sobredeterminando sua ordem, apagando-a. Pela organização é possível submeter o corpo de modo a que ele faça sentido no interior de um universo semanticamente estável produzido pelo discurso médico-mercadológico – lugar privilegiado de legitimação. Assim, o que deve ser disciplinarizado, o que está fora dos padrões imaginários produzidos por essa discursividade e precisa estar corrigido, gramatizado, medido, pesado e pensado, deve caber nesses padrões ilocalizáveis no tempo e no espaço. E é essa tensão entre ordem e organização (entre real e imaginário) que faz sentido existir, materializar-se um documentário como esse.

Orlandi (2004) afirma que “ordem para nós não é o ordenamento imposto, nem a organização enquanto tal, mas a forma material” (ORLANDI, 2004, p. 45). E a forma material, enquanto noção basilar da Análise de Discurso, representa justamente essa impossibilidade de pensar numa separação entre forma e conteúdo propondo justamente um atravessamento do histórico, do social e do político na materialidade significativa. No presente objeto de estudo, nos termos de Orlandi (1999), há uma sobredeterminação do discurso médico-mercadológico sobre o discurso médico sobre o corpo. O modo como o sujeito cirurgião plástico fala sobre o corpo acabou criando categorias que vão substituindo o próprio modo como os sujeitos pensam o próprio corpo.

DOS EFEITOS DA PESQUISA: E AGORA, O QUE FAZER?

O objetivo principal deste trabalho nem sempre esteve tão em perspectiva como agora, pois foi só com o desenvolver das análises, com o ir e vir do *corpus*, que esse objetivo foi se construindo, a saber, compreender como o corpo, em específico, o corpo dos entrevistados que se submeteram a intervenções cirúrgicas é discursivizado no documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas* e que relações de sentido se estabelecem nesse discurso entre corpo e sujeito, isso a partir de uma inquietação: de que modo o discurso do corpo ideal constitui o imaginário social sobre o corpo? Ou seja, foi questão buscar compreender como as discursividades sociais produzidas pelo imperativo do bem estar impõem padrões de beleza demasiadamente rígidos para serem seguidos. Nessa esteira, outras questões surgiram, como: de que bem-estar se tratava que, a fim de satisfazer a esse imperativo, recorre-se à literatura de autoajuda, à prática de *coaching*, ao serviço de *personal styling*, de *personal training*, *personal nutrition*?

Ao longo da análise dos discursos dos entrevistados James França, Sabrina Almeida e Bete Couto e de alguns outros sujeitos do documentário *Tabu Brasil Cirurgias Plásticas*, chegou-se à conclusão de que a riqueza dos discursos aqui registrados, além de possibilitar um percurso de análise dinâmico e prazeroso, permite compreender a singularidade da linguagem que impulsiona e desafia a compreensão do analista todo o tempo o tempo todo. Essas considerações acerca do trabalho de análise remetem à Orlandi (2010b, p. 20):

[...] uma produção não resulta tão diretamente da teoria e do método, quando se trata da análise de discurso. Resulta também da resistência dos materiais que analisamos, da capacidade que eles têm de nos desafiar em nossa compreensão.

Dessa forma, entende-se não haver discurso fechado em si mesmo, ou seja, o processo discursivo é inesgotável, não sendo objetivo do analista chegar à completude do objeto teórico. Compreende-se, também,

que a Análise de Discurso nos permite um trabalho social de leitura por uma tomada de posição antipositivista, aquela que permite relacionar o que se vê/lê, com aquilo o que não se vê/lê, ou seja, os processos históricos-ideológicos de produção de sentido” (BRANCO, 2013, p. 87).

O surpreendente, quando o analista se propõe a empreender uma tarefa desse porte, é concluir que a despeito de considerar a pesquisa pronta, não se pode considerá-

la acabada, haja vista o sem número de sentidos que ainda restam por compreender. Diante de uma certeza que se tem, de fato, a certeza da incompletude, pergunta-se: e agora, o que fazer?

Frente ao *corpus* de análise, apreende-se que, discursivamente, o corpo fala, o corpo significa. O corpo sempre foi um lugar visível que ao ser contemplado, sempre significa porque está em uma rede simbólica, ideológica e “[...] toda forma de significar, é acontecimento da linguagem no sujeito, este, visto na história e na sociedade” (ORLANDI, 2012, p. 12). Os sentidos plurais do corpo reclamam olhares múltiplos a fim de que se teorize dele. “Sua materialidade polissêmica (SOARES, 2001) pode ser tomada como síntese de sonhos, de realizações de desejos, de frustrações, de tiranias e de redenção de sociedades inteiras”.

Por essa via, o exercício de análise desestabilizou o discurso a respeito da imagem ideal. Ao iniciar este trabalho, supunha-se chegar a um determinado resultado que foi sendo significado de modo diferente ao longo do ir e vir da teoria para a análise e da análise para a teoria. Compreende-se, então, que essa busca pela imagem perfeita, pela satisfação plena de algo é da ordem do sujeito com a projeção imaginária do corpo. Esse corpo que é, simultaneamente, discurso e subjetivação. Corpo que produz e é produzido, ao mesmo tempo.

Nesse percurso de leitura e interpretação dos discursos aqui apresentados, tem-se a oportunidade de observar um corpo que se submete às normas de uma “gramaticalização” (CARROZZA, 2013) através da prática crescente do “quanto mais, melhor”, no intuito de atingir a “hipercorreção”⁷. Assim, é o corpo errado, com falhas que empreende a busca pelo corpo certo, sem falhas. Então, o autor (*idem*) enuncia que esse corpo que persegue o ideal “só pode ser pensado como ‘erro’ se o colocamos em relação não a outros corpos, mas a uma projeção imaginária de perfeição”. É o exagero como padrão, o excesso como hipercorreção. Uma referência ilocalizável, sem endereço. Todos seguem um padrão, mas ninguém sabe qual é. Já que vai mexer, onde se mexe? Como se mexe? O tempo todo é a racionalização do excesso porque esse excesso, discursivamente, consegue parecer justificável. Sendo que a justificativa mais usada é que há uma necessidade de se submeter a tal procedimento estético. Todavia, as necessidades são históricas e não são a origem do sujeito. Então, o desejo é uma

⁷ Hipercorreção, conforme Carrozza (2013), materializa-se “nas tentativas de dar ao corpo uma forma supostamente perfeita”.

demanda que se torna uma necessidade. Em virtude disso, a Psicanálise diz que se tem o desejo do desejo do outro. Desejo é sempre desejo de outra coisa, em função de sua indeterminação, ou seja, de sua determinação inconsciente ideológica que o sujeito não acessa plenamente. De posse da “teoria da necessidade”, o mercado “produz” o “produto” que vem “produzir” uma necessidade. Os cosméticos, bem como os procedimentos estéticos são fabricados para gerar uma necessidade. O indivíduo não compra o produto porque sente, primeiramente, a necessidade dele. Ele conhece o produto através da mídia que complementa o trabalho da indústria, apresentando-o ao consumidor. Ato contínuo, o indivíduo percebe que precisa daquele produto para suprir uma necessidade que ele pensa já possuir. O que se acaba de enunciar pode ser simplificado através do uso da palavra “necejo”, neologismo usado pelo *marketing* e propaganda para designar os desejos que são tão ávidos por prazer, por posses e/ou por ostentação que o consumidor chega a confundir com necessidades. Assim sendo, ao mostrar o objeto de consumo, a mídia o faz tão competentemente que, além de sentir necessidade daquilo, o consumidor, tem, também, a sensação de felicidade:

Todo o discurso sobre as necessidades assenta numa antropologia ingênua: a da produção natural para a felicidade. Inscrita em caracteres de fogo por detrás da menor publicidade para as Canárias ou para os sais de banho, a felicidade constitui a referência absoluta da sociedade de consumo, revelando-se como o equivalente autêntico da “salvação” (BAUDRILLARD, 2008, p. 49).

Por outro lado, todo esse excesso que se mostrou no parágrafo anterior, sinaliza para uma falta. Dessa forma, entende-se que o excesso mascara a falta que é constitutiva do sujeito. Assim, o aparente excesso, em algumas situações, oculta a evidência de uma falta. Considerado como o lugar no qual o sujeito se inscreve, definido por Leandro-Ferreira (2013b) como “objeto discursivo”, o corpo fala, todavia, não apenas fala, o corpo, também, falta. “O real do corpo seria o que sempre falta, o que retorna, o que resiste a ser simbolizado, o impossível que sem cessar subsiste” (LEANDRO-FERREIRA, 2013b, p. 78). E, interessante é tomar ciência de que não há um meio de preencher essa falta. Imagina-se um buraco em uma via que, por mais que se colocasse areia, pedra e cimento, ele continuasse lá, aberto, insaciável. Corpo que falta, marcando na carne que resta ao sujeito a falta que não cessa de se inscrever.

Sigmund Freud (1930), em *O Mal-Estar na Civilização*, ressalta que o desfrute/usufruto da beleza conta com um tipo de sentimento suficientemente particular

e levemente intoxicante. Sendo assim, apesar de não dispor de uma aplicação evidente, o belo não pode ser dispensado.

Embora a ciência da estética investigue as condições sob as quais as coisas são sentidas como belas, tem sido incapaz de fornecer qualquer explicação a respeito da natureza e da origem da beleza, e, tal como geralmente acontece, esse insucesso vem sendo escamoteado sob um dilúvio de palavras tão pomposas quanto ocas (FREUD, 1930, p. 54).

Assim como a ciência da estética, a Psicanálise também não achou muito o que dizer sobre a beleza, apregoa o autor. Todavia, o texto de Freud contribui com este trabalho porque ajuda a pensar, entre outras coisas, o que a humanidade quer **da** vida e o que deseja realizar **na** vida. E, o próprio Freud responde: “Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer”. E explica que o sintagma **felicidade** restringe-se “à experiência de intensos sentimentos de prazer” (*idem*, p. 49). Então, esse desejo por prazer se torna o propósito da vida desde o início, tornando-se, também, um mal-estar em razão da impossibilidade desse desejo ser satisfeito. Assim, o autor continua a discorrer sobre felicidade:

O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas (FREUD, 1930, p. 50).

Freud sinaliza para a contradição entre o princípio do prazer e o princípio da realidade. Segundo ele, tal contradição acontece porque ao longo do desenvolvimento da civilização, são construídas leis, regras, tabus que terão como objetivo, restringir a satisfação das pulsões. Em detrimento dessas restrições, algumas compulsões serão reprimidas e encontrarão outras formas de satisfação.

Assim, ao perceber que o desenvolvimento da civilização entra em contradição com as suas aspirações de felicidade, o indivíduo experimenta um mal-estar em forma de ansiedade por não conseguir alcançar a realização dos seus desejos, ao mesmo tempo que as exigências impostas pela civilização são demasiadamente pesadas para serem levadas a cabo.

Dessa maneira, se o prazer é algo difícil de experimentar, o sofrimento é muito mais acessível. De acordo com o autor, uma das vias pelas quais o sofrimento ameaça o indivíduo é a via do “nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que

nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência” (FREUD, 1930, p. 50).

Nessa direção, para efeito de comparação, apresenta-se um Mapeamento do mal-estar do sujeito contemporâneo, do psicanalista Joel Birman (2007), a partir da formulação: “O corpo é sem dúvida o registro no qual o sujeito se reconhece hoje na sua máxima *vulnerabilidade*. É neste registro onde aquele se sente mais ameaçado na sua integridade” (p. 27). O autor dá seguimento ao *mapeamento do mal-estar* ao enunciar que a saúde se transformou em um “bem supremo”, atingindo assim, um *status* de sofisticação para o sujeito da contemporaneidade. Contudo, o discurso da saúde se inscreve no discurso da beleza. Nesse contexto, a demanda da biotecnologia uniu-se à demanda do cuidado com o corpo. E o que se presencia é uma enxurrada de academias de exercícios físicos, clínicas de estética, *spas*, super aparelhados, e, bem lotados, para “garantir” uma boa saúde/beleza. Referindo-se a todo esse excesso de cuidados com a saúde/beleza, Birman afirma que isso ocorre devido à condição frágil do corpo; acontece “pelas formas negativas, nas quais o corpo falha e a saúde se desvanece. Assim, da síndrome da fadiga crônica, passando pela fibromialgia e pelo estresse, até à psicossomática, é sempre o corpo que está em questão na sua falibilidade” (p. 28). Percebe-se, então, que o sujeito se expõe, intensivamente, tornando-se vulnerável à aquisição de distúrbios psicossomáticos característicos da contemporaneidade. No entanto, “para estar vivo, este corpo precisa ser também um corpo que goza. Deste modo o corpo está nos três registros: no imaginário do espaço, no simbólico da linguagem e goza como corpo real” (QUINET, 2017, p.79).

O que se concebe é que em épocas diferentes da história da humanidade, o indivíduo tem sonhado com a possibilidade do rejuvenescimento em combate ao envelhecimento, embora Sant’Anna (2001) destaque que, no tempo presente, a reconstrução do corpo através do método científico/tecnológico tem atingido um estágio de banalização no cotidiano dos grandes e pequenos espaços urbanos, contando com um forte suporte da mídia. Seja pelo uso de cosméticos, próteses, cirurgias estéticas, práticas de exercícios físicos e/ou dietas com o objetivo de rejuvenescimento e/ou de vida saudável, as mudanças no corpo parecem ter alcançado um nível tão expressivo, ao mesmo tempo que “os limites do que é certo e errado, falso e verdadeiro, natural e artificial tivessem sido completamente relativizados” (SANT’ANNA, 2001, p.18).

Pensando nessa reconstrução de partes corporais acima citada como tecnologia do corpo, faz-se pertinente refletir que tecnologia implica ir além dos domínios das

ciências exatas e engenharias. “Se o homem é um ser tecnológico, ele o é enquanto um ser de linguagem. É nesse sentido que a linguagem tem um papel e um poder fundador para quaisquer saberes e tecnologias que possam ser criados” (FERREIRA, 2015, p. 84). Dessa maneira, há que se ampliar a noção de tecnologia. Nessa direção, a autora supracitada enuncia:

Formas de linguagem como simbolizar, interpretar, falar, produzir gestos com as mãos, desenhar, pintar, contar, registrar, escrever... estão necessariamente associadas a instrumentos – inventos como carvão, tinta, cunhos, pena, lápis, caneta, máquina de escrever, computador, internet... (FERREIRA, 2015, p. 84).

Ao considerar a associação entre linguagem e tecnologia, discursivamente sustentada pelos dispositivos teórico e analítico, trabalha-se os sentidos de tecnologia do corpo pensada como uma tecnologia a serviço do imperativo de supostos padrões de beleza, ou seja, tecnologia compreendida pelo viés da remodelagem do corpo. Leandro-Ferreira (2013b) se refere às “técnicas que o corpo tem para se movimentar, marchar, andar, nadar [...]” quando cita as “técnicas do corpo” de Mauss (1974). O autor descreve a forma como os indivíduos usam seus corpos em cada sociedade. Tais técnicas corporais se constituem em uma relevante característica que contribui para a inserção desses indivíduos no contexto social e cultural. Desse modo, pensando o objeto em análise - o corpo, não se pode deixar de mencionar a relação do corpo com a tecnologia no sentido de observar como tecnologia, medicina, corpo e consumo se auto/intersustentam nessa discursividade sobre o corpo no documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas*, tendo em vista que “a medicalização/tecnologização visa um corpo perfeito, saudável...” (DIAS, 2012, p. 25).

No viés da medicalização/tecnologização, encontra-se a tecnologia de disciplinarização ligada ao padrão de intervenções. Padrões imaginários que passam a ser hegemônicos. São processos de disciplinarização via tecnologia que devem, supostamente, se alinhar a uma disciplinarização. Assim como as tecnologias linguísticas que por seus instrumentos linguísticos (dicionário e gramática) disciplinam as línguas, as tecnologias da medicina estética também instituem padrões disciplinadores do corpo.

Depois de tudo o que se vê e/ou lê nos discursos dos entrevistados no documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas*, percebe-se que o corpo, materialidade discursiva que não escapa da interpelação ideológica é que dita as regras do bem-estar e do mal-estar. E, tem-se a impressão de que esse corpo não se satisfaz apenas com o

prazer. O corpo exige o gozo que excede, transpõe, desestabiliza. Uma sensação assim descrita por Soares (2001, p. 121): “A fixação no corpo e pelo corpo apresenta-se como ato quase desesperado de posse de algo em que é possível transformar-se, não importando muito as condições para a realização da transformação” Assim, parece não importar se esse gozo está no excesso de cosméticos, de cirurgias plásticas ou de próteses volumosas, o que importa é alimentar a fome de gozo desse corpo que se nutre desses excessos, apesar de se nutrir, também, da falta, o que se observa a partir da colocação da autora (*idem*, p. 109): [...] dos corpos são retirados e acrescentados elementos que apresentem desvios, excesso, falta...”.

Na perspectiva da tríade corpo, sujeito e discurso como foco deste trabalho, tenta-se, ao longo desta pesquisa, responder ao questionamento proposto antes de iniciá-la, quanto às discursividades sobre o corpo, produzidas pelos entrevistados no documentário *Tabu Brasil: Cirurgias Plásticas*. Embora tenha sido possível dar visibilidade a algumas respostas aos questionamentos aqui levantados, convém ratificar o que foi dito, convocando Orlandi (2012): “A relação do sujeito com o corpo aparece como transparente, mas não é [...]. Linguagem, sujeito e história não têm transparência porque têm materialidade. Em sua relação contraditória. E estão afeitos ao funcionamento da ideologia” (p. 85-86). Na opacidade, considera-se o corpo como objeto de discursividades que levam o sujeito, afetado pela história e pela memória, a imagináveis e inimagináveis efeitos de sentidos.

Um outro ponto questionado foi acerca do lugar do corpo no discurso ditatorial da injunção da visibilidade destacada por Haroche (2013). Em relação a essa pergunta, da mesma forma como a anterior, já se teve a oportunidade de considerar sobre a injunção da visibilidade no percurso da leitura que concebe o corpo como “a primeira forma de visibilidade humana (SOARES, 2001). No entanto, faz-se oportuno, também, citar Leandro-Ferreira (2013b): “Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível”. Portanto, esse corpo que olha e se deixa olhar é linguagem, desse modo, é atravessado ideologicamente pela história e/ou historicamente pela ideologia, é corpo da visibilidade e da invisibilidade.

À guisa, não de conclusão, mas de pausa nessa investigação acadêmica, define-se este estágio da pesquisa como gratificante no sentido de que se conseguiu percorrer um pequeno trecho da estrada da linguagem que tem a incompletude como fronteira.

Propício se faz, nesta circunstância, recorrer às sábias e mais que apropriadas palavras de Mariani (2016, p. 167):

Difícil momento, esse de um final de análise, terreno de linguagem arenoso e árido: como transmitir uma experiência totalmente surpresa, pontual e evanescente sobre a qual um dizer de anos se esgarça e se interrompe, mas que, ao fim e ao cabo, não para?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine. Ser visível para existir. *In: AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine (Orgs.). Tirantias da Visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas.* São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.
- BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. Ordem e organização: algumas questões sobre razão e silenciamento na cidade. RUA [online]. 2012, no. 18. Volume 1 - ISSN 1413-2109 Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>
- BARUS-MICHEL, Jacqueline. Uma sociedade nas telas. *In: AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine (Orgs.). Tirantias da Visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas.* São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo.* 2ª. ed. São Paulo: Edições 70. 2008.
- BIRMAN, Joel. O sujeito desejante na contemporaneidade. *In: Indursky, F. & Leandro-Ferreira, M. C. Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites.* São Paulo: Claraluz, 2007.
- _____. Sou visto, logo existo: a visibilidade em questão. *In: AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine (Orgs.). Tirantias da Visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas.* São Paulo: Fap-Unifesp, 2013, p.47-60.
- BOUILLAUD, Jean-Philippe. Do mundo da palavra ao reinado do visível: a revanche de são tomé. *In: AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine (Orgs.). Tirantias da Visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas.* São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina.* Tradução Maria Helena Kühner. 2ª ed. – Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2002.
- BRANCO, L.K.A. CASTELLO. *A língua em além-mar: sentidos e deriva – o discurso da CPLP sobre língua portuguesa.* Tese. Doutorado em Língua Portuguesa, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2013.
- BROUSSE, M.-H.. (2014) *Corpos lacanianos: novidades contemporâneas sobre o Estádio do espelho.* In: *Opção Lacaniana Online nova série, ano 5, n. 15, p. 1 -17.* Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/Corpos_lacanianos.pdf. Acesso em 08 de outubro de 2018.
- CARROZZA, Guilherme. A movência do sujeito no espaço digital. *In: DIAS, Cristiane. Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.*
- CARROZZA, Guilherme. Corpo e imaginário: o doce engodo da consciência de si. *In: SANTOS, Mírian dos e SOUZA, Luciana Coutinho Pagliarini de (Orgs.). Arte, mídia e discurso: interface e produção dos sentidos.* São Paulo: Annablume, 2015.
- CARROZZA, Guilherme; LAMBERT, Fábio Henrique de Oliveira. O sujeito capitalista e o corpo transformado. *Estudos Linguísticos, São Paulo 44 (3): p. 1053–1063, set.-dez. 2015.*
- CARROZZA, Guilherme; GASPARI, Gabriel Paiva Rosa. Consumo, imagem, corpo. *In: ENELIN 2017 textos completos/ VII Encontro de Estudos da Linguagem/ VI Encontro Internacional de Estudos da Linguagem: linguagem, instituições e práticas sociais.* Pouso Alegre, 4 a 6 de outubro de 2017 / organização de Eni Puccinelli Orlandi... [et al.]. – Pouso Alegre: UNIVÁS, 2018.

- CHIARETTI, Paula. O corpo no discurso da ciência e da tecnologia: a lógica *do plug and play*. In ORLANDI, Eni P; RODRIGUES, Eduardo Alves; CHIARETTI, P (Orgs.). *Linguagem, tecnologia e espaço social*. Campinas: RG Editores, 2016.
- CHIARETTI, Paula. Corpo e sujeito no discurso da engenharia genética. *Línguas e Instrumentos Linguísticos* – Nº 40 - jul-dez 2017. p. 151 – 165.
- CONEIN, Bernard. *Materialidades discursivas*. Trad. Eni P. Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.
- COSTA, Greciely. *Sentidos de milícia: entre a lei e o crime*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- COSTA, Greciely Cristina; CHIARETTI, Paula. Um corpo
- COURTINE, Jean-Jacques. Introdução. In: COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges; CORBIN, A. *História do corpo*. As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis: Vozes, v. 3, 2009.
- DIAS, Cristiane. Corpo sobre tela: da potência à fragilidade do sujeito. In: *Corpo, sujeito, sentidos*. Aline Fernandes de Azevedo (Org.) Curitiba: Appris, 2012.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. O papel e o poder fundador da linguagem na reflexão sobre conhecimento e tecnologia. *Entremeios* [Revista de Estudos do Discurso], Seção Estudos, PPGCL, Univás, Pouso Alegre (MG), vol. 11, p. 75-98, jul. – dez. 2015.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 24 ed. São Paulo: Edições Graal, 2007.
- FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira, com comentários e notas de James Strachey. Traduzido do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição de 2006. Volume XIX, “O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)”, p. 261-269.
- FREUD, S. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, vol XXI. Rio de Janeiro. Imago.
- HAROCHE, Claudine. A invisibilidade proibida. In: AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine (Orgs.). *Tirania da Visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.
- HASHIGUTI, Simone Tiemi. *Corpo de memória*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- HEINICH, Nathalie. Um valor controverso: as críticas doutas da visibilidade. In: AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine (Orgs.). *Tirania da Visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.
- HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: Língua, sujeito e discurso*. Trad. Maria Fausta P. de Castro. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012. Edição original: 1971-72.
- LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador das funções do eu (1949). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O corpo enquanto objeto discursivo. In: Verli Petri e Cristiane Dias (Orgs.). *Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013a.
- _____. O corpo como materialidade discursiva. REDISCO – Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013b.
- MARIANI, Bethania. “A impotência das palavras” e o indizível em *morte inventada*. Notas sobre alguns testemunhos. (ou primeiras notas sobre a função testemunhal). In:

- Cavallari, Juliana Santana; Baldini, Lauro e Barbai, Marcos Aurelio (Orgs.). *Discurso e psicanálise: a-versão do sentido*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges; CORBIN, A. *História do corpo*. As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis: Vozes, v. 3, 2009.
- NATGEO homepage. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/>
Acessado em: 01/07/2018.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Palavra de amor. *Cadernos de Estudos da Linguagem*. Campinas, (19): 75-95, jul./dez. 1990.
- _____. As formas do silêncio: movimento dos sentidos, 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1993.
- _____. A desorganização cotidiana. In: *Percursos sociais e sentidos nas cidades*. Escritos nº1. p. 03-10. Campinas: Labeurb/Nudecri, 1998.
- _____. N/O limiar da cidade. In: Revista Rua, Campinas, número especial, p. 7-19, julho, 1999.
- _____. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001: p. 113-115
- _____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4ª.ed. Campinas: Pontes, 2004.
- _____. *Terra à Vista – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. 2ª.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- _____. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 9. ed. Campinas: Pontes, 2010a.
- _____. (Org.). *Discurso e políticas públicas urbanas: a fabricação do consenso*. Campinas: Editora RG, 2010b.
- _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2011.
- _____. *Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.
- _____. Processos de significação, corpo e sujeito. In: *Corpo, sujeito, sentidos*. Aline Fernandes de Azevedo (Org.) Curitiba: Appris, 2012.
- _____. A palavra dança e o mundo roda: Polícia! In GUIMARÃES. E. (Org.). *Cidade, linguagem e tecnologia*. Campinas: Labeurb, 2013.
- _____. Análise de Discurso. In: *Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade*. LAZAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Orgs.), Pontes Editores, 2015: Campinas, SP – 3ª edição, pp. 13 – 35.
- _____. *Eu, Tu, Ele – Discurso e real da história*. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2002.
- _____. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, F. Gadet e T. Hak (orgs.) Ed. da Unicamp, Campinas, 1990 [1969].
- _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp. 1997.
- PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS. M. I. S.: SOIHET, R. (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003. p. 13-27.
- QUINET, Antonio. *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- _____. Antonio. Corpo e linguagem. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista, v.15, n.1, p. 77-88, junho 2017.
- RIBEIRO, Kiko. Nat Geo estreia 2º Temporada de "Tabu Brasil". [Entrevista ao site TV Magazine]. Postado em: 15/05/2013 às 18:54. Disponível em:

<<http://www.tvmagazine.com.br/noticias/nat-geo-estreia-2o-temporada-de-tabu-brasil,20668>> Acessado em: 16/05/2018.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? *In: Corpo e história*. Carmen Lúcia Soares (Org.). Campinas: Autores Associados, 2001.

SANTOS, Mírian dos. Imagem fotográfica: espaço do corpo real ou corpo pulsional. *In: Corpo, sujeito, sentidos*. Aline Fernandes de Azevedo (Org.) Curitiba: Appris, 2012.

SANTOS, Mônica Oliveira. Imagem, memória e espaços enunciativos – a publicidade e o mercado como espaços de enunciação da/sobre a mulher. *In: ZOPPI FONTANA, Mônica G. / FERRARI, Ana Josefina (Orgs.). Mulheres em discurso: identificação de gênero e práticas de resistência – v. 2*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas . *In: Corpo e história*. Carmen Lúcia Soares (Org.). Campinas: Autores Associados, 2001.

SPURK, Jan. do reconhecimento à insignificância. *In: AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine (Orgs.). Tirantias da Visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013, p. 333-342.

ANEXOS

NARRADOR EM OFF:

"Há quatro mil anos atrás, o homem fez uma das primeiras interferências no corpo. Mas, foi somente há cerca de um século que passou a usar bisturis e outros objetos perfurantes para reconstruir ou moldar partes do corpo consideradas imperfeitas. Mas, nunca se dominou tão bem a técnica da cirurgia plástica como hoje. Reformamos narizes, retiramos sobras, redistribuímos gordura. Aumentamos quase tudo que queremos. Redesenhamos o corpo para alcançar um padrão de beleza estabelecido e reforçado pela cultura. Mas, o que acontece quando as medidas que desejamos são muito maiores do que é indicado para o nosso corpo?

O que acontece quando perdemos todos os limites na busca por melhorar a aparência?

E quando o corpo que se tem causa olhares de estranhamento?

Até que ponto estamos dispostos a mudar a aparência? E quando a busca pela beleza entra num ciclo sem fim? Quando a imagem do próprio corpo impede de se ter uma vida normal? Quando o exagero nas medidas pode comprometer o equilíbrio e até a saúde, isso é tabu."

São Paulo - SP

"Nenhuma outra mulher no Brasil tem próteses tão grandes como Sabrina Almeida. Ela carrega 2,0 litros de silicone em cada seio.

Sabrina fez 5 cirurgias plásticas para se aproximar do padrão de beleza que considerava ideal.

Sabrina acredita que a resposta pela fixação por seios cada vez maiores pode estar na infância. Ela mamou no peito da mãe até aos 7 anos.

Os seios de Sabrina serviram como passaporte para que ela entrasse para o mundo da televisão. Ela fazia o papel de *cover* de Pâmela Anderson, atriz americana.

Depois de algum tempo na tv, Sabrina foi batizada de Sabrina Boing Boing.

Sabrina, além de atriz e modelo, toca em várias cidades do Brasil. Ela é disc jôquei. Hoje a noite é eletro. Além da música, o que chama a atenção são os enormes atributos da DJ."

Sete Lagoas – Minas Gerais

“Crescer rodeado por referências de beleza e ideais de perfeição pode ter colaborado para que James França, cabeleireiro e empresário, tenha desenvolvido um vício em retocar o rosto. Melhorar o que enxergava como defeituoso. Os problemas começaram na adolescência.

O tratamento de pele foi o primeiro de uma série de modificações.

Foram 7 intervenções no rosto em apenas 7 anos. Ele seguiria fazendo cirurgias uma atrás da outra se não fosse impedido pelo próprio cirurgião plástico que precisou ter uma conversa franca e direta com James.”

Campo Grande - Rio de Janeiro

“Ao contrário de James, Bete precisou ter coragem para fazer uma cirurgia que a ajudasse a perder os quilos que ganhou ao longo dos anos.

A gravidez foi o ponto de partida para que Bete ganhasse 25 quilos. Mas a morte do marido, seis anos depois do nascimento da filha foi decisiva para o aparecimento da obesidade.

Bete chegou a 112 quilos. As doenças chegaram junto com o aumento do corpo.

A operação bariátrica é indicada depois que todos os outros recursos – dieta, exercícios físicos, remédios emagrecedores – foram esgotados. E é na mesa de cirurgia, diminuindo o estômago, restringindo a absorção do intestino ou os dois, que a obesidade poderá ser revertida.

O Brasil é o segundo país em números de cirurgias bariátricas. Há oito meses Bete foi operada. Perdeu mais de 30 quilos, mas o que ela não esperava era que a pele, maior órgão do corpo, ficasse acumulada na barriga, caída como um avental.

Bete está a menos de 2 dias de fazer uma cirurgia plástica que retirará o que desequilibra o seu corpo e a livrará de uma demorada rotina de higiene.

A ideia é que Bete volte a ter um corpo que não vê há mais de 20 anos.

Nos dias de hoje o corpo pode vir a ser a única representação do sujeito. Em muitos casos, é ele que diz quem você é como se fôssemos somente uma forma. E assim a aparência passa a ser um valor absoluto. Ser belo por fora é quase um dever. Vivemos numa época de perfeição bela obsessão que leva a extremos. Provoca doenças. Exclui corpos.

A maioria das pessoas quer ser reconhecida pelo seu talento, pelas suas habilidades, mas algumas vezes quem dá o passaporte para a vida social é o corpo construído cirurgicamente. Estamos vivendo mais, mas não aceitamos os sinais da velhice. O desejo é de controlar o tempo. Na impossibilidade de pará-lo, tentamos a todo custo atrasá-lo. Mas nem sempre o desejo de mudança é sinônimo de vaidade. Para algumas pessoas pode ser o sintoma de uma doença: a dismorfia corporal.”

Belo Horizonte – Minas Gerais

“James França trabalha em um salão rodeado por espelhos. É sócio de um salão de beleza junto com seus pais. Sua imagem e os detalhes de seu rosto o perseguiram durante muito tempo. Ele só ficou em paz depois de passar por 7 cirurgias. A primeira aos 23 anos.

James chegou ao extremo de ter que prometer ao cirurgião que ficaria dez anos sem fazer qualquer tipo de intervenção, mas isso não significava parar de perseguir o que considerava um corpo perfeito. Há quatro anos James frequenta uma academia seis vezes por semana, mantém uma taxa de 5% de gordura no corpo através de um rigoroso cálculo matemático entre as calorias que consome e a quantidade que queima com os exercícios. Tudo milimetricamente pensado e vivido com enorme disciplina.

O percentual de gordura que James tem no corpo - 5% - , é algo difícil de encontrar até em atletas de alta performance. O ideal indicado por médicos é ter no mínimo 8% de gordura corporal. Abaixo desse patamar, o sistema imunológico pode ficar comprometido, assim como a produção de alguns hormônios. James come de 2 em 2 horas, religiosamente.

O que James quer manter na medida, Sabrina quer ultrapassar. Ela veio para São Paulo há nove anos e foi aqui que colocou 900 ml. Tamanho considerado exagerado mesmo nos dias de hoje. Ganhou *status* de celebridade. Conheceu Alexandre, seu namorado. Deixou para trás uma infância sofrida vivida na periferia de Caxias do Sul.

Esse é um passado desconhecido por muitos. O que salta aos olhos são os implantes que Sabrina colocou. E por causa deles foi chamada para participar de um programa de televisão para defender as modificações corporais.

No programa de televisão, Sabrina revelou que vais colocar mais silicone nos seios, fazer uma lipoaspiração e injetar gordura nos glúteos e nas rugas que ficam entre o canto do nariz e a boca. Tudo de uma vez só. E que a data da cirurgia está próxima. Não é aconselhável que se faça muitas interferências no corpo em uma única operação.

Isso significa que o paciente ficará muitas horas na mesa de cirurgia e o aumento do tempo está diretamente relacionado aos riscos à saúde. A perda sanguínea é muito maior. A chance de infecções se eleva e o aparecimento de uma trombose venosa que pode evoluir para uma embolia pulmonar não deve ser descartada.

Não está nos planos de Sabrina ter filhos, mas caso os tivesse, não poderia amamentar. A última mamografia realizada revelou que suas glândulas mamárias estão atrofiadas.”

Rio de Janeiro – RJ

“Bete chega ao Hospital Federal do Andaraí onde vai fazer a cirurgia que retirará a enorme sobra de pele.

Bete só se dá conta da complexidade da operação que está prestes a fazer quando o cirurgião começa a desenhar em seu corpo a área que será cortada.

Bete será operada com a técnica que foi aprimorada pelo Dr. Roxo e mais dois médicos brasileiros. Uma cirurgia mais rápida e segura com menor perda sanguínea e tempo de internação reduzido.

A expectativa da equipe médica é que Bete perca na cirurgia pelo menos 6 kg. É o peso estimado da pele que ainda está presa a seu corpo.

Nunca demos tanta importância à aparência, à imagem que passamos para os outros. A ordem é: podendo, fabrique seu próprio corpo.”

São Paulo - SP

“Ainda é madrugada na cidade de São Paulo. Em poucas horas, Sabrina deitará numa cama de hospital para fazer várias cirurgias de uma só vez. Será a 6ª troca de próteses de silicone e a primeira lipoaspiração da vida. A gordura que sairá do corpo será injetada nos glúteos e nas marcas de expressão que descem do nariz até a boca. Uma reforma geral! Uma enorme intervenção cirúrgica.

A lipoaspiração foi a cirurgia plástica mais realizada no Brasil no ano de 2011. Do total das operações estéticas, 23,32 % foram lipos. A mamoplastia de aumento vem em 2º lugar com 16,45%. Assim que chega ao hospital, uma movimentação estranha chama a atenção. Uma equipe de jornalismo estava de prontidão para noticiar a morte de uma paciente. Ela havia colocado próteses de silicone na noite anterior. Por causa dessa tragédia, a equipe não poderá acompanhar a operação de Sabrina. Não se sabe o que provocou a parada cardiorrespiratória da paciente. Mas, casos de morte associados à cirurgia plástica estão aparecendo com mais frequência nos jornais. Uma das

recomendações, além de fazer os exames pré-operatórios e conhecer o hospital onde a cirurgia será feita, é conhecer bem o médico que irá fazer a operação.

O procedimento durou cerca de 5 horas.

A prótese de 2,5 litros vai esticar a pele. Vai abrir espaço no corpo para colocar o tamanho que ela desejava: 3,0 litros de silicone em cada seio.

Sabrina calcula que gastou cerca de R\$100.000,00 desde o primeiro implante de silicone. O peso exagerado dos seios altera o centro de gravidade do corpo. Uma das possíveis consequências desse desequilíbrio é o aparecimento de uma curvatura na parte superior da coluna. E muitas vezes o desgaste precoce dos discos entre as vértebras. Três dias após a cirurgia Sabrina já se prepara para o carnaval. Hoje à noite irá para o sambódromo. Mas ainda sente muitas dores e não pode dispensar o uso de uma cinta pós-operatória que é obrigada a trocar toda vez que há sangramentos.”

Belo Horizonte – Minas Gerais

“Impedido de continuar a fazer cirurgias plásticas pelo próprio médico, James França criou uma rotina rígida de cuidados com o corpo. Cálcio, comprimidos de colágeno, chá verde, suplemento para aumentar a produção de testosterona, proteínas em pó 3 vezes ao dia e por último uma vitamina para proteger o fígado.

James gasta em média R\$5.000,00 por mês para manter a aparência. Até hoje desembolsou cerca de R\$52.000,00 em cirurgias e tratamentos de pele. O efeito dessa dedicação é checado todos os dias.”

Rio de Janeiro – RJ

“Está muito próximo de Bete retirar as imensas sobras de pele que deformam o seu corpo. Todos os exames foram feitos para que ela opere com a maior segurança possível. Exame de sangue, risco cirúrgico, radiografia de tórax, eletrocardiograma. Ela fará uma abdominoplastia multifuncional. Não só o abdômen será redesenhado. Espera-se que o púbis e o terço superior das coxas acabem sendo beneficiados com o reposicionado da pele. Apesar de toda a confiança que Bete tem na equipe do Dr. Roxo, ela sabe que uma cirurgia sempre envolve risco.

Bete sabe que vai ficar com uma enorme cicatriz em forma de âncora. A cicatriz que restou da cirurgia bariátrica que corta o abdômen será refeita. Irá juntar-se a ela uma outra que possibilitará um novo desenho de corpo.

A equipe que auxilia o Dr. Roxo é grande. Cada um entra na cirurgia sabendo exatamente o que precisa fazer. A pele, já demarcada com um desenho, começa a ser cortada com um bisturi.

A região que sobrava já foi toda recortada. 8.300 kg de pele estão prestes a sair do corpo da Bete. Momento impressionante que o Dr. Roxo batizou de “o voo da águia”. O próximo passo é trabalhar a musculatura. Criar uma tensão que deixará o abdômen mais rígido.

Enquanto isso, uma outra parte da equipe começa a cirurgia os braços. 1:14 h já se passaram. Bete perdeu mais de 10% de seu peso. Barriga e braço somaram 8,5 kg.

Nunca o nosso corpo foi objeto de tantas interferências cirúrgicas, de procedimentos de beleza que surgem a cada ano. Só é feio quem quer pode ser a máxima cruel dos últimos tempos. Ter corpos fora do padrão passou a ser um tabu.”

Belo Horizonte – Minas Gerais

“James está em uma clínica de um dos 5 dermatologistas que cuidam de sua pele. Hoje veio fazer uma hidratação injetável na área dos olhos.”

São Paulo - SP

“Sabrina fez uma lipoaspiração em várias partes do corpo. Injetou gordura nos glúteos, preencheu rugas que desciam do nariz para a boca, colocou 2,5 l de silicone em cada seio há apenas 3 dias. Ignorou ordens médicas para aparecer no carnaval.

Mas para Sabrina, o carnaval era uma oportunidade impossível de ignorar mesmo correndo o risco de sangrar. Mesmo colocando em risco o resultado da cirurgia. É indicado ao paciente esperar duas semanas para que retorne às atividades físicas, começando com exercícios de baixo impacto. O corpo recém moldado por uma cirurgia plástica precisa de um tempo para se regenerar.

O novo corpo turbinado por mais uma cirurgia foi apresentado, fotografado, observado. Mas as novas formas foram expostas durante pouco tempo. As dores da operação recente ainda eram muito fortes. O carnaval para Sabrina foi muito breve. O paciente que não cumpre as determinações prescritas no pós-operatório pode ter a cirurgia comprometida. Hematomas, formação de líquidos, abertura dos pontos, infecção e no caso da lipoaspiração, pequenas depressões podem se formar no corpo.”

Rio de Janeiro – RJ

“A cirurgia foi um sucesso. Foram retirados 8,5 kg de abdômen e de braço. Durante os próximos 2 ou 3 meses Bete terá que usar uma cinta todos os dias.

O vestido que há apenas 24 h não serviria de forma alguma, agora veste bem o novo corpo da Bete.

Se bem utilizada, a cirurgia plástica reparadora pode ser um instrumento importante para reintegração na sociedade. Mas quando essa técnica é usada de forma incessante em uma busca pela perfeição, algo impossível de ser alcançado, isso pode ser sinal de uma relação doentia com o espelho.”

JAMES FRANÇA:

“Eu cheguei a usar um termo um pouco forte com ele. Eu falei assim: ou você me opera ou vou procurar qualquer açougueiro que faça isso.

Para muitos homens ainda é um tabu assumir que fez alguma coisa.

Eu não tinha autoestima boa. Minha autoestima era baixa antes das cirurgias. Eu me achava o patinho feio da turma e isso me incomodava muito, a ponto de eu não sair no final de semana pelo excesso de espinhas no rosto.

Quando a pele melhorou, sobressaiu o nariz ao resultado da pele melhorada. Ele era desproporcional ao rosto. Só que em casa, eu comecei a olhar no espelho e via que não era só o nariz que me incomodava. Que eu não tinha expressão do lábio. Eu sorria e não apareciam meus dentes. Aí eu fiz a remodelagem do nariz, fiz o desenho do lábio superior com artecoll, um fio de acrílico e injetei colágeno no lábio superior. Dois anos depois eu resolvi fazer a cantopexia. O meu olho era mais ou menos isso... ele tinha um olhar triste, caído. A cantopexia é uma cirurgia de pálpebra que é feita e amarra a musculatura inferior na superior. Passados dois anos, depois, aos 28 anos, mais ou menos, eu fiz enxerto de queixo pra poder dar um desenho melhor ao ângulo e eu coloquei aparelho nos dentes. O aparelho que eu usei nos dentes não foi pra consertar a dentição. Não tinha dente torto. Era pra trazer o maxilar pra baixo. Eu cheguei, depois dessas cirurgias, a querer mexer em um lado do rosto porque eu cismava que eu tinha um olho que era mais caído. Era uma pálpebra mais caída que outra.

Na época, ele fez eu prometer que durante 10 anos eu não colocaria bisturi no meu rosto. Não mexeria mais.

Foi primeiro o nariz, depois a boca, depois eu fiz a cantopexia pálpebra, depois inseri o fio russo pra poder levantar a musculatura ocular, coloquei o queixo, depois fiz

o CO2 que é o *laser* da pálpebra e preenchimento com PPMA aqui (testa) que eu tinha isso aqui muito profundo (ele mostra a região entre as sobrancelhas).

Antes de treinar eu sempre tenho que tomar essa vitamina que é uma vitamina à base de leite de soja, aveia, banana e mel e o pão de queijo justamente por não conter glúten. Eu preciso da quantidade exata de carboidrato e da quantidade exata de proteína no dia, justamente porque é o que eu preciso repor e gastar aqui dentro senão eu vou desequilibrar o que eu faço aqui dentro, os exercícios. Pós treino eu tenho que tomar um *shake* com proteína. É uma proteína de lenta absorção. Ela vai funcionar no meu organismo durante o tempo que eu tiver dormindo. Então à noite carboidrato quase zero. Depois do treino, não posso.

Tem uma cozinheira, uma copeira que ela fica por conta da minha alimentação. Então, eu tenho uma vitamina, um *shake* que é preparado pra mim às 10:00 da manhã, às 2:00 da tarde e às 5:00. Nesse intervalo eu tenho as refeições normais.

A sensação que eu tenho da cânula entrando na pele e ela mexendo lá dentro, pra mim é uma satisfação. Não chega a ser dor. É quase um prazer, uma satisfação. Então não me incomoda. A dor, ela praticamente fica anulada perto da satisfação. Pela vermelhidão que tá eu acho que eu consegui ver o que eu quero.

Tenho aqui essa *nécessaire* que ela literalmente, acompanha toda viagem, todo lugar que eu vou. E são cuidados básicos que eu tenho com o corpo e pele. Protetor para braços porque tanto a luz fria é tão prejudicial quanto o próprio sol. Então eu uso protetor solar no braço, protetor solar no rosto 2 vezes no dia, só que antes do protetor solar eu aplico esse creme que é um *anti-aging* que previne marcas de expressão. Todos os dias depois que eu tomo banho, lavo o rosto, eu tenho um aparelho que você vai removendo toda a produção de glândula oleosa do rosto, tirando todo o protetor ou qualquer resíduo de creme que fica. É como se fosse um esfoliante. Depois de usar esse aparelho, aí eu passo esse produto pra área dos olhos, esse ácido no rosto todo e aplico esse outro ácido por cima e ainda uso esse corretivo que quando aparece alguma espinha, alguma coisa que me incomoda, eu acho que qualquer pessoa vai ver antes que eu chegue no lugar, a espinha que tá no rosto. Então, depois de passar o protetor solar, eu uso esse corretivo pra, literalmente, esconder qualquer marquinha que venha me incomodar.

É uma mania que eu tenho. Normalmente eu fico nu, olhando normalmente costa, frente. Vejo se tem alguma marca, se saiu espinha na pele porque é uma coisa que

me incomoda profundamente, algum tipo de marc.a. Então é um ritual literalmente ficar todos os dias olhando no espelho se tem algo diferente, se a academia tem me dado o resultado que eu quero, que eu busco. Eu fico me analisando de frente, de costa. Analiso tudo. Olho pele, olho se tem espinha, se aumentei a massa do peito, se eu consegui definir o abdômen, se tá legal a questão de ombro, se o braço não cresceu muito porque eu não acho legal nada exagerado. Eu tenho uma balança. Todos os dias depois do treino eu subo pra ver se eu aumentei, se eu diminuí, se a minha carga tá a mesma, se eu preciso modificar alguma coisa na minha ficha na academia, pra literalmente manter, porque eu quero manter um padrão. Pra isso tem essa análise diária, pra ver se tá do jeito que sempre estive. Quero perder, por exemplo, 5% de gordura que eu mantenho.

A cirurgia plástica pra mim, ela foi essencial. Ela foi necessária pra me tornar o que eu sou hoje. Faria tudo de novo? Faria tudo de novo.”

SABRINA ALMEIDA:

“Meu objetivo, o foco, que eu acredito, pronto, estou satisfeita, estou realizada, são os 3,0 litros. Até eu já fiz no computador a perspectiva. Perfeito. Nossa! Apaixonei por mim mesma.

Eu gosto do tamanho, só que eu sei que pode ficar melhor. Quero uma projeção maior. Eu quero uma coisa parecida, assim (ela usa as mãos para mostrar como quer que fiquem).

Cabelo loiro, peito grande. Era isso, era o perfil que eu achava atraente. E aí, com 18 anos eu fiz a minha primeira cirurgia. Coloquei 300 ml de silicone. Eu olhei, logo em 15 dias, o peito que eu achava que ia ficar... tava muito menor do que esperava. Aí veio uma frustração que aí virou uma obsessão. Agora eu preciso trocar esse silicone. Tá muito pequeno. Depois de um ano eu já consegui trocar pra 450. Outra decepção porque não mudou quase nada. Eu fiquei, acho que 3 anos ainda com o meu peitinho de 450 ml. Aí eu consegui trocar pra 900 ml. Aí eu falo pra você: aí minha vida mudou!

Ela teve outro filho logo em seguida e aí ela não parou de produzir leite. E eu continuei mamando e ela continuou produzindo leite. Então eu passei 7 anos. Meus primeiros 7 anos da vida foi com um peito no meu rosto.

De 900 eu parti pra 1,5 e depois 2,0 litros. Eu fico sempre imaginando como será os 3,0 litros... porque aí começa já desde cima. Uma *ball* (ela usa as mãos para mostrar o local onde começarão e a proporção que tomarão).

O apelido foi dado no meio de uma gravação. Por causa do movimento. Meu peito pulava, aí era uma onomatopeia: boing, boing, boing. Coisa de apresentador. Criativo! E o apelido pegou.

Eu nunca imaginei que um simples par de peito grande ia causar tudo isso. Nunca!

A gente tinha muitas vezes só pão pra comer. Outras vezes era só polenta que no sul, né, o pessoal come polenta que é farinha com água, um pouco de sal, pronto, tá pronta a alimentação. É até uma coisa assim, acho que a maioria das pessoas nunca imaginou, mas tinha que recorrer ao lixão. A gente morava perto de um depósito de lixo pra pegar brinquedo, roupa e até alimento assim que dava pra reaproveitar... eu e as outras vizinhas, meninas da minha idade, a gente ia.

O peito é o que eu mais busco. Mas, o que me deixa apreensiva por ser uma novidade é a lipoaspiração. Nunca fiz e vai ser uma cirurgia grande. Várias partes do corpo. Então, é isso que eu tenho um pouco de medo da dor que isso pode me causar.

Eu já tô desenhada. Aqui, meu rosto. Quero tirar o bigode chinês, a gordurinha aqui da axila, aqui atrás também (ela mostra). Tô esperando o anestesiologista que logo ele vem me anestesiaria, que eu já entro na cirurgia já apagada.

Fechei o olho, quando eu abri já tava tudo feito. Foi muito bom. Muito bom mesmo! 2,5 porque 3,0 não coube.

Então, na próxima eu vou conseguir. Agora falta muito pouco. O passo já foi dado.

Jesus! Nossa! (Essas interjeições são usadas no momento de colocar a cinta. São expressões de dor)

Mas eu acho que pra 3 dias eu tô bem. O roxo já está se dissolvendo. Os hematomas estão se dissolvendo. Eu só tô tendo um pouco de sangramento. Mas, é pra desinchar, sai sangue junto com líquido. Tô ansiosa pra ir no sambódromo, vestidinho curto com a bunda maior, peito maior. Pena que eu não vou poder nem sambar. Eu vou pro carnaval sangrando, vou. Nem que de lá eu vá direto pro hospital.

Eu acho que não existe uma festa melhor e nem mais grandiosa onde eu pudesse estrear essa minha nova fase, esse meu novo eu.

Acho que valeu a pena cada centavo gasto, cada minuto de dor, cada gota de sangue que eu perdi. Valeu a pena!

Eu acredito que os 3,0 litros que é o meu objetivo, eu paro.”

ELISABETE DIAS COUTO:

“De costas é uma medida, de frente é outra.

Eu fiquei assim muito magrinha até os 20 anos. Aí com 20 anos eu tive a minha filha e ganhei muito peso. Eu pesava uns 55 mais ou menos e de 55 eu passei a 80.

Aí o meu diabetes já tava descontrolado. Pressão descontrolada. Ácido úrico. Eu descobri que eu tinha eateatose. Eu tinha um monte de problemas e todos eles causados pelo excesso de peso. E aí ele me orientou. Ele falou: Bete, pensa na possibilidade de fazer uma cirurgia.

Depois da cirurgia, meu corpo afinou e eu, o meu peso se concentra todo aqui (Bete segura a enorme quantidade de pele na região do abdômen). Eu tenho que ter um cuidado enorme pra não cair de cara no chão. Desço a escada de lado. Eu nem percebia que eu descia a escada de lado. Então eu fico pendulando pra frente. É uma imagem que assusta.

O banho não pode ser muito demorado. O trabalho dá é mais depois do banho. Então eu preciso levantar a dobra, secar muito bem, secar entre as pernas. Se tá normalzinho não pode faltar talco e se tá com alguma ferida, tem que passar pomada.

Gordura é tudo de ruim, entope as veias do coração Só que ela vai chegando devagarinho, devagarinho, devagarinho. Se a gente não tiver muito atento, ela domina todo nosso organismo, acaba com nossa saúde e deixa a gente mal demais.

O Dr. Carlos disse pra mim que eu precisava levar um vestido. Ele queria um vestido: “Mas eu quero um vestido bonito. Um vestido que não dê em você agora. Você vai sair daqui com ele”. Aí eu fui pra loja ontem, experimentei um que deu em mim, aí eu peguei um número menor. Tô levando, né. Ele disse que vai dar. E eu tô assim ansiosa. Tô ansiosa, mas tô feliz, sabe.

Medo? Do vestido novo não dar (risos). Mas eu tô desconfiada que ele vai dar. Depois do que eu vi hoje, depois de todas as marcações que ele fez aqui, depois de tudo que ele, sabe, calculou que vai sair, o vestido entra. Entra e vai ficar bom, vai ficar bonito.

Eu rezo todo dia. Rezo porque me faz bem, me dá confiança, eu acredito no que eu rezo, então, isso me faz muito bem, muito bem mesmo. E na minha casa ficou um monte de gente rezando por mim. Então, quando eu tô rezando eu sinto que tô em sintonia com eles.

Todo dia, eu acordava e convivia com aquela barriga, com aquele problema. Me livrei de uma coisa que não me pertencia, mas que carreguei por quase 20 anos.

É como se eu tivesse posto fim a um ciclo. Acabou! Passei, não tive outro jeito, tinha que passar, passei, mas acabou.